

# In Memoriam de João de Araújo Correia



*Colecção Tellus*  
Câmara Municipal de Vila Real





Título: *In Memoriam de João de Araújo Correia*

Autores: A. M. Pires Cabral, Alexandre Parafita, António Moreira Cardoso, António Fortuna, António José Borges, Francisco Gouveia, João Bigotte Chorão, José Braga-Amaral, José da Cruz Santos, M. J. Martins de Freitas, Maria Alzira Seixo, Maria da Assunção Morais Monteiro, M. Hercília Agarez, Mário Mendes, Nuno Nozelos  
Organizado por A. M. Pires Cabral

Colecção *Tellus*, n.º 21

Edição: Grémio Literário Vila-Realense / Câmara Municipal de Vila Real

**Desta obra fez-se uma tiragem suplementar de 200 exemplares para a Câmara Municipal do Peso da Régua**

Tiragem: 300 + 200 exemplares

Março de 2010

Depósito Legal: 304742/10

ISBN: 978-972-9462-73-3

Composto e impresso: Minerva Transmontana, Tip., Lda. — Vila Real

In Memoriam de  
João de Araújo Correia



## *Palavras prévias*

*Fez no dia 1 de Janeiro passado um quarto de século que João de Araújo Correia nos deixou. Tinha feito no dia anterior 85 anos de idade.*

*A sua morte foi uma perda irremediável para a literatura nacional e, por maioria de razão, para a literatura trasmontano-duriense. Unanimemente considerado um dos grandes mestres da língua portuguesa, foi de igual modo na opinião geral um extraordinário contista e cronista do seu Douro.*

*A sua figura de escritor, e também de médico João-semana, não está felizmente esquecida, e de quando em quando têm lugar ações evocativas. Criou-se mesmo, na cidade do Peso da Régua, uma Tertúlia João de Araújo Correia, que se encarrega de ir mantendo viva de várias maneiras a chama da sua memória.*

*Mas, nos 25 anos sobre a sua morte, pareceu ao Grémio Literário Vila-Realense oportuno publicar um pequeno In memoriam, em que se reúnem textos, na sua esmagadora maioria inéditos, de pessoas que sabemos serem admiradores do autor desses extraordinários Contos durienses ou que o conheceram de perto. São fundamentalmente textos de duas naturezas: de estudo e de evocação pessoal. Temos consciência de que não é ainda o In memoriam que João de Araújo Correia merece; mas é o In memoriam possível neste momento e, estamos certos, a semente para o grande In memoriam que um dia há-de iluminar com mais definitiva luz o vulto do enorme escritor de Canelas do Douro.*



## Cartas de João de Araújo Correia

Não faz muito tempo, toda a gente escrevia cartas. Cartas de amor, de amizade, de saudade, de circunstância, ou simples cartas sem motivo, ao desenfado. Mas um escrevedor de cartas não é necessariamente um epistológrafo. Tal como nas minazes palavras de Jesus a respeito do ingresso no reino dos céus, muitos serão os chamados e poucos os escolhidos. Uma coisa é escrever ao correr da pena sobre amores e saudades, sobre negócios e viagens, outra coisa muito diferente é fazer de cada carta uma pequena obra de arte, graciosidade ou engenho. Mesmo quando o assunto são coisas comezinhas.

João de Araújo Correia, esse sim, foi um epistológrafo. Não no sentido de quem se serve das epístolas como cátedra para doutrinar ou comover ou amotinar, e as escreve com o olho posto na futura publicação, mas precisamente naquele sentido de que falávamos agora mesmo, de saber bolear uma carta de maneira que não seja apenas um recado seco, mas algo de emocionalmente envolvido.

Foi o nosso contista e cronista um epistológrafo da mesma maneira que Camilo Castelo Branco o foi. Não terá escrito, porventura, tantas cartas como o homem de Ceide, que parece que encontrava tempo dentro do próprio tempo para escrever os volumes que escreveu e ainda para manter uma correspondência aturada com este e aquele — editores, familiares, amigos do coração.

Mas mesmo isso quem o pode afirmar hoje com certeza? De qualquer modo, as que escreveu, escreveu-as com tanto fulgor quanto Camilo. Nunca as deixava resvalar para a vulgaridade. Ainda quando havia perigo disso, resgatava-as com algum um assomo de graciosidade, algum gesto de aconchego amável.

De Camilo Castelo Branco foram publicadas até hoje centenas e centenas de cartas. Tornou-se mesmo necessária a especialização, que torna mais evidente a magnitude da sua epistolografia: publicaram-se volumes de cartas de Camilo a fulano, cartas a sicrano, cartas a beltrano.

João de Araújo Correia não teve ainda essa fortuna. Sabemos que há inúmeras pessoas (conhecemos algumas) que têm em seu poder cartas, mas as mantêm na esfera do privado, possivelmente porque ainda não terá surgido o estudioso credível que as colija e anote. Mas há que fazê-lo. Há que estabelecer um levantamento de destinatários dessas cartas (ou seus herdeiros, no caso de já falecidos) e obter deles autorização para a estudar e publicar.

Pela minha parte, embora sendo colecionador muitos furos abaixo de modesto, estou disponível para facultar as cinco cartas de João de Araújo Correia que possuo. O que faço hoje mesmo, transcrevendo-as com fidelidade tabeliônica e contextualizando-as brevemente.

Não o farei, contudo, sem deixar aqui, no limiar da transcrição, dois apontamentos que me parecem interessantes e virem ao caso.



Um é uma referência a um cartão que João de Araújo Correia mandou imprimir e usava para acusar e agradecer a recepção de algum livro, artigo ou coisa que o valesse. Rezava assim:

*Sou do tempo em que a gratidão era uma linda palavra e, mais do que palavra, um belo sentimento. Ainda sei conjugar, de ponta a ponta, o verbo agradecer. Hei-de conjugá-lo até ao último sopro sem erro de sintaxe. Tempos e modos sairão da minha boca moribunda como fio de pérolas contrito de alguma vez, nos conflitos da luta pela vida, os ter menosprezado.*

Recebi e guardo dele alguns cartões desses. E sempre os li com uma ponta de emoção, ao imaginar o velho leão das letras, confinado ao cadeirão do escritório onde o vi uma vez e mal podendo já com a caneta, e por isso delegando num cartão impresso (que todavia assinava sempre e a que acrescentava uma pequena frase amável), a agradecer-me alguma pequena, insignificante fineza como se de um grande favor se tratasse.

O segundo apontamento prévio é para dar a conhecer que existe no Grémio Literário Vila-Realense — oferta generosa de Camilo de Araújo Correia e suas Irmãs — uma bonita caixa de madeira negra profusamente lavrada com motivos da selva. A caixa, espécie de pequeno relicário, servia para João de Araújo Correia guardar a correspondência que lhe merecia especiais cuidados na resposta, enquanto não se lhe ajeitava ocasião ou disposição para responder. Pergunto-lhe quantas cartas ali se terão recolhido à espera de maré para resposta. E cartas de quem? A respeito de quê? A caixa misteriosa não me responde. Mas eu posso imaginar as pérolas que ali se terão guardado — e sobretudo as pérolas que essas pérolas terão arrancado do espírito cintilante de João de Araújo Correia.

E agora, sim, vamos às cartas.

\* \* \*

30.5.82

*Ex.<sup>mo</sup> Senhor*

*António Manuel Pires Cabral:*

*A poesia de V.Excia tem vislumbres de poesia clássica — muito agradáveis para o meu gosto.*

*Quem me diz a mim que não começará em V.Excia uma salutar reacção contra o neo-gongorismo? Este diabo custa-lhe dar o grito. É uma novidade que teima em não envelhecer. Mas, terá de lhe chegar a hora...*

*Sinal de poesia transparente, sem perda de mistério, que nunca deve ser rebuscado, é o Carpe Diem, a páginas 15 dos Cavalos da Noite. Sabe a limpidez sem prejuízo daquilo que distingue prosa e verso.*

*Não digo mais nada a V.Excia por me parecer que lhe bastará meia palavra.  
Muito obrigado a V. Excia pela oferta e dedicatória do seu livro o  
Admirador e Confrade*

*João de Araújo Correia*

Esta foi a resposta, benevolente resposta, ao meu envio de um livrinho de versos que publiquei em 1982 na saudosa editora Setentrão, do Dr. Otilio Figueiredo, chamado *Os cavalos da noite*. Recordo que o enviei a medo, pois era, em alguns pontos, uma poesia que estava longe da clareza meridiana da linguagem literária de João de Araújo Correia. Mas enviei, pronto. A resposta que me chegou, quase na volta do correio, provocou-me um suspiro que se ouviu em Almodena. Mesmo descontando o que pudesse significar de indulgência para com os desacertos de um camarada de letras mais novo e inexperiente.

\* \* \*

*20 de Fevereiro de 1984*

*Meu prezado e Ilustre Amigo  
Dr. Pires Cabral:*

*Logo que receba o número 12 da sua revista, medirei as minhas forças para colaborar na sua redacção sem incongruência. Colaborarei com algum conto ou artigo que me não obrigue a leituras bibliográficas. Desde o grave desastre que sofri, no dia 3 de Dezembro do ano passado, mal saio de uma poltrona. Aqui me entretenho a ler livros amenos e a despachar alguma correspondência.*

*Por via de tamanha inutilização, à parte o declínio próprio da idade, não poderei filiar-me no Círculo de Estudos Camilianos. Apenas poderei servir o culto de Camilo, publicando na revista supra algumas impressões de leitura, relacionadas com o escritor. Trabalho fecundo não prometo.*

*Com a maior admiração e simpatia,*

*João de Araújo Correia*

Estava-se então a esboçar aquilo que daria pelo nome de Jornadas Camilianas, que tantas saudades deixaram em tantos. Conhecendo a costela de camilianista da João de Araújo Correia

(tinha lido havia pouco tempo com deslumbramento o seu *Uma sombra picada das bexigas*), fui-lhe bater à porta, a tentar arregimentá-lo para colaborar na Revista *Tellus*. Respondeu-me desta forma. Infelizmente, a revista e as jornadas só puderam contar com dois artigos de João de Araújo Correia, lidos *in absentia*, porque de facto a sua saúde já não lhe permitia mais do que isso. Saíram os textos nos números 13 e 15, respectivamente.

\* \* \*

31 de Maio de 1984

*Meu prezado e Ilustre Amigo*  
*Dr. Pires Cabral:*

*Não me é possível, por falta de saúde, colaborar pessoalmente, aí em Vila Real, nas próximas jornadas camilianas. Contribuo apenas com o minúsculo trabalho, que junto lhe envio e se intitula Figura de Urso.*

*Não sei se convirá ao programa das festas o meu escritinho. Penso que sim se considerarmos Camilo como escritor vila-realense. Assim considerado, é indispensável que a sua memória literária seja defendida na sua verdadeira terra.*

*A chacota de Moravia é mais grave que uma violência. Merece que Vila Real lhe dê com o aléu.*

*Mas, se o artigo não tiver cabimento nas manifestações camilianas, tenha a bondade de mo devolver.*

*Se o aceitar, peço-lhe de joelhos que me evite as gralhas no memorial das comemorações. Com a maior admiração e simpatia,*

*João de Araújo Correia*

Claro que “Figura de Urso” serviu. Era um remoque repleto de graça, sem prejuízo de um *quantum satis* de contundência, à indiferença enjoada por Camilo Castelo Branco que Alberto Morávia, célebre romancista italiano, manifestou durante uma visita à Casa Amarela de São Miguel de Ceide. Foi lido nas Jornadas Camilianas (as primeiras) e vem publicado a páginas 62 do n.º 13 da Revista *Tellus* — supomos que livre de gralhas, que, pelos vistos eram um dos terrores de João de Araújo Correia.

\* \* \*

24 de Setembro de 1984

Meu prezado e Ilustre Amigo  
Dr. Pires Cabral:

Muito obrigado à oferta de múltiplos textos relativos às primeiras Jornadas Camilianas de Vila Real.

Bem haja também V. Excia pela citação do meu nome na introdução às conferências e por me apontar, com dedo amigo, outras citações.

Obra incipiente, como a das jornadas, não pode ter sido tão perfeita, que se diga: é inútil prosseguir. Vila Real pôs o ramo, etc...

Mas, na execução de qualquer obra, o que mais vale, como segurança, é o alicerce.

Vila Real, como afirmava Camilo, tem gente para tudo.

Se assim é, como creio, vamos ter em Vila Real, em cada ano, um Santo António mental cada vez mais brilhante. Bem o merece Camilo como vila-realense e como escritor supremo em originalidade.

Apertado abraço do  
Admirador e Amigo de V.Excia

João de Araújo Correia

De facto, até 1990, Vila Real teve cada ano um «Santo António mental», na pitoresca imagem de João de Araújo Correia. Foram sete edições de Jornadas Camilianas, a que se seguiu, ainda uma vez, uma acção chamada Passos de Camilo. As palavras e os votos de João de Araújo Correia, esses tomámo-los como um estímulo inestimável

\* \* \*

5 de Julho de 1985

Meu prezado e Ilustre Amigo  
Dr. Pires Cabral:

Por motivo de vários empecilhos, só hoje lhe posso agradecer a sua última — datada de 2 do Corrente.

Muito estimo que lhe tenha agradado o pequeno texto que lhe enviei para as Jornadas Camilianas. O tema, se pouco valor tem, pode ser absolvido por uma partícula de originalidade. Não é desprezível relacionar Camilo com uma porção de Botelhos Vila-realenses.

Muito obrigado pela oferta do Boletim Amigos de Bragança — número de Maio. Nele se me depara, a meu respeito, o artigo intitulado Pelos Livros, da autoria de Nuno Nozelos. Vou

*arquivá-lo como prenda de amigo e como relato da homenagem com que me honrou, no dia 25 de Janeiro deste ano, em Lisboa, a Casa de Trás-os-Montes.*

*Estas homenagens, prestadas a homem velho, são uma espécie de extrema-unção. Mas, não deixam de reconfortar os que aceitam o fim com paciência.*

*Amigo e Admirador, que o abraça,*

*João de Araújo Correia*

O texto referido é "Sangue de Camilo", escrito para as segundas Jornadas Camilianas e publicado no número 15 da Revista *Tellus*, a páginas 96.

Mas o que mais me toca nesta carta é a serena bonomia de um homem que sente os dias cheios e aceita «o fim com paciência».

*A. M. Pires Cabral*

## Recordando a *Manta de Farrapos*

Descobri o nome e a figura de João de Araújo Correia na minha mui distante e ingénua adolescência, quando, aluno do velhinho Liceu de Vila Real, uma discreta distinção escolar me fez tocar em prémio um livro seu: *Manta de Farrapos*.

Era um livro de crónicas. Não era livro para a minha idade, reconheço, habituado que vinha às historietas aos quadrinhos do Bufallo Bill ou do Texas Jack e ensaiando as primeiras incursões pelos livros de aventuras do saudoso furgão da "Gulbenkian", de leitura mais espessa, sempre povoados dos piratas e corsários de Emilio Salgari, ou então das proezas de Tarzan de Edgar Rice Burroughs, não esquecendo o *Último dos Moicanos* de James Fenimore Cooper, ou *A Ilha do Tesouro* de Robert Louis Stevenson.

Mas aquela *Manta de Farrapos* tinha algo de especial. Não apenas por ser um prémio, com dedicatória e tudo, que eu conservo religiosamente. E tão pouco pela sugestão da imagem da capa, que exibia isso mesmo: uma manta de farrapos. Farrapos velhos e farrapos novos, multicores, a remeterem-me para as mantas grosseiras, de serapilheira, cotim e flanela, que minha avó costurava pacientemente ao serão, para me aconchegar com ternura única nas noites de Inverno.

O que podia então um invólucro assim conter de tão precioso para um miúdo que quase só agora despertava para a vida? Que tinha de o ler, pois claro que tinha. Era a obrigação. E li. Lá não achei histórias de aventuras, nem de mistérios. Por isso, tive de o ler aos pedacinhos. E aos

pedacinhos fui agarrado pelo gosto do uso das palavras, desenhando os mais variados registos humanos e sociais. E dali fui à descoberta das demais obras do autor. Obras sobre o Douro. Retratos de paisagens humanas e paisagens físicas. De rostos e almas, de rios, escarpas e vinhedos. Neles aprendi a ler os sinais e os rumores da Natureza, como quem escuta nas palavras o assobio dos melros.

Anos mais tarde, também eu seduzido pelos apelos da escrita, e ainda mal saído da adolescência, escrevi e enviei-lhe, pelo correio, o meu primeiro e mui humilde livrinho de versos, ficando a aguardar, impacientemente, uma resposta. Resposta que chegou, não tardou nada, num cartãozinho que guardo por relíquia, onde o Mestre, generosamente, louva aquele “florilégio de belas redondilhas”.

Este o contexto em que descobri, deslumbrando-me, o Contista, o Cronista, mas também o Médico e o Homem. Um Homem que tanto se entregou ao povo humilde do Douro, a quem curava o corpo para melhor lhe sondar a alma.

*Alexandre Parafita*  
Vila Real, 31 de Janeiro de 2010

## A Crítica Pedagógica de João de Araújo Correia no Conto “Dois Anos de Viúva”

### Introdução pessoal

De nome e das ruas da Régua, conheci, desde muito miúdo, o médico Dr. João de Araújo Correia; mas só mais tarde, já no secundário em Vila Real, vim a saber que era escritor.

Começar a ler a sua obra, todas as suas obras, foi inicialmente uma revelação, e logo depois uma epifania esplendorosa, renovada em cada livro que saía da Imprensa do Douro! O Dr. João de Araújo Correia era sócio e o Queirós o gerente. Eu tinha lá um familiar, que era impressor e me trazia à noite logo o primeiro, ou um dos primeiros volumes a sair, embrulhadinho em papel de costaneira e atadinho com uma guita, ainda fresco da colagem e com cheirinho a tinta fresca de impressão... — creio mesmo que nem o próprio autor e patrão recebia essa encomenda mimosa primeiro do que eu.

Antes de o ler e admirar, a imagem do Dr. João Correia era pouco mais do que a da competência e da honestidade como médico e a da aparência física encorpada, com chapéu,

fato, sobretudo e, depois, o calmo *Carocha*, com que ia tipicamente dar aquela grande volta ao Americano para o poder estacionar virado para baixo, na rua íngreme, à porta de casa, em Medeiros (hoje Maximiano Lemos).

Todas estas aparências de bloco austero se estilçaram, perante a pureza estilística da sua criação narrativa e a profunda e maravilhosa fidelidade ao Douro — história, realidades, pessoas e paisagem — que o apaixonaram por toda a longa vida e a tantos de nós deram inspiração.

Nunca mais deixou de ser um companheiro de horas boas, para ler, reler, admirar, usufruir, estudar, publicitar. Além de uma ou outra conferência, o meu ensaio “O Homem do Douro nos Contos de João de Araújo Correia” (2000), foi um pequeno contributo para essa publicitação, no Centenário do nascimento do Escritor de Canelas.

Sou dos que garantem que, quando os seus contos forem bem lidos — e penso no ambiente citadino e académico —, este Escritor será apreciado e honrado com uma profundidade bem superior à que lhe tem sido atribuída por certos ‘pretórios’ culturais que (talvez por falta dela) misturam a Cultura com as clientelices políticas ‘do dia’. Ora isso arrisca-se a promover a produção de ‘pintos de aviário’.

O próprio escritor previne dificuldades na leitura e avaliação da sua obra, exactamente no prefácio do *Caminho de Consortes* (a que pertence o conto escolhido para este estudo):

*Quando publiquei o meu livrinho de contos assim intitulado, pensei que não houvesse reparos a opor ao texto e nenhum reparo a opor ao título. Enganei-me... (...) Caminho de Consortes é título de aldeia. Como o pretório julgou na cidade, é crível que os juizes o tenham aferido pelo cada vez mais pobre léxico citadino (...).*

Na sua obra (nos contos) o mundo duriense, profundo e rural, é de difícil acesso a leitores superficiais e citadinos, pois funde o ruralismo na universalidade do tecido humano, em que as grandes problemáticas da vida e da morte, como Fénix, incessantemente se recriam e se anulam. O seu homem do Douro não é um bronco, antes assume a trágica figura do Prometeu, agrilhoado à rocha, mas partindo-a, à cabeçada, titânica, para dela libertar as correntes.

Ombreando com os mais marcantes escritores do panteão da memória duriense e de língua portuguesa, mestre de muitos até, J. de Araújo Correia transcende o seu espaço e o seu tempo: é um clássico, nosso.

Médico do corpo, da linguagem e da ruralidade, é mestre também na auscultação e análise de algumas das insondáveis intimidades da alma humana.

Na sua intemporalidade residem, também, as inesgotáveis fontes do prazer, grande e às vezes subtil, de encontrar nos seus contos sempre novos pedaços de actualidade, viva e crua; e, embora estejam descritos e guardados em arcanos amarelcidos há várias décadas, é preciso sacudir-lhes o pó, pelo menos o da indiferença, e mostrá-los aos que ainda procuram literatura viva, da melhor que a Terra Portuguesa e Duriense tem dado.

João de Araújo Correia não envelhecerá... leia-se, medite-se, estude-se o que ele diz, por exemplo no presente conto — “Dois Anos de Viúva”.

Aí se encontra ‘lancetada’ a venalidade e a corrupção da própria Justiça... a prepotência

de um marido e o sonho de uma mulher... certa mentalidade duriense... raparigas assediadas e desonradas... — com formidável relevo e actualidade, ainda, para o tráfico de influências, por entre os dedos habilidosos dos laçaios do caciquismo, pululantes e poderosos, ainda hoje, com chorudas assessorias e benesses.

Creio que a melhor maneira de recordar saudosamente um Escritor é ler-lhe a Obra.  
E mostrá-la, viva e actual, sempre que uma oportunidade o possibilitar.

## A Crítica Pedagógica no Conto

### **Introdução**

Como é próprio do conto, também em “Dois Anos de Viúva” existe uma concentração doseada, equilibrada no espaço, no tempo, na acção e nas personagens. Mas nos melhores contistas essa concentração nunca impede nem limita o despoletar de um mundo de ingenuidades e manhas, virtudes e pecados, lutas e aceitação, em que raramente são lineares o homem, ou a mulher, ou o espaço, ou o tempo.

Araújo Correia situa-se entre os mais lúcidos mestres desse conto interventivo, mas, além de fino observador e crítico, é, sobretudo, um pedagogo, mesmo um filantropo.

Na aparência de singela superficialidade e, até, ingenuidade, em “Dois Anos de Viúva” não há apenas um marido e uma mulher, num pequeno meio físico e social: na sua leitura encerra-se um microcosmos, embora enrolado e comprimido como um novelo de lã suave, com que, amorosamente, mãos femininas teceram breve cachecol, que acaricia e aconchega a nossa saude duriense.

A base referencial da narração pode resumir-se assim:

Apoiado pelo cacique local, Timóteo, oportunista e talentoso, foi feito oficial de diligências na comarca. Hável a surripiar favores aos doutores e gorjetas (“molhaduras”) aos utentes, veio-lhe à mão uma lavradora, Gracinda, com uma demanda de marcos: resolveu-lhe a demanda e casou com ela.

Como proprietário, ampliou o estatuto social, acedendo pela caça às classes altas e aos juizes e advogados pelas larachas académicas e cantigas.

Não dava felicidade à mulher, pessoa crente e obediente, mas realista e prática. Como compensação para um casamento oco de sentimentos, ela pedia a Deus a graça de dois anos de viúva, para provar um pouco de liberdade.

Deus deu-lhe cinco meses...

### **Estrutura**

Estruturalmente, a narrativa oferece uma estratégia tripartida:

a) O início dá lógico realce ao título e apresenta os conflitos existentes em cada uma das personagens:

— ela, “crucificada” pela sujeição de uma vida inteira à intensa pressão de ser mulher e



mãe de quatro filhas, sem uma palavra de carinho da parte do marido;

— ele, egoisticamente frustrado nas expectativas de uma “reforma regalada”, que, afinal, não vai poder gozar por causa de uma galopante falta de saúde.

b) O desenvolvimento das suas vidas é apresentado a seguir, em *flash-back*: a situação de clientelismo político, quase sempre agindo na sombra; a aventureira movimentação burocrática; o perigoso tráfico de influências; o casamento como suplemento social (passa a ser o Senhor Timóteo); vestígios vagos da vida conjugal.

c) A viúva:

— Flagrante e inédito atrevimento da prece pelos 2 anos de viúva, quando viu fragilizado o marido, que considerava “duro e mau como seiscentos diabos”; foi como uma “pancada na cuca”; irónica ‘vingança’ através de um pesado luto: as missas, o esbanjamento em caridades, o privilégio de ter cravos e criação de ‘bicos’ próprios de gente rica; a viuvez como passaporte para a ascensão social: passa a ter dom, é a D. Gracinda e não senhora Gracinda.

### ***Personagens da ruralidade***

Nesta história são subrepticamente englobados e condensados muitos dados pessoais, regionais e universais. Isto é: as personagens, o espaço, o tempo e a acção não se truncam naquela vida e naquele tempo, mas projectam-se para a universalidade das problemáticas sociais e humanas.

Araújo Correia, mestre na crua observação e na fina ironia, coloca, na diegese, um marido caracterizado sob dois prismas subjectivos e mistos: o do narrador e o da mulher, em que o eixo do título do conto se concentra.

A caricatura, assim obtida, estende-se não só ao aspecto biográfico do casal — marido egoísta e prepotente e esposa submissa mas sonhadora — mas também à máquina social, com relevo para a da Justiça, eivada de vicioso tráfico de influências e padre de corrupção.

Timóteo, o marido, era talentoso e manhoso: tocava e cantava... cativava os doutores recém-chegados. O narrador di-lo com graça: dava-se «com advogados-meninos, chorosos do Choupal». Cedo aprendeu a amealhar e a utilizar esses trunfos: sabendo-se protegido pelo chefe do partido, além de esperto, tornou-se ambicioso, calculista, oportunista e, facilmente, corrupto.

Quando os concursos os projectavam para um exílio em ‘longes terras’, os ‘meninos e moços’ facilmente se perdiam de solidão e se prendiam a alguém que lhes falasse ao coração... e o Fado de Coimbra era (é ainda) boa companhia para corações abandonados:

«*O livro é uma mulher, / Só passa quem souber / E aprende-se a dizer / Saudade!*»

Na Queima das Fitas de Coimbra, é usual ver-se grande quantidade de novos doutores lavados em lágrimas e lambuzados de ranho etílico, enquanto queimam as fitas no monumental, famoso, brioso e secular Penico da Praxe Académica. É que, por um lado, vai acabar a ‘boa-bai-ela’ das cabulices, dos bailes, das serenatas, da exibição das fitas, na Baixa, ao ‘japão’; por outro, ainda por cima, vai começar a execução do mandamento fatal, afixado na tabuleta à saída do Paraíso Terreal: “trabalarás (...) com o suor do teu rosto!” Isto é: agora sem a ‘mama’ da mesada paterna, vais ter de suar para governar a vida.

Por via da cavaqueira coimbrã numa roda de copos e da evocação da boémia estudantil, com música e tricanas, Timóteo, rato do campo na sua comarca de vila, conquistava facilmente o acesso às chaves da íntima e profissional penetração nos arcanos decisórios, com consequente movimentação em vários esquemas lucrativos particulares, a coberto da nobreza de toga, os doutores.

O convívio desportivo com os ricos, companheiros no gosto pela caça, constituía o outro flanco da sua artilharia de poder, fossem eles nobres de sangue ou apenas 'pintados de fresco' pelo rei, a troco de uma pipa de vinho fino, como tantos barões, condes e viscondes que enxameiam os nobiliários durienses.

Complementarmente, o casamento facultou-lhe a ascensão social de base, dando-lhe direito a ser o Senhor Timóteo, e foi uma soma de interesse com comodidade. A mulher encontrou-o na barra do tribunal, onde teve de ir resolver um problema de marcos com um «vizinho macaco». Despachado o assunto, o pagamento não envolveu trânsito de dinheiro: foi feito em géneros, dando-lhe ela comunhão de bens nas trinta pipas — casou com ele. Ela tinha de obedecer aos seus horários aleatórios e mecanizados, mesmo na cama, para a estatutária produção de prole, mas sem nunca ousar ter algum acesso ao seu coração e, até, à sua própria despesa. Sabia que a sua sina era obedecer ao seu homem, sem levantar a voz. E parir até a barriga dizer "chega".

Mas ele fez casa nova, com o reforço orçamental de uma boa 'verba': a das "molhaduras".

Com a reforma, na bela idade pelos 60 anos, aparecem-lhe os achaques e agora começa a germinar dentro dele uma funda inveja da saúde da mulher. Ele é que devia ter o direito à saúde! Porque ele era ele e, ainda por cima, porque ele é que sempre fora «mau e rijo como seiscentos diabos»! E acusa-a, e amaldiçoa-a profundamente, e olha-a com desprezo, monossilabos e roncós!

A mulher sofria, em silêncio, mas de forma activa, pois foi um ricochete desse ódio que lhe deu a providencial "pancada na cuca" e a inspirou a pedir a Deus os seus dois anos de liberdade. Psicologicamente também o próprio ódio o corroeu a ele, ajudando-a a mais rapidamente obter a ansiada cidadania de viúva "roliça". Ironias...

Durante essa tão dramática 'reforma' dele, foi crescendo nela a esperança de o enterrar primeiro; continuou a obedecer, explicitamente, sempre, mas desenvolvendo no seu íntimo a esperança de alcançar o céu ainda em vida: ser viúva dois anos. Mas não era questão de homens, talvez porque "à primeira que quer cai"... os homens são todos iguais!

E conseguiu cinco meses. Nesses 5 meses gloriosos, entre a casa, o quintal e a igreja, deu um espectáculo de viuvez, magnífico como uma procissão de um andor só: um luto resplandecente, «carregado, fino como o dos padres», muitas missas e penitências por alma do defunto, fartas acções de graças traduzidas em caridades, boas esmolas, cobertores... Em casa, rodeou-se de famintos e de flores caras; plantou craveiros em todas as janelas; fez criação vistosa de bicos — «galinhas, patos, perus, pombas e, até, passarinhos»...

Um belo dia, quando descia as escadarias com o avental carregado de milho, no pleno gozo da sua felicidade, caiu e foi juntar-se novamente ao marido. Mas, agora... no céu.

## *Espaço rural*

Pelo meio das pessoas, perpassam nos contos da João de Araújo Correia os espaços rurais, e, com um carinho cúmplice quase de presépio, as casinhas das aldeias durienses, com os seus cómodos e pequenas divisões, aconchegadinhas a uma ramada ou a um bardo de cepas; e, nos recantinhos exteriores, um craveiro à janela, um retalinho de couves, por vezes um quinteiro, um galinheiro, o curral, a lojita do porco, a casota dos coelhos, um canteirinho de dalias, malmequeres e rosas, a casota do cão, o coradoiro da roupa da semana...

A caracterização dos espaços e personagens inclui os traços habituais do estilo e da pureza vocabular regionalista deste autor duriense, conhecedor do mundo rural em pormenores que, na cidade, não são muito acessíveis, aos leitores sem raízes na terra.

Não havia dinheiro nesses tempos: mas sobrevivia-se com o que a terra dava: uns ovinhos, um frango, um peru ou um coelho para uma festa, as couves galegas para o caldo, às vezes um porquito na salgadeira, tronchas para o bacalhau, uns espigos e umas alfaces, umas canjas gordas para o leite de uma parida...

Através da sempre renovada presença, testemunho e encanto das pessoas e lugares, os contos de Araújo Correia fazem-nos perpassar pela memória o mundo duriense antigo, vai para 100 anos... Por exemplo, só em Lamego e em Vila Real havia escolas pós-primárias.

Este mundo duriense tipifica-se sobretudo na Régua, confluência de 3 rios, estradas, caminho-de-ferro, barcos e cais carregados de pipas, carros de bois, muitas pessoas e bens, com as suas ruas de sobe-e-desce, casas de tradição comercial e personagens de todos os dias. E sobre a babilónia desse espaço físico-social, o respeitável perfil de duas ou três instituições: o Tribunal e as Conservatórias (Registo Civil, Comercial e Predial), a Real Companhia Velha, o Hospital do Peso (na casa de João de Lemos), a Casa do Douro com os cafés adjacentes, o 'quelho das meninas'...

Mas são os Tascos os grandes e verdadeiros centros de reabastecimento, restauração, aquisição e difusão de ideias e palavras, do futebol à política, das mulheres ao sulfato e ao enxofre, da maledicência avinhada à notícia de um falecimento, da saúde à criminalidade...

Aí acorriam as gentes de raiz, pela tardinha, e, todo o dia, as que se encontravam em trânsito, para uma conversa, um copo e um petisco.

Desde os ambientes reais e palacianos, tem o mundo assistido a uma cada vez maior expansão e democratização da cultura e da comunicação social em grupo: depois dos Palácios vieram os Salões, depois dos salões os Clubes, depois dos clubes, os Cafés, as Rádios, os Jornais, depois a Televisão, agora a Net... mas sempre existiram, num paralelo social inferior, os Tascos dos mais pobres e toscos, que aí procuravam o vinho para esquecer e o amigo para cavaquear e não morrer de tédio e estupidez, através de uma conversa amena, uma notícia estimulante ou uma cantiga de alegria ou solidão, com gaita-de-beiços, violão e, por vezes, guitarra, 'banjolim' ou concertina.

Está por fazer o levantamento, etnográfico e sociológico, com um estudo analítico e histórico-cultural, dos Tascos, não só da Régua e do interior provinciano, mas também das grandes cidades, nomeadamente as portuárias.

A Régua — tão bem o saudoso Camilo de Araújo Correia o diz! — é um balcão de três quilómetros! Fazendo bem as medições, fica um quilómetro no centro, desde os Quatro Caminhos à Estação — passando pela Ameixoeira, o Passeio Alto e o Cima da Régua; e os restantes dois nos prolongamentos, um até ao fundo do Salgueiral a caminho do Moledo e outro até ao Corgo, em direcção à Fírvida. As mulheres diziam, com um pitoresco muito seu, que tascos havia mais de cem: à ida para lá eram porta sim porta não, à vinda para cá eram todas as portas!...

Nesses tempos, os intelectuais abancavam nos cafés e no bilhar com menos prazer, e proveito, do que nos tascos, onde se sentiam desinibidos, falavam alto e vernáculo de tudo e o vinho de pasto provinha do voto dos maiores especialistas de Baco, o que garantia sempre a melhor 'pomada'.

No Tasco irmanavam-se os portistas, os benfiquistas e os sportinguistas (não tanto no Vila Real-Régua, ou vice-versa...), alinhavam-se os direitistas e os esquerdistas, aconchegavam-se os cravas de cigarros e copos, e expandiam-se os filósofos, os teóricos, os poetas e também os maldizentes. Os padres e as mulheres é que não apareciam muito por lá. Diluíam-se, enfim, as diferenças entre intelectuais e analfabetos, doutores e bêbados, ricos e pobres, proprietários e trolhas. Os cavadores, esses, fixavam-se bovinamente, de olhos 'bidrados' na garrafa de sete e meio, nos tascos das aldeias de ao pé da porta, pois não precisavam de ir à 'bila' beber e fazer estrume; e os caseiros não saíam das quintas, onde tinham a sua pinga particular, da boa, sabiamente vindimada, encubada e autogerida; nas tardes calmas, depois da sesta, a alternar com o seu copito ou dois, sempre havia uma rede ou uma sebe com algum buraco para inspeccionar e uma espingarda para desencorajar, das laranjas e das uvas, a ladroagem e as pitas.

Replantados, por concurso, numa terra destas (imaginamos ainda a Régua do Autor), os juízes, os professores, os médicos, enfim todo o funcionalismo... não poderiam ficar a remoer, por muito tempo, angústias amarfanhadas na sua pensão barata ou casinha de parca renda, ainda por cima nesses tempos sem televisão, com pouco rádio e mulheres completamente controladas pela pudicícia social dos meios pequenos.

E, pelas tardinhas discretas, todo o funcionalismo se distribuía, não tanto pelos tascos vizinhos do Tribunal (o *Escondidinho*, ou a *Adega Brasil*, ali na 'praça dos carros'), mas mais discretamente pelo *Jaquim da Bomba* (agora *O Maleiro*), o *Medeiros* (agora o *87*), o *Máximo* (agora agência do BPN), o *Napoleão* (Rodo), o *Camoca, do Manel da Cávem* (Rodo), o *Amaral* e o *Zé Farruco* (Ribeira), o *Pinto* (Corgo)... para uns copos e aquela petiscada oportuna e típica: uns pastelinhos de bacalhau, umas tripinhas, uma morcelinha a dois, umas sardinhas, umas farófias de sardinha, uma saladinha de bêbados... que faziam 'lastro' para um comentário à actualidade nacional e profissional, um desabafo...

Depois, talvez umas partidinhas de dominó, de bisca de três ou de sueca. Aos domingos, o consagrado relato de futebol, bem regado e berrado. Pelo meio, um ou outro par de cavalheiros iam aí tratar de uns papéis e, a seguir, 'molhar' o negócio já fechado... e a respeitabilidade com que marcavam esse encontro no 'escritório' era seguramente superior à de escritório de advogado com canudo e tudo e não 'doutor da mula ruça'.

Pelo caminho era de uso uma ligeira vênia aos homens que saudavam com uma chapelada, para, logo a seguir, deitarem o canto do olho circunspecto a algum vestido bonito de dama, mas nunca desdenhando um aventalinho branco de sopeira, coradinha no afã ondulante das últimas compras. Mas o sítio melhor para as 'cocar' a todas era a porta estratégica do Borrajo, no sinaleiro, mesmo ali no cima da terra auto-denominada a "mais direita de Portugal", embora seja, 'de nação', "torcida como um arrocho".

### ***Espaço social***

O tribunal de uma comarca pequena é, por regra, um laguinho sem sombra de poluição, onde vão desaguar e acalmar ribeirinhos de repentinos e passageiros caudais, geralmente de homens com questões de marcos e extremas numa propriedade, heranças, o corte a destempo de águas de consortes, uma tarde de porrada num tasco, uns roubos de laranjas, uma chumbada numa perna, às vezes umas navalhadas esquentadas por ódios acumulados...

Mas, nos muitos casos de injúrias, 'carvalhadas', ofensas, cabelos arrancados, cabos de vassoura partidos (e vinho mau...) as mulheres também lá 'assinavam o ponto' e "sentavam o cu no mocho".

As raparigas, casadoiras típicas, iam à barra sobretudo para defenderem a honra dos 'três' perdidos com o namorado que não se estaria a fidelizar aos votos de amor eterno formulados no acto de lhe 'passar a perna'... havendo também um ou outro mancebo esfomeado de brancas carnes, nalgum baile de arraial à média luz, que se aproveitou dela na noite quente e lhe 'furou o virgo', coisa grave e ainda sem cirurgia.

Frágeis, mas orgulhosos e com imensa sede de justiça, homens e mulheres, de todas as classes, não dispensavam, ao menos uma vez na vida, um requerimento à grave e sábia Donzela de olhos vendados e balança na mão.

Esta cegueira da Justiça, era, 'desde que o mundo é mundo', bem aproveitada para uma ou outra operação de cosmética ou pequena engenharia judicial, segundo a 'fome' de demandantes e decisores. Um arranjinho era um conceito polivalente, já que tanto se aplicava ao arranjar uma pena mais leve para um cadastrado com boas posses, como a isentar de qualquer pena e dano, moral e patrimonial, uma mulher bonita, uma 'ninfa' chorosa, e carente. E, valendo a pena, até na gestão de um condenado preso era possível a maleabilidade, a elasticidade — como se já lá tivesse chegado a democracia.

### ***Individualismos — Marido***

Em resumo, o nosso Timóteo, decerto em reacção à sua raiz de «patusco», tornou-se ambicioso, habilidoso, desenrascado e afoito; de boas falas, pilhérias e cantares, facilmente conseguia aceder e cativar o funcionalismo, do magistrado mais sobranceiro ao mais introvertido amanuense.

A caça era ainda outra poderosa mais-valia, já que só é caçador quem tem pernas, tempo e pontaria.

A soma disto tudo era sinónima de Poder. Poder do bom, riscado de adrenalina,

perigosíssimo, prático e rentável, a estender leves asas sobre a monotonia castrante do funcionalismo a sacudir, como se fosse pólvora, o pó dos arquivos da memória futura. Diz assim o narrador:

*Feito beleguim (oficial de diligências) pelo cacique a quem guardava as costas, conseguia surripiar pedaços da justiça (eufemismo para tráfico de influências e corrupção) e vendia-os bem — metade para o autor, metade para o réu. Tudo nas barbas do juiz, ainda por cima “mau de assoar”.*

*Bem caso fazia ele do juiz... O cacique lá estava para o livrar de apuros. Protegia-o por gosto, para ensinar ao partido contrário como se verga num ai a vara da Justiça. Era um basófia...*

De pedra e cal no seu espaço físico e social, e somando as 30 pipas da mulher à casa construída por ele após o casamento, o saldo total dá e sobra para uma aposentação mimosa, com as quatro filhas bem casadas.

Marido ou mulher, eis dois sérios candidatos, concorrentes ao mesmo concurso a ricos viúvos e viúvos ricos.

Só que, por azar, a reforma do funcionário traz com ela vários achaques e a qualidade de vida do homem esvazia-se com a estrondosa rapidez de um balão. Assumidamente manipulador de destinos, bem insiste ele em incriminar a mulher também pelos seus males de saúde, mas, para o decisivo juiz do destino, pesam mais as preces da candidata a viúva, que só pede dois anitos.

Aos olhos sociais, talvez em termos de ‘currículum’, a vida de Timóteo concentra-se em três fases:

— Na primeira, antes do casamento, apesar de já ser funcionário de gabarito, ele pouco mais seria do que um pobreta, o tal «patusco». A posse da terra era o toque aferidor da posição de um homem. Vem de longe a expressão “não ter onde cair morto”, aplicada em circunstâncias de inferioridade social, e nem sempre de pobreza, pois um funcionário público, nesses tempos de cidadania disciplinada e férrea lealdade institucional, tinha a estabilidade vitalícia do seu ordenadinho certinho e a sua reforminha por inteiro pelos sessenta, uma «idade ainda bonita».

As grandes famílias eram definidas pela quantidade de terras. Auto-assumiam um destino de vida elegante e farta. Quando a emigração lhes desviou a mão-de obra (e não apenas a barata) e os merceeiros o fiado, a terra ficou a monte e, para evitarem passar fome, tiveram que a vender, a quem a podia e sabia trabalhar: geralmente antigos jornaleiros e rendeiros.

— A segunda fase decorre durante a vida de casado. Timóteo conhece a mulher já bem lançado nas manhas da venalidade e do tráfico de influências; tem os seus meandros de acção bem organizados e untados; o seu cacique protector; o seu grupo de caça; o seu círculo de doutores dos copos; os seus ‘veneradores e obrigados’; o seu charme musical... já é um ‘reizinho’ convencido, coroado de ambição, proprietário vitivinícola, acumulando com as garantias vitalícias do funcionalismo, pois «tinha cabeça».

Tratava a mulher como um degrau, que lhe serviu para subir na vida e para assinar um estatuto de dignidade, com posses e com filhos. Embora não perito com a bengala como um ou outro companheiro de convívio, mantinha uma postura matrimonial de aparências exteriores

e gelos interiores. Coabitava e fazia-lhe filhos de noite, mas durante o dia nem se lembrava de que era casado. Nunca lhe bateu, talvez porque ela nunca lhe deu qualquer motivo e se portava com uma postura diplomática exemplar, que leva o narrador a associar-lhe, nada mais nada menos do que a bíblica Sulamita — a mulher perfeita, a escrava favorita do Rei Salomão. (Também, como falavam pouco, não havia grande azo a atritos, até os relacionadas com ‘facadas no matrimónio’, e apenas ‘presumíveis’).

— A terceira fase, depois de aposentado, estava destinada a uma vida de ‘Deus com os Anjos’. Mas, pelos vistos, Deus achou por bem decidir que a balança, finalmente, pendesse para o lado da mulher, tão sacrificada e boa alma.

Timóteo, na sua cegueira machista, omnisciente e onipotente, até por ‘deformação profissional’, pressupunha que ali havia, se não bruxedo, pelo menos a ‘marosca’ de qualquer tráfico sobrenatural: e era na intuição das manhas ‘precatórias’ dela que descarregava violentamente todas as impotências e frustrações, como um *cowboy* dá um murro na mesa ou bate com a própria cabeça numa parede. A garantia de uns vinte anos de uma terceira idade regalada, de funcionário de topo de carreira e proprietário consolidado, estava irremediavelmente minada. Pela doença! E, até, pela inveja da esperança de vida da mulher.

Diminuídas as hipóteses de arejar, fora de casa, é nela que descarrega a raiva e as pragas, em pensamento e palavras:

*Não haver no céu um raio que partisse o empecilho! Já era azar.*

*(Ela) era a própria doença de chale e blusa.(!)*

### **Individualismos — Mulher**

Gracinda casou, como casam as mulheres rurais: com os sonhos ‘abafados’ e ‘marinados’ nas solitárias noites da adolescência, segundo as regras do fatal destino feminino. Algumas têm sorte e os maridos trazem-lhes a fêria direitinha, bebem pouco, não lhes batem, não as obrigam a andar à chuva a trabalhar na terra e fazem-lhes poucos filhos...

Aos olhos das aparências do mundo, Gracinda teve sorte com o seu homem, a sua casa, as quatro filhas bem casadas.

Tudo se tinha conjugado bem para ela: até a presumível carga de trabalhos tipicamente inerentes às demandas em tribunal acabou por lhe dar as chaves-mestras da vida:

— No plano profissional, encontrou quem lhe facilitasse as coisas, dando-lhe orientação, segurança e rapidez na estabilização da propriedade. E mais: sem nada pagar.

— No plano pessoal, teve a sorte de encontrar um marido, prestável, sociável, poupado, influente, bem empregado e apenas “uns pozinhos mais velho do que ela”. Ela tinha certa idade, se já era proprietária, herdada, sem os pais: era uma solteirona, que se preparava para ‘cair de madura’.

— E ele era homem de ‘fazer casa’, pois constituiu-lhes casa nova com os recursos das ‘gorjetas’ (‘molhaduras’) das suas horas ‘extraordinárias’.

— Só depois, com o correr do tempo, terá sentido certa frustração, com a distante e displicente frieza dele; e, se sabia das outras mulheres, mais jovens e disponíveis, nunca dá

indícios de sentir feridas ou ciúmes. Uma ‘mulher séria não tem ouvidos’ e uma senhora ‘não emprenha pelos ouvidos’.

No Douro rural antigo, fora da vinha, uma rapariga mimosa, prendada, com alguma coisinha de seu, nunca trabalhava no campo, ao sol e à chuva: ia à mestra aprender a ler e, depois, a fazer renda. Por isso, tinha sempre dificuldade em encontrar um homem, a não ser que quisesse, todos os dias, sacudir o pó à travessa de um trabalhador da vinha.

Uma mulher casada, com quatro filhas em casa, a criar, alimentar, vestir, lavar, educar, orientar, casar... nunca tinha tido tempo para si própria, para as suas inocentes aspirações e devaneios de mulher sensível e de certo estatuto. Mas nunca pensou em qualquer outro homem: querer agora dois anos de liberdade era algo de psicológico, ‘pancada’ nova, mas muito mais funda, transcendente, até poética, do que um capricho qualquer, muito menos carnal.

Quais as fronteiras e limites para os sonhos de uma mulher de aldeia, numa civilização fortemente imbuída de parâmetros patriarcais, senão, até, machistas?

Só uma mulher inteligente e profunda, como Gracinda, reformularia a sua condição de maneira digna e feliz.

Gracinda, de facto, encontra a fórmula honesta, subtil e irónica de condensar e encaminhar o seu sonho: pede a Deus «dois anos de viúva». Para, de uma vez por todas, se libertar da opressão do marido (e também das filhas) e dar asas a um projecto de liberdade, pois tinha atingido a saturação daquela vida.

Os sonhos de Gracinda radicam indirectamente no círculo fechado da casa: com as muitas janelas, as escadeiras, o galinheiro, o quintal, as muitas e belas flores... Em cada janela vai haver uma plantação de cravos; o galinheiro será povoado de aves nobres e não apenas úteis... e, nas escadas, profeticamente íngremes, irá morrer de felicidade uma viuvez de cinco meses.

Para outra mulher qualquer, dois anos de liberdade serviriam para dormir mais umas sextas, respirar da janela alguma poesia bucólica caseira, ou, até, quem sabe, receber algum olhar, cúmplice e furtivo, de homem maduro, talvez enfeitado de uns fumos de erotismo que lhe suavizasse e esvaecesse um pouco a memória dos recortados horizontes mecânicos dos tempos maritais?

Não, não! — e o narrador explica porquê:

*Em nova, nunca a Senhora Gracinda pensara em se vingar do marido. Era o seu homem, bom ou ruim. O casamento, para a Senhora Gracinda, era um nó cego que os seus dedos de mulher não podiam desdar. E o fruto proibido? Lindas cores terá, mas a Senhora Gracinda não as distinguia. Não era colorista... Para a Senhora Gracinda, só existia o desenho tosco. Nenhum escândalo a contagiava. Casos toados de mulheres bonitas, que tinham o homem para o Brasil, faziam-lhe espécie? Não. Para ela, os meninos-cucos tinham aparecido sem pai no regaço das mães.*

É de sublinhar a metáfora bíblica “fruto proibido”, que aqui se reforça, aplicada mais especificadamente à tentação sexual. Outra metáfora bastante pitoresca é a aplicada à indissolubilidade do casamento («nó cego ... desdar»).

Estas convicções dão a D. Gracinda a profundidade e sublimação da sua condição



humana, semeadas, baptizadas e crismadas pelo Cristianismo de raiz que, no Douro, libertou os homens, ao menos, da servidão da alma e trouxe à escravatura da enxada o “pão-nosso de cada dia”, em que ‘Deus é Pai’.

### **Notas estilísticas e regionalistas**

Para entender melhor os numerosos e belos exemplos estilísticos, alguns já encontrados e a maior parte a desenvolver ainda um pouco, é preciso nunca deixar de ter em mente a faceta regionalista do autor reguense.

O caudal linguístico (morfossintático, semântico e vocabular) da obra de João de Araújo Correia emana de duas nascentes: a rural em Canelas e no consultório da Régua e a urbana nos estudos, secundário e universitário, no Porto.

O contexto duriense, da infância e da prática médica, constitui a mãe-de-água, onde a mentalidade das raízes é absorvida, juntamente com aquela linguagem popular tão pura e típica, proveniente do privilegiado contacto com décadas de conterrâneos doentes e seus familiares.

Por isso, é preciosíssimo o manancial de vocábulos e expressões que ficou gravado, melhor, cosido, na regionalidade da sua Obra; e é sempre imperativo catalogar e explicar alguns exemplos, numerosos, que este conto apresenta, nas suas seis páginas tão pequenas:

— “...fez como os moleiros. Pagou-se por suas mãos”, casou com ela. Não havia moeda, mas apenas transacção de géneros, no país profundo: moído o cereal do freguês, o serviço era pago com farinha do mesmo cereal, retida no acto da entrega. É esta a origem da expressão.

— “Era mau e rijo como seiscentos diabos” — além da hipérbole e da caricatura, existe a curiosa e popular atribuição do número ‘seiscentos’ aos diabos. No dicionário Aurélio, o diabo aparece carregado de dezenas de denominações e significados, alguns até contraditórios e, ainda por cima, reabilitadores.

— Mas nunca lhe bateu, como alguns companheiros faziam às suas mulheres, desprezando, mesmo, o amor que recebiam:

— “Havia um que agradecia com uma bengala o amor magoado, zeloso, gemente como o das rolas.”

— “Não haver no céu um raio que partisse o empecilho!” É a praga típica: “O raio que o parta!”, “Raios o partam!” “Rais parta!” “Rais te parta!” e mais expressões adjacentes.

— “mais idoso do que ela uns pozinhos” é uma bela forma de diminutivo.

— “Não olhava às mãos de ninguém”, pois tinha o suficiente, sem necessidade de cobiçar.

— “Juiz, mau de assoar”, diz-se das crianças irrequietas, ou das pessoas pouco acessíveis e ‘senhoras do seu nariz’...

— “arranja-se outro preso” - ironia. Modo de arrotar de cacique! Arroto é sinónimo de gabarolice; ‘arrotar postas de pescada’ é um pobre gabar-se de comer comida de rico.

— “vizinho macaco”, pois, pela calada, não respeitava a lei, fazia cabriolices, ‘fitas’, com ela, roubando “fitas de terreno”.

— “esfera de proprietário, mas, como tinha cabeça, não abandonou o emprego” — ter cabeça é saber pensar bem, ver os prós e os contras da situação.

— “encarregar presentes para a casa nova” — como eram muitas as dádivas, ‘faziam carreiro’, em fila para casa dele, pois as demandas dos construtores são muito rentáveis em câmaras e tribunais.

— “*molhadoras*” é um vocábulo antiquíssimo e está relacionado com ‘molhar a garganta’, oferecer um copo a um empregado; como acontece no francês ‘pourboire’, para beber.

— “Casara para crescer”, com sentido de ascensão social através do casamento.

— “(a doença do homem) lhe desse uma pancada no caco”... O ‘caco’ é sinónimo de miolos, inteligência. Como se acendesse um interruptor, ou se apertasse um parafuso mal apertado.

Isto é: a ‘pancada no caco’ foi uma revelação. Uma faísca de pederneira!

No contexto, não se lhe poderia chamar-lhe ‘grito do Ipiranga’ da mulher. De facto, os efeitos da sua ‘pancada no caco’ continuam a situar-se na orla do respeito pelo sagrado e pelo socialmente correcto, com base na obediência em vida e no normal sufrágio da alma na morte, sempre requerendo a aprovação da inédita “loucura” pela família (as filhas).

Mas existe, sim, uma saborosa sensação de gozo, ou um esboço de greve de zelo, com o seu exagerozinho irónico, levemente caricatural, mas finíssimo, tão ao gosto de Araújo Correia...

O autor sublinha a situação com observações directas, como “chorou-o derretida (...) as mulheres choram sempre”.

Mas o ponto de vista do autor-narrador é, em todo o sistema narrativo, bastante próximo do da mulher, sendo um bom exemplo o momento da morte do marido, que contém, mesmo, certa dose de sarcasmo: “inchado como uma pipa, fechou os olhos de vez”.

Nesta linha de libertação estão expressões como o eufemismo popular: “Deus o tivesse lá”.

E para o choro da viúva, com tão original projecto ‘post mortem’, o autor escolheu uma bela metáfora, poderosamente sugestiva de uma nova primavera para uma vida de décadas de hibernação, ou de uma boa colheita depois de uma vida seca (ou ‘seca’ de vida...): “não era bem pranto. Era uma boa chuvada no coração, depois de uma estiagem”.

Como observações ainda ironicamente subtis destacam-se os ouros, a riqueza esplendorosa, como os sinais visíveis da felicidade: “luto carregado, fino como o dos padres”; o espectáculo mais social do que devocional de ir todos os dias à missa agradecer a Deus; “aqueles dois aninhos”; “o bem que fazia àquela alma já não a incomodava”; “o ouro do altar, da casula e do cálice desfazia-se em mel que lhe adoçava a alma”; “saía carregada de luto resplandescente”; as “esmolas de coroa” aos pobres (naqueles tempos esses 5 tostões dariam para comprar mais do que todo o pão do dia).

Ao anterior excesso de timidez, responde agora com requebros de caprichosa generosidade, dirigidos a todos e a tudo o que a rodeia, desde a casa à capoeira.

Quase tudo se compacta num quiasmo, que ironicamente paira nas atitudes da viuvez:

Efectivamente, ele chegou a ‘senhor Timóteo’ pelo casamento; ela chegou a ‘dona Gracinda’ pela viuvez. Mas ele morreu ignobilmente, rogando pragas boçais à mulher; e ela,

recém-promovida a Senhora, dedicou-se aos mais humildes serviços de jardim e galinheiro (ambos consumidores de estrume) e morreu com o avental, tão servil, cheio de milho, escorregando, de socos, pelas escadas abaixo, como uma criada...

— “Atirou-se aos craveiros”, ou criando “galinhas que dizem ‘estou fraca’”

— “Esbanjava o contentamento julgando que era milho”.

E foram estes os dois dos três últimos contentamentos da sua vingança: o terceiro foi a missinha e, em apêndice, a caridadezinha do luto cristão.

O milho é um símbolo privilegiado da abundância, seja em maçaroca, em grão ou em farinha barata, a do pão dos pobres. Na expressão “é boa como o milho!” está contido um mundo de conceitos de fecundidade e (re)produção: uma promessa de saúde, bondade, força, maternidade, futuro e bem-estar. É uma bela expressão-piropo, tão típica da admiração do rapaz saudável por uma mulher que ‘lhe encha as medidas’ e o leve à assinatura do contrato da sua vida, solenizado no altar para a vida eterna, com perene garantia de abundâncias.

E assim foi criada uma dialéctica de sagrado e profano, liturgia e panteísmo, que começava nos ouros da igreja e, através do luxo canonicamente aprovado dos negros sacerdotais, polarizava novamente em casa, onde condensava a felicidade doméstica e egocêntrica, paralela às antíteses casamento-viuvez. E vivências igualmente religiosas: o recolhimento negro e dourado da missa solene, alternando com a liturgia individual, panteísta, tão empolgante e expansiva, do culto da terra, das flores e da criação de ‘bicos’...

O campo semântico oferece a João de Araújo Correia ainda vários outros pretextos estilísticos, de que se podem coligir alguns exemplos, cheios de oportunidade, nomeadamente metáforas e imagens agregados às situações laborais da personagem masculina, no tribunal e na aplicação da justiça: “brincavam com a justiça, tirando-lhe das mãos a espada e a balança”; “vergar a vara da Justiça”; “conseguia surripiar pedaços de Justiça e vendia-os”.

Em paralelo com o seu valor conceptual, visualmente, a simbologia da Justiça é respeitada como uma das mais primordiais conquistas da Humanidade e um dos últimos baluartes da própria Condição Humana. Com que ninguém pode brincar, e só gente muito desprezível se atreveria a tratar de ânimo leve, muito menos a achincalhar.

O tribunal é como um templo, em que é vedado ao vulgo profano ultrapassar a teia e aceder ao espaço reservado aos Juizes — Sacerdotes da Justiça. Como no Templo de Jerusalém era vedado aceder ao Santo dos Santos, com excepção dos Sacerdotes, para esse ministério expressamente ungidos.

O Santo dos Santos era uma sala do Templo de Salomão onde ficava guardada a Arca da Aliança. Aqui se realizava anualmente a cerimónia do Sacrifício expiatório de um cordeiro sem mácula, pelos pecados do povo. Era este o único momento em que o Sacerdote podia falar directamente com Deus.

A alegoria bíblica continua a desenvolver-se no espaço do tribunal:

A sala do tribunal reserva a parte mais solene unicamente aos juizes e magistrados e pessoal técnico, separando-se do resto geralmente através de uma grade, a que se chama ‘teia’.

À teia, ao risco, e até à corda, nos transporta o narrador, ao referir que Timóteo não perdeu todo o estatuto no centro de decisão do tribunal, mesmo depois da morte do cacique protector:

*Morto o cacique, declinou o prestígio do oficial dentro da teia. Não a esfiapou, comprometendo o pão-nosso, porque era fino. Como se dançasse ao longo de uma corda, inclinava-se para a direita e para a esquerda, isto é, para o dever e para a corrupção.*

Além das metáforas ('teia', 'esfiapou', 'dançar na corda...'), continua insistente a conotação bíblica. De facto, a sala do Santo dos Santos ficava separada do Templo por uma cortina de linho. O Sacerdote entrava com uma corda presa ao pé. Em caso de estar em pecado, morria. E como o lugar era santíssimo e mais ninguém poderia entrar, os outros só podiam puxar o corpo do sacerdote morto, com essa corda.

Do conjunto metafórico (tribunal-templo < > teia-cortina de linho) ressalta a gravidade moral que o autor-narrador atribui ao crime da aventura corrupta de Timóteo, sobretudo depois de, nos seus malabarismos, ter perdido a 'rede' protectora do cacique.

Os riscos, apesar de gravíssimos, são, no entanto, calculados e 'artilhados' com estratégias manhosas:

Se algum juiz era 'mau de assoar', havia sempre o recurso a "advogados-meninos, chorosos do Choupal", que se prestavam ao convívio em terra distante, facilmente se dispondo a ouvir tocar guitarra e cantar o fado em horas vagas e solitárias, abertas a confidências.

"Debaixo da capa" (quase sempre fingidamente) se ia infiltrando no seu meio, nos seus gostos e desgostos... nos seus papéis... Conhecia-lhes a necessidade de mulheres e falava-lhes de facilidades de acesso àquelas que tinham de recorrer precisamente à ajuda (jurídica) deles, ao tribunal:

*Aguçava-lhes o apetite, narrando aventuras com os enxames de ninfas que vinham à barra denunciar os faunos.*

Habilidosa maneira de cativar mancebos recém-saídos das serenatas, dos amores, das paixonetas e dos bailes 'do Choupal até à Lapa'.

### **Visão social e actualidade**

Na sua aparência condensada e burilada de conto, e muito para além do exíguo espaço físico, "Dois Anos de Viúva" encerra um espaço social em que está sabiamente condensado um inimaginável mundo de actualidade. E é a escritores como este — 'de rego cheio', expressão de que o Autor tanto gostava — que se deve atribuir a aura da eternidade do vate. O vate ultrapassa o tempo e o lugar, está também no futuro, lugar dos ungidos e das sibilas proféticas.

Por metodologia, poder-se-á fazer uma aproximação gradual e um pouco sistemática a esse espaço social:

— A *Vila* em que decorre a acção (sabemos que é vila por ter comarca) fornece uma imagem condensada num espaço tripartido: um tribunal, uma Câmara e o respectivo cacique que manda nela e em outros 'pelouros' menos oficiais e mais 'oficiosos'.

Além da actividade profissional de Timóteo (expressa e fortemente radicada no tribunal),

a caça e a cavaqueira dos convívios, nos cafés e nos tascos, ocupam boa parte das coordenadas da situação e ambientação da acção.

É de notar a presença destes dados conviviais, como ainda hoje acontece, pois daí resulta parte importante das situações de compadrio, nepotismo e tráfico de influências visíveis quer nos pequenos meios (com tostões) quer nos grandes (com milhões).

— A *Política* estava entregue aos caciques da terra: o partido no poder deixava o seu selo controlador em cada recanto da actividade regional e local, desde a saúde ao ensino, ou desde os mercados à própria justiça. Quem abria vagas, admitia, escolhia e nomeava o funcionalismo eram (ainda hoje são, com poucas excepções) os agentes da situação política ou partidária. A convicção geral do povo era (é) que só arranja bons empregos quem tiver ‘padrinhos’, no ramo da política ou, então, no do dinheiro, que, esse, sempre se lhe sobrepôs.

— A *Justiça* estava inquinada por gente que, sem escrúpulos (e, até, por gabarolice, no caso do político do partido do Governo) se atrevia a vergar-lhe ‘a vara’ e torcer o ‘fiel da balança’. Isto é: a corrupção extravasava dos meandros das sarjetas partidárias e corroía a própria Justiça, que, por definição, é um dos três Poderes, como eles independente e suprapartidário.

— A *Vida Profissional*, como se torna evidente, sofre dos vícios da ambição criminosa e do oportunismo venal, pois o bom profissional, honesto e competente é preterido pelo sobrinho ou filho, ou ‘cunha’ de fulano, amigo do cacique sicrano, que, por sua vez, lhe deve, ou pode vir a dever, algum favor. Estando na pré-história das leis do assédio, em vez da dactilógrafa, experiente e organizada, é admitida a ‘gaja boa’, generosa no sorriso, no decote e na saia. Hoje já nem se exigiria que estas ‘garinas’ soubessem ler e escrever: o *flip* foi criado precisamente para a necessidade de lhes corrigir os erros de ortografia, sem lhes estalar o verniz das unhas.

— O *Casamento* é visto de duas formas: a do interesse e a da submissão para toda a vida. Timóteo casa pelas trinta pipas, que lhe darão estatuto e respeitabilidade social, sinónimos de avales e credibilidade. Gracinda casa porque tem de casar, e sabendo que tem de partilhar, o bom e o mau, com o marido, seja o que for que lhe saia na ‘rifa’.

Neste caso, ambos os contraentes se complementam, mais ou menos como acontece nos contos de fadas: ela terá um homem em casa, que lhe resolveu a contento um problema de marcos e outros pode resolver. Ele terá estabilidade e estatuto de proprietário, será um ‘senhor’, poderá fazer casa nova, ter filhos a quem deixar o fruto do trabalho e ‘habilidades’ de uma vida.

Mas as coisas com Timóteo não são lineares, nem no plano profissional, nem no pessoal e familiar: ele é um aventureiro, amoral, ambicioso e oportunista, capaz de ‘vender a alma ao diabo’. Não se digna avisar se não vem comer a casa, ou dormir. Se aparece de surpresa, a qualquer hora da noite, exige que a mulher lhe abra a porta... e as pernas.

Ao contrário de alguns outros maridos, no entanto, nunca lhe bateu; mas é provável que o medo que lhe impunha fosse equivalente a uma sova equivalente, embora sem bengala.

— Muitos *Maridos*, como Timóteo, são ignóbeis, superficiais. Consideram-se uns reininhos e as mulheres e os filhos como um favor que, na sua infinita generosidade, fazem ao destino. Passam entre si a imagem de dureza e totalitarismo e gabam-se de ser mais ainda do que de facto são. O gabarola, que paga com bengaladas a ternura da mulher, será, bem ao

contrário, um infantil, bem inseguro da sua legitimidade e, quem sabe, da sua capacidade de dar e receber amor.

Actualmente, algo de semelhante acontece: apesar de modernas técnicas (até farmacológicas) de manutenção e alargamento da capacidade sexual, os maridos continuam a maltratar as mulheres, e também nem sempre por vingança ou superioridade, mas por impotências várias. O prazer do sadismo é quase sempre um efeito de graves carências de falhados, mórbidos mas perigosos por causa da ânsia de compensação.

— As *Mulheres* estão presentes no conto sob dois ou três pontos de vista, em que avulta o do autor-narrador, o da esposa e de outras mulheres e, ainda, o de Timóteo e amigos.

Um aspecto psicológico feminino salta logo à vista, de forma irónica: “as mulheres choram sempre”... E parece que nesta expressão se subestima o poder de uma lágrima de mulher, como arma de amor ou de destruição. Este choro de Gracinda, recém-promovida à viuvez, nunca incluiria algum fingimento? Será mesmo, apenas, fragilidade?

É que, mesmo essa fragilidade das mulheres, se bem auscultada, pode bem ser apenas aparente, fingida e consentida — na sombra da clandestinidade, quando é ‘preciso’ ceder à tentação, elas construiriam um reino privado de cumplicidades e compensações.

Mais curioso ainda é que as outras mulheres iriam condenar abertamente a ‘pecadora’ — a fragilidade e também o fingimento! — mas secretamente aplaudindo-a e invejando, com real convicção, o exemplo da sua coragem de género e classe, feminista e igualitária.

Se as outras mulheres, lá da pequena vila deste conto, conseguissem convencer Gracinda de que os bebês, em vez de virem ‘de Paris’, eram fruto de uma fraqueza (ou um direito?) a amores temporões ou serôdios, nenhuma bengala lhe cortaria a raiz do pensamento e novos e gloriosos galos lhe papariam as abadas de milho em roliça capoeira de rica viúva.

Segundo certas lendas, com dinheiro no bolso, uma mulher proprietária no Douro, das duas uma: ou se manteria solteira e orgulhosa virgem ‘sempiterna, amen’... ou ia, oficialmente (para as criadas e vizinhas verem e fazerem constar...) até ao Porto, em negócio de vinho ou farrapos e, aí, sob a capa do anonimato da cidade grande-mãe, facilmente cativava um ‘fadista’ de boa aparência para lhe ‘fazer o serviço’.

Curiosamente, ao fazer referência aos filhos “aparecidos sem pai nos regaços das mães”, “que tinham o homem para o Brasil”, o narrador cala mais pormenores, nem respondendo a uma simples pergunta da nossa curiosidade civil: afinal quem e donde seria o pai real desses ‘meninos-cucos’?

— A *Esposa* do conto comporta uma imagem de impecável solidez e dignidade, mas não completamente de passividade. As esposas nem sempre aguentam uma vida doméstica de limitações orçamentais; responsabilidades totais com as necessidades básicas; e com a educação dos filhos; e total ausência de horários, quase como escravas... e não raro sem amor e reconhecimento. Mas, em Gracinda, é notável a capacidade de entrega ao instinto primordial da maternidade e do tálamo, por norma ancestral afogando os sonhos e matando certas ilusões! Fica dela também a imagem de uma raça, hoje (e sempre) em extinção, que se aproxima do heroísmo.

De facto, uma característica inerente a muitas esposas rurais é a sua 'táctica do salgueiro': por mais pesadas que sejam as aparências de escravidão doméstica, elas conseguem tudo aguentar, servis e dobradas, mas regressando e assumindo depois a verticalidade, como se nada de essencial se pudesse alguma vez passar capaz de pôr em causa a dignidade de honrar o voto sacramentado no compromisso de 'estar lá' nas boas e nas más horas.

Isto é carácter — e sê-lo-á eternamente.

— *A Paróquia, os Padres e o Luto*

Não é explicitado na narração se Gracinda vai à missa aos domingos. Apenas se fala na viúva que vai à igreja num contexto de cerimonial de luto. Não é uma questão de obrigação nem de devoção: é um processo de montagem e encenação de duas contradições da vida: na sombra do sofrimento íntimo de uma vida inteira de casamento, ergue o espectáculo da visibilidade do negro do luto. Mas, absurdamente, esse luto é, precisamente, a sua libertação do sofrimento real e de todas as frustrações abafadas.

É óbvia a função dialógica da estrutura religiosa da paróquia, com o seu dom de receber todas intimidades individuais, por mais badalhocas que sejam, e as lavar numa pia de água benta, pasteurizada com o simbólico sal da graça divina, dando-lhes auras de créditos e virtudes sociais.

Nenhum psiquiatra ou psicólogo, dos que a ciência hoje forma, faz esse milagre: só o padre. Mas o padre da velha cepa, profissional em *full time*, de olho bem aberto e orelha à escuta, poderoso na austeridade, assumido na autoridade de perdoar pecados e exorcizar demónios. Utiliza, como instrumento, um bom breviário, uma cruz empinada, óleo bento e porrada de pastor no cerro de certas ovelhas ronzosas, que ele conhece de saber único, secreto e certo.

— Os *Lazeres* e o poder da *Arte* também ocupam lugar de destaque na economia da narrativa: o fundamento todo do acesso aos novos doutores reside no jeito que Timóteo tem para a música e, com ela, a conversa amigável, na companhia poética de um copo, num recanto propício ao desabafo e, logo, à intimidade e à confiança. Com gente oportunista, gera-se até a figura do 'abuso de confiança'.

— O *Ruralismo* e o *Provincianismo* do interior estavam, já nessa altura, eivados da decadência urbana e dos vícios da compra, venda e permuta de corpos e almas.

Já se começava a vislumbrar, então, o que a televisão, a grande 'bastonária' da Decadência e do Materialismo Global da Sociedade de Consumo, iria bolsar quotidianamente para cima das audiências: os mais nobres tempos de antena não são dedicados ao progresso das Ciências, das Artes, do Humanismo, debatendo os grandes problemas com especialistas — mas a meia dúzia de horas diárias de novelas por canal, mais dezenas de séries por cabo, com dezenas de *shows*, *talk-shows* e concursos de promoção da pouca-vergonha, milhares de horas de futebol na meia dúzia de canais normais, mais meia dúzia de canais do cabo, e havendo ainda meia dúzia de jornais desportivos diários!

Que educação, que formação, que futuro para este povo? — os remediados e pobres, e os do interior, pois os ricos estão cada vez mais ricos!

Que escola poderá contrariar o crescente descaramento, a galopante burrice que será

irreversível e passará a genética dentro de alguns anos?

Já naqueles tempos, e não só agora, o homem comum, obrigado a procurar, de sol a sol, a subsistência da família, ou a mulher de idade, guardiã da sabedoria ancestral e da honra familiar, interrogavam-se sobre 'a fim do mundo', pois, por instinto sociológico e moral, sentiam já que estavam irremediavelmente a perder-se os valores — da palavra dada, da integridade, da honestidade, do cumprimento dos deveres, das prioridades sociais... e outros alicerces de uma cidadania digna, progressiva e saudável.

E nas horas de angustiada e instintiva lucidez, desabafavam, à moda antiga, de quando o vocábulo 'fim' era feminino: "estamos *na* fim do mundo!" E não tinham visto tudo... haviam de ver agora, essas pessoas de uma só peça e uma só alma, a 'rebaldaria' total, o sexo exposto, seios, barrigas e rabos ao sol como abóboras, a intimidade lancetada, os segredos depejados pelas sarjetas, raptos, escutas telefónicas de fazer corar os pides hitlerianos, os roubos, os vendilhões de tudo, até do futuro do País, os monstros da pedofilia, a sodomia dos casamentos homossexuais! Voltavam ao refúgio do caixão, sem sequer olhar para trás!

### ***Algumas projecções sumárias***

À primeira vista, em seis pequenas páginas com 8,5x15cm de mancha, este conto de João de Araújo Correia mal nos poderia entreabrir um pequeno alçapão de sótão, venerável e discreto, onde guardasse alguns restos do já gasto e desusado mundo do seu tempo.

Ilusão! Em vez das teias de aranha penduradas nos húmidos recantos do mofo, encontram-se varandas de faiscante lucidez e crua actualidade, que permitem olhar panoramicamente o passado, não obscurecido pelo pó que tudo torna obsoleto, mas rejuvenescido pela luz que a altura aí projecta e concentra no futuro, o nosso presente.

Focando melhor os recantos mais recônditos, verifica-se que aquele mundo, afinal, é igual a este mundo, este nosso mundo actual! Pelo meio, lá estarão alguns oásis de valores, princípios, honestidade, verticalidade ou moralidade... mas, por lá e por cá, continuam a coexistir os mesmos genes parasitários de ácaros, miasmas, podridão...

E a nova geração fica a pensar no que afinal tem o homem feito para mudar, melhorar, evoluir no sentido da elevação e dignificação da sua natureza.

No cósmico turbilhão da poderosa dialéctica Construção-Destruição, o homem moderno fica espantado ao verificar que a humanidade avança e recua, anula e restaura... e não sai disso, como se estivesse condenada a um vírus pandémico multi-resistente, que a há-de fatalmente acabar por matar.

E, de espanto, brotam do livro — aberto no conto publicado há quase 40 anos — perguntas como estas:

Como serão agora os caciques (ainda há caciques)? O nepotismo e o compadrio ainda não foi erradicado? Onde estarão agora os vizinhos 'macacos', mudadores de marcos e desrespeitadores dos direitos do semelhante? Haverá ainda homens de bengala em riste? Mulheres com meninos-cucos? Esposas que anseiem por algum tempo sós, viúvas? As



raparigas ainda têm de ir às teias judiciais queixar-se de serem desrespeitadas, assediadas, violadas? (As virgens e as honestas, que as outras... a promiscuidade as alimenta e os preservativos as protegem.)

E, concentrando-nos em exclusividade nos núcleos temáticos do conto (o casamento e os tribunais), trazendo-o melhor à ribalta do presente, tentando projectar uma atitude de análise, e, talvez, uma semente de optimismo em relação à nossa Região e País, perguntamos ainda:

Como se realiza agora o respeito entre os homens e as mulheres? A coabitação do casal? E os tribunais? As relações de cidadania política?

Ora, todo este mundo de drama humano está contido nas seis paginazinhas do conto escolhido, em torno de dois pólos, dignos de ainda mais exploração:

— Acerca das relações homem-mulher, existe uma enorme incidência apelativa nos *massa media*, no sentido de promover a igualdade de géneros. E a liberdade do amor, total e totalitária. Difícil, insana tarefa! Absurdo ideal, em que radica o ataque à própria vida, subjacente ao aborto! E, como as violências domésticas se mantêm vivas, restou decretar o divórcio, regulamentar a custódia dos filhos (sobre quem sempre desaba o problema), o agravamento das penalizações. Como tudo isto, apesar de 'bestialmente' supercivilizado, não resulta, não faltam os mortos e feridos nos hospitais e cemitérios. Mais difícil de articular estatisticamente são os infundáveis dramas íntimos de homens e mulheres frustrados nos seus sonhos ambiciosos e levianos, e, sobretudo, de crianças e jovens profundamente truncados pelos egoísmos típicos da sociedade de consumo, materialista, permissiva e irresponsável.

Por outro lado... a nobre e democrática Europa já anda a estrebuchar por causa do uso da *burka*, símbolo da maldição bíblica de Eva. E as mulheres ocidentais já não queimam os sutiãs, porque pensam que por ganharem uma batalha, não vão perder a guerra!

É que os sociólogos e estatísticos prevêm que, já em 2030, a Europa será maioritariamente muçulmana! — molemente dobrada ao fundamentalismo, *burka*, poligamia, machismo, interdição das mulheres à cultura e aos cargos públicos, delapidação por adultério (mas só o feminino)...

— Quanto ao outro pólo do conto, o ponto de vista do autor-narrador já não se mostra tão benevolente a respeito do que Timóteo fazia no tribunal, visto tratar-se já não de uma violência individual ou mesmo familiar (e 'entre marido e mulher não metas a colher'), mas de um crime social e uma atitude de atropelo aos direitos básicos de cidadania colectiva, que acha bem desmascarar, por ser podre e socialmente cancerígena. Mas, embora o possa fazer, na qualidade de narrador onisciente, não castiga Timóteo directamente: espera que ele assente, 'deixa-o poisar' e preparar-se para a felicidade de uma aposentação longa e saudável. Então atira-lhe a 'chumbada'. A matar.

Como a concessão de dois gozos numa só vida (a activa, tão criminosamente libertária, e a 'regalada', a iniciar) seria atentar contra o próprio céu, ou, melhor, de 'bradar aos céus', dá-lhe então a doença incapacitante que o há-de levar. Concomitantemente, à mulher, tão

sacrificada e sensata, compensa-a com aquela “pancada no caco”, que a leva, a ela sim, ao ‘céu’, ainda em vida... claro, não tanto tempo como ela queria, mas, ainda assim, uma boa nesgazinha de cinco meses.

### ***A moderação da crítica pedagógica***

Em Araújo Correia a relação crime-castigo funciona de maneira mais pedagógica do que penal, sobretudo atendo também àquela finíssima pitada de sal irónico, que faz as delícias de quem o lê de forma atenta e inteligente.

— Em relação a Timóteo, nem existe qualquer castigo na anulação da “reforma regalada”, apenas uma reposição do basicamente justo: ele fez na vida activa tudo o que quis e ‘ainda lhe cresceu tempo’. E, vá lá... até seria de elementar justiça não apenas ter no fim os pratos da balança equilibrados, mas ter sido mesmo punido com uma morte bem mais dolorosa, de acordo com os numerosos atentados contra pelo menos seis dos sete pecados mortais:

Indo directamente ao código... ora bem: cometeu Soberba, em vez de praticar a Humildade; Avareza (Generosidade), Luxúria (Castidade), Ira (Paciência), Gula (Temperança), Inveja (Caridade)...

Compreende-se que tenha sido parado, quando se preparava para atacar também o sétimo — a Preguiça.

— Quanto a Gracinda, a redução do tempo de viúva não resulta do aspecto quantitativo mas do qualitativo: ela não cai na Avareza, nem na Ira, nem na Gula, nem na Inveja, nem na Preguiça, nem na Luxúria... nem sequer, como a mãe Eva, se lhe antevê a tentação de dar uma trinca nalgum fruto proibido, dentro, ou fora, do seu paraíso triangular: a casa, o quintal e a igreja.

A necessidade de repor o nível dos pratos da balança, para aferimento e estabilização do seu estatuto bíblico de ‘justo’, resulta também de um cirúrgico abuso de sorte e felicidade por parte dela, que muito bem pode ser interpretada como vingança e, até, como aquela nefasta *hΩbris* da tragédia clássica, pois se arroga em ‘Dona’, de excessos, orgulho e exibicionismo, quer em relação à sociedade circunvizinha, quer em relação à caridade, quer em relação às missas, quer em relação aos luxos do luto, quer, mesmo em relação à criação de flores e bicos...

Ora o orgulho (Soberba) encabeça a lista dos pecados mortais! e, curiosamente, o que a matou foi descer a escaleira, talvez de socos, toda emproada, com excesso de milho no avental!

Além de uma exuberante, mas condensada, criatividade, os contos de João de Araújo Correia exibem um profundo conhecimento da língua materna e da natureza humana. Respira-se neles uma tão fresca e saudável brisa de bom senso e ironia, subjacentes à referencialidade, análise e denúncia dos vícios sociais da sua e nossa actualidade, que a sua divulgação constitui uma pesada herança, deixada a todos nós, que o conhecemos e amamos.

*Altino Moreira Cardoso*  
Sintra, 30 de Janeiro de 2010

## João de Araújo Correia, a água da Eternidade

Nos anos setenta, época da minha juventude, veio-me ao encontro João de Araújo Correia com os seus *Contos Bárbaros*, da colecção “Livros RTP”. Os contos deste autor duriense, talvez pelo contacto que eu mantinha com as gentes simples do povo trasmontano, e por serem adequados à minha idade, constituíram, para mim, leitura apetecível. Numa palestra a que assisti, um estudioso de quem pecaminosamente me não lembro do nome referiu-se ao Conto como *o cordão umbilical que não nos deixa fugir das raízes. É ele que nos alimenta e suporta a personalidade*.

Esse foi o alimento que eu busquei ao longo da vida nas leituras que fiz de João de Araújo Correia. Este ilustre escritor escreveu essencialmente contos, não sendo, por isso, legítimo considerá-lo um escritor menor, como pretendem alguns. Bem pelo contrário. Todos sabemos que este duriense de alma e coração granjeia a fama de ser um dos melhores contistas portugueses de todos os tempos.

Vergílio Ferreira, na nota introdutória ao seu livro *Contos*, deixa bem claro que (...) *um conto (como uma cerâmica ou uma gravura), bem realizado, excede em importância um mal realizado romance (...). Não pode, pois, a isto objectar-se que é preferível um bom conto a um mau romance — porque o é.*

E João de Araújo Correia bem o sabia, tendo disso consciência. Ignorava quem o não apreciava, como é habitual acontecer a todo aquele que cede ao chamamento da “vocação literária”. Sempre assim foi, assim é, e assim continuará a ser...

O autor de *Contos Bárbaros*, no prefácio à 2ª edição, diz-nos, à guisa de ironia, que *Foram precisos vinte nove anos contados para se esgotarem mil exemplares de uma obra que constitui, segundo se diz, um êxito de livraria.*

*O autor que não se deslumbra com êxitos inventados por quem lhe quer bem, consola-se ao verificar que os melhores amadores de primeiras edições se arrepelem, reconheceram que se descuidaram com os Contos Bárbaros. Digladiam-se, agora para obter, por qualquer preço, o ressequido molete que lhes falta na invejável prateleira de primeiras fornadas.*

Daqui se infere que João de Araújo Correia era conhecedor do seu real valor, não se deixando subjugar à crítica, afrontando-a mesmo, como o toureiro durante a faena. Corajosamente este autor transforma assim em farpa, qual toureiro experimentado, o prefácio da segunda edição de *Sem Método: A quem um dia me perguntou se era verdade eu repetir-me, respondi que sim.*

*Quem é que se não repete? Só se não repete quem lavou a cara uma vez e nunca mais. Eu repito-me... Tenho a honra de me repetir todos os dias e até nas horas de cada dia.*

É assim, com esta lucidez, que João de Araújo Correia, não negando as suas raízes, deixa

fluir livremente a sua veia literária, escrevendo com orgulho: *nasci escritor em casa de lavoura, situada à beira de uma fonte.*

Seria essa a fonte de onde jorra a água da sua Eternidade?!!

António Fortuna  
Dezembro de 2009

## Memória e Referência na Prosa e na Poesia de João de Araújo Correia

Em 1985 deu-se uma mudança marcante na minha vida: iniciei os meus estudos no ensino secundário, precisamente na Escola Secundária João de Araújo Correia. No dia 31 de Dezembro desse mesmo ano João de Araújo Correia partia na outra misteriosa jornada que todos temos, até à data da evolução humana, de empreender. Não o cheguei a conhecer em vida, nem o tinha lido até ao momento em que o seu nome todos os dias me entrava pelo olhar adentro. Enquanto crescia fui-me apercebendo da grandiosidade do escritor que era o patrono da escola onde eu maturava uma certa parte da minha aprendizagem.

Incompreensivelmente, nenhum professor me iniciou na obra deste autor da maior espécie. Por mais do que uma vez já defendi que no currículo escolar de cada concelho deve constar, no mínimo, o estudo obrigatório de pelo menos um autor natural desse concelho. Seria uma outra forma dos alunos se identificarem com a sua terra de origem.

Tomei a iniciativa de seleccionar as minhas próprias leituras. Algumas histórias de *Contos Bárbaros* e *Contos Durienses* fizeram parte das minhas lições de adolescente já a caminhar para a idade adulta. Neles não só contactava com uma sábia e nua descrição da existência humana, vista por um médico de profissão e escritor por vocação, como também adivinhava o homem que a narrava.

Justamente em *Contos Durienses* J.A.C. influenciou-me quando no conto "O Escritor" narra o drama fatal da vocação de um escritor que não podia deixar de o ser. Note-se neste parágrafo sugestivo:

«(...) veio-lhe às mãos, por acaso, no meio duma remessa de livros recém-chegados de Lisboa, o diário íntimo de um grande escritor estrangeiro. Leu-o com alvoroço. No fim da leitura, resolveu escrever também o seu diário. Comprou um grande livro branco e foi-o enchendo, dia

a dia, com as suas observações e com as suas fantasias. Focou a vida mesquinha, hipócrita, vaidosa, da sociedade rica da sua terra natal. Sondou a vida suja, esfomeada, desregrada, mas sincera, da infima plebe da vila e arredores. Fixou-a em frases sintéticas, semelhantes a fórmulas químicas — frases que dariam a um entendido, num relance de olhos, o fulcro duma tragédia ou duma comédia. Esse diário tornou-se o pão-comer do seu espírito. Em três grossos volumes manuscritos, a matéria que, levedada, daria uma grande obra impressa. Daria contos, novelas, romance e, sobretudo, teatro. As paixões humanas surpreendidas, analisadas, extraídas da natureza como se extraem os minerais, limpas de toda a mistura inconveniente à sua compreensão, eram o imã poderoso das faculdades do filósofo e do artista».<sup>1</sup>

De referir, à guisa da motivação para a grande prosa, que nos seus contos a terra e o homem são elementos que se conjugam harmoniosamente.

A condição e a vocação do nosso escritor ficou assim registada na revista *Do Ocidente* — *Revista Portuguesa*<sup>2</sup>: «"Sem Método" é estreia literária, o primeiro livro dum escritor" — diz o Sr. Dr. Vergílio Correia, que o prefacia».<sup>3</sup> Sobre este mesmo livro, na secção *A Crítica e o Sem Método (Notas Sertanejas)* do livro *Contos Bárbaros*, podemos ler: «(...) capítulos há no seu livro que são pequenos poemas onde o sentimento acamarada com a razão e a verdade se irmana coma observação. Verdadeiras pinturas literárias. Veja-se como é descrita a cidade de Lamego numa linguagem que silencia como silencioso é o ambiente da vetusta terra beirã».<sup>4</sup>

A palavra poética tem de facto uma presença assídua na prosa de J.A.C., ora, este começou por publicar crónicas e versos nos jornais da Régua. Escrevia sobre o Douro, naturalmente não se alheando, à guisa de outros<sup>5</sup>, da arrebatadora força do homem e da

---

<sup>1</sup> Correia, João de Araújo, *Contos Durienses*, Régua, Imprensa do Douro, 1941, p. 139.

<sup>2</sup> *Do Ocidente* — *Revista Portuguesa*, Lisboa, Fevereiro de 1939.

<sup>3</sup> Correia, João de Araújo, *Sem Método* — *Notas Sertanejas*, Prefácio do Dr. Vergílio Correia, Peso da Régua, 1938, p. 205.

<sup>4</sup> Brito, Nogueira de, in *O Diabo*, 11 de Dezembro de 1938.

<sup>5</sup> A este propósito partilho aqui um texto belíssimo com que me cruzei em leituras recentes: "Há quem diga que o Minho é obra da natureza e o Douro foi feito pelos homens. Ali a eterna harmonia do verde, aqui os maravilhosos anfiteatros que, em socacos penosamente trabalhados, vão do rio ao cimo das montanhas. Não caberia num simples artigo a descrição de heterogéneas mas sempre belas paisagens. Tudo o que no Douro é sublime austeridade, no Minho traduz-se pela como que sinfonia vegetal. Num lado o espectáculo telúrico, noutro a planura repousante. No rio que entra pelo nordeste e cuja bacia hidrográfica abrange seis distritos e quarenta concelhos, situa-se mais de metade dos recursos hidroelétricos do continente e se projectam edificar vinte e seis barragens, a paisagem sobrepõe-se à modéstia da economia de subsistência. Quem do caminho-de-ferro contemplar as margens há-de extasiar-se não apenas com a formosa enseada do Pinhão mas com a sequência desse autêntico filme orográfico. Na Régua admirará a simplicidade das pontes e o casário que desceu do Peso à borda de água desde o Marquês de Pombal impulsionou a agricultura vinhateira ao fundar em 31/08/1756 a Real Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro por sugestão do portuense e dominicano Frei Mansilha, ali, na terra doada a D. Hugo e aos prelados da cidade da virgem que lhe sucederam. De uma e outra banda do Douro as árvores trepam pelas encostas. Ao mesmo

natureza que caracteriza a região em que nasceu e cresceu, do Marão, o rio Douro, as árvores, a Régua, Camilo Castelo Branco, entre outros assuntos. Nas suas crónicas as ideias são concisas e brilhantes.

Nesta senda, nos contos, na crónica ou no registo do epistológrafo, portanto, na prosa em geral, a linguagem de J.A.C. é simples, clara e persuasiva. Os assuntos são tratados sem pormenorizações impertinentes, mas em certas ocasiões com extensões frásicas. O nosso autor é conciso e equilibrado na acção e no recorte da sua expressão literária quando imprime os seus casos e os seus tipos. Vê com o coração e com a inteligência.

O meu primeiro estudo da escrita de J.A.C., concretizado com a publicação de um artigo, data de 2005<sup>6</sup>. Aconteceu com a crónica “Pontos do Rio Douro”, presente no livro *Nuvens Singulares*. Esta crónica, rica em fraseologias, idiomatismos, provérbios e quadras populares, tem como tema o Douro e dá-nos uma visão do rio de mau navegar. Mais tarde, em 2009, na ocasião do 1º Fórum João de Araújo Correia e na sequência de uma palestra que proferi sobre o seu livro de crónicas *Pátria Pequena*, publiquei o meu segundo estudo sobre J.A.C., com o título “*Pátria Pequena* e o carácter universal na escrita de João de Araújo Correia”.<sup>7</sup>

Porque o mister da cultura é sempre estimulante quando a servimos, assim contribua este texto para que a memória dos leitores (actuais e futuros) de J.A.C. não se vá apagando; porque um escritor é um construtor do universo, assim se perpetue a memória dos contos de J.A.C., como “É meu pai”, por sinal marcadamente moralista; porque o conhecimento da vida implica dor, assim é importante percebê-la pela pena de um autor que cumpre a sua função divinalmente, como é o caso do nosso J.A.C.; porque devemos apreciar um homem não só pelo seu carácter supostamente superior, mas também pela sua capacidade de emparceirar ao lado dos outros e de descrever com elevada humanidade as experiências da vida, aqui temos um que nos espanta e nos diverte também; porque é fiel e atenta a visão que nos dá do Douro e o torna familiar junto dos estranhos que nunca o viram, J.A.C. é um autor incontornável porque o multiplica em ideias e o aproxima do leitor; porque os temas regionalistas e o realismo o aproximam ao nível linguístico e temático dos grandes autores de uma certa tradição de rusticidade e de pureza, nele a vernaculidade recria expressões orais da sua região; porque a

---

tempo que as defendem da inexorável erosão, fornecem frutas de delicado sabor, como as cerejas de Penajóia e laranjas abundantes». Excerto do capítulo “Do Douro ao Minho — o encanto da paisagem e a mesma alma portuguesa”, in Reis, Rogério, *Trás-os-Montes (Problemas Regionais)*, Vol. I, Régua, Imprensa do Douro, 1968, pp. 203-207.

<sup>6</sup> Vide: Borges, António José, Gouveia, Sofia, Santana, Maria Olinda Rodrigues, “A linguagem do Douro em duas gerações de escritores: João de Araújo Correia e Camilo de Araújo Correia”, Porto, GEHVID — Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto (Faculdade de Letras do Porto), *Revista Douro Estudos & Documentos*, 19, Vol. III, 2005, pp. 279-293. Neste artigo consta também uma análise do texto “Rio Velho, Rio Novo”, de Camilo de Araújo Correia, que faz parte do *Livro de Andanças*, dado à estampa em 2003, numa 2ª edição pela Garça Editores. O texto está inserido na página 27.

<sup>7</sup> Borges, António José, “*Pátria Pequena* e o carácter Universal na escrita de João de Araújo Correia”, *Revista Geia*, Peso da Régua, Tertúlia de João de Araújo Correia, 2009, pp. 48-58.

propriedade da linguagem é respeitada com elevado zelo em J.A.C., assim com ele as naturezas são respeitadas sem artificialismo e não são estabelecidos juízos de valor no desenrolar da acção.

A arte e o artista devem conhecer-se no processo de humanização da natureza que assim se cumpre e assim se consuma também uma parte do ser humano. Para tal, a liberdade é fundamental.

Nos seus contos caracteriza a realidade que lhe entra pela atenção adentro e manietta com a propriedade da linguagem a dimensão psicológica das personagens. Fá-lo de uma forma tão autêntica que só está ao alcance das personagens nascidas nas penas da literatura universal.

O regionalismo característico da escrita de J.A.C. é universal, pois as situações humanas descritas podem ter voz em qualquer lugar.

De um certo modo, J.A.C. reflecte nos seus contos instantes alongados da vida humana. As temáticas que privilegia estendem-se pelas credices, a busca do benefício pela fraude, a defesa da terra, a condição das mulheres, o discurso panegírico, ou a defesa da Língua Portuguesa, alcançando o exercício da crítica linguística. O tema da saudade também é, não raras vezes, a pedra de toque da sua prosa, assim como o drama da vocação de escritor na sua condição profissional, pois tinha de aproveitar todos os momentos livres para escrever.

Sendo que a sua prosa é poética em vários momentos, centro de ora em diante a atenção no seu único livro de poemas, *Lira Familiar*.

À semelhança de João Bigotte Chorão, quando atribuiu aos contos de J.A.C. a qualidade de transmitir «um instante de vida», importa usar desta ideia e transportá-la para *Lira Familiar*, onde esta impressão nasce no fim da leitura desta obra de pormenores.

Todos os livros de um escritor que pertence ao círculo dos grandes são importantes. No caso de J.A.C. — superno mestre da vocação de escritor, reconhecido contista da maior espécie, cronista atento e acutilante, fecundo e proficuo epistológrafo, entre outras realizações com a palavra e que edificam a casa de um mestre da escrita literária — trata-se de descortinar em que medida *Lira Familiar* nos mostra temas da sua produção pré e pós poesia escrita; de identificar resíduos de outros voos da metáfora; de detectar indicações que se seguiram.

Não é um risco analisar um livro, que é o único, de poemas de um eminente homem da palavra escrita. É um investimento do investigador que quer descobrir sem limites. E mais que, conquanto seja possível, enquadrar *Lira Familiar*, emparceirá-la no contexto da poesia da sua época do século XX não é tarefa necessária, dado que se trata de um único livro do género no manancial da sua obra, de carácter se não eminentemente familiar ao menos intimista e de uma poesia não tão fecundamente estruturada, porém, onde é notório o estágio dos poemas.

*Lira Familiar* é um livro de indícios de temas, ainda que a publicação seja da fase final da sua produção, onde se detecta pela sua aptidão endógena a realidade concreta que o rodeia no exercício da sua profissão. A palavra não estabelece frequentemente juízos de valor, é a fundamental, conquanto estejam presentes algumas notas imagéticas e de retórica, e porventura insubstituível — parece, no entanto, que em J.A.C. a poesia limitava algum do seu domínio prosaico-vernacular.

*Lira Familiar* é um livro de uma grande candura, mas ao mesmo tempo sábio.

Logo na abertura do livro “Crepúsculo” dá uma definição de poesia: é melancolia, é natureza, é o abrir e o cerrar do pano que define a vida. Ao jeito de uma crónica, o fim abraça o início quando em analogia com a poesia se refere ao «lusco-fusco», ao «anoitecer».

Já no decisivo início do livro, em “Prelúdio” o autor afirma o tom intimista dos seus versos na primeira pessoa e escritos nos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo, dando-lhe um tom narrativo, com laivos de vernaculidade na linguagem («deitava para um prado...») e notando-se uma preocupação com a rima trabalhada. Na repetição «Não tinha grande horizonte» depreendo a sua inapelável condição de escritor. A terceira estrofe marca uma aproximação a Alberto Caeiro quando, referindo-se à sua origem, faz uma apologia da natureza e diz «Daqui provém a minha simpatia/ Com quem padece a pena de viver./ Daqui é que provém o meu afecto/ À limpidez das coisas naturais./ Daqui é que provém o meu horror/ Às artificiais». Um pouco mais adiante, pelo uso do paralelismo «Versos de ocasião/ Versos de circunstância» é registada a condição do cronista e contista de primeira água. Por fim, o «clássico contemporâneo», nas palavras de Bigotte Chorão, afirma-se realmente clássico, referindo: «A novos modos de poetar/ Nunca me pude habituar».

Os sonetos de *Lira Familiar* abordam vários temas que se estendem num pano que vai da *Dor* à *Lingua Materna*. Justamente no poema “Dor” a beleza, inocente ou não, tema recorrente também em “Innocens”, é assunto, a par da dor e das condições do médico e do paciente. Já “Lingua Materna”, a fechar, é um manifesto do escritor clássico lavrador do rigor, que expõe a preocupação com a Língua Portuguesa e os caminhos que esta vem tomando.

Ao trabalho intenso que nasce da acumulação da vocação com a profissão é feita uma alusão quando em “Enxada” o autor repete paralelamente «Se a dor.../ Se a paz...», ora, ao referir-se ao «labor honrado e paciente» o poeta remete-nos para o título do poema.

O soneto “O Pensamento”, aquele que flui, corre e não pára, lembra o estoicismo e o epicurismo de Ricardo Reis — esta correlação é retomada em “Aparição” («Nada haverá melhor que o meu destino...»), sendo este um poema ao jeito da lírica camonianiana: «Por isso eu hoje creio, ó minha amada,/ Na sugestão suave dos teus passos».

A natureza, o sol, a noite as estrelas, a dita dor, a lua, o amor, por vezes enigmático, como em “À M. L.”, a família — tendo em conta que tudo lhe é familiar nesta lira —, os amigos, a mãe (“Mãe” e “A Eduardo Miranda” são panegíricos contados), a terra, não só a Régua (“Ao coração da Régua” é uma tentativa de homenagem à Régua, à paz e à suavidade que inspira), todos estes temas são explorados na poesia, nos sonetos de J.A.C. Nestes sentidos, “A Macieira” é uma ode em forma de soneto, é uma exaltação e uma exortação expressa nas apóstrofes: «Oh! Macieira! Oh árvore formosa»; em “Esperança” o vento embala, a Lua inspira e é ela, só ela, em analogia com a amada, a esperança. Já “Enterro” trata de um homem que morreu e, assim, encerra um estilo contista. A dor é recorrente no livro: a dor de J.A.C. e dos pacientes, como confessa em “A meu filho Camilo” (este um sonetinho), logo à entrada: «Sabes o que sofri,/ Ouvindo, anos e anos,/ Os gemidos humanos/ Até que envelheci». Como médico afirma-se o emissário da dor e da infelicidade de quem o vê. O drama existencial incomodava



o médico, inspirava o escritor e incapacitava o homem.

De destacar os poemas “Paisagem” e “Pátria”, igualmente sonetos, sendo o primeiro quase uma ode na intenção — realce-se a força do amor pela natureza no verso «Eu amo esta paisagem sepulcral» —, onde o Douro surge como motivação do sentido e objecto de apreciação de significados relacionados com amor, suor, esforço e heroísmo. Portanto, está em causa uma apreciação épica de uma condição natural transformada pelo fenómeno humano.

Não privei com o homem-médico, somente privo na intimidade do homem-escritor, na sua *Lira Familiar*, a de um poeta que escrevia contos e crónicas de referência num contexto literário intemporal. O Douro faz parte do familiar.

A dor é um dos temas centrais do livro que nos ocupa. Há um existencialismo marcante no poema “Melancolia”, onde J.A.C. reflecte a sua condição existencial que advém da cisma em que mergulha sempre: a compreensão da dor. A mesma e diferente dor do poema-conto em forma de soneto “O atormentado de Seide”, que começa com as notas metafóricas: «O vento geme. As dores roem-lhe os ossos». Ainda outra mesma e diferente dor é a que lemos no poema “A uma criança” ou “A Maria Virgínia”, sempre num tom familiar de aproximação ao absurdo da existência humana.

À guisa de um *in memoriam* de João dos Óculos escreve o autor um conto sonetizado: “Bodas de Diamante”. Aqui notamos os dois géneros de escrita entrecruzando-se.

Sobre os sonetos, importa renovar a ideia de que a natureza e o amor também são linhas principais na fonte de temas da *Lira Familiar*. Em “Pátria” o poeta alude ao Douro; em “Volúpia Escura” trata da natureza e da mulher, recorrendo à metáfora das características de uma na outra; em “Pau Preto” surge de novo a natureza, a Lua... Quanto ao amor, esse tema tão caro a toda a poesia portuguesa desde a sua génese nas cantigas de amigo e de amor e maldizer, se a composição “Quimera” é já uma notável contribuição para a avaliação da presença do tema neste livro, já em “Antítese” J.A.C., algo camoniano nas contradições e no romantismo clássico, tece um largo elogio ao amor, mesmo contraditório, quando diz «Choro alegre e rio descontente». Ora, chora porque não a tem ao pé e ri porque ama. Nada mais natural no sentimento humano.

Em *Lira Familiar*, sem desprimor pelo poeta que mostra o seu gosto pela poesia, podemos aferir a vocação do contista e, acima de tudo, a qualidade da sua palavra poética que mesmo no cronista não foge à sua condição.

Prosseguindo o desbravar da *ars poetica* de J.A.C. chegamos aos sonetinhos, que são sonetos formados com versos de medida inferior ao decassílabo. A família, a dor e o amor são os temas fundamentais.

O remoque, a sátira é a versão popular de soneto. A abrir a secção “Sonetinhos” está o poema “Súplica”, onde o autor assenta uma crítica à religião, observando, ao jeito de quem conta um esquecimento divino, a agonia de uma criança.

A dor e um amor voltam a ser temas em “Refúgio”, pois o sujeito poético pede: «Extingam-se os meus ais».

De registar dois outros sonetinhos: “A uma flor farmacêutica”, que é na intenção uma ode

à arte farmacêutica, não deixando de fazer, novamente, referência à dor; e um sonetinho sem título e de temática familiar.

Nutro especial apreço pela secção “Trovas Populares”. Composta por trovas tocantes, com temas que se estendem pelo amor, expresso na dedicação total à amada («Assenta que por ti morro»), como o atesta precisamente a última trova; o rio Douro (Rio Douro, rio Douro,/ Só de ti é que confio/ O meu pranto quando choro,/ O meu riso quando rio.»); a saudade («O teu relógio de pulso/ Nunca pára de bater./ O meu só conta os minutos/ Que faltam para te ver.»); e a dor que nasce do amor e da saudade (Amor que morre em saudade/ vai além da sepultura.../ Preso à terra pela dor,/ Preso ao céu pela doçura.»), assim nos arrebatam as trovas populares em que J.A.C. não deixa de fazer uso de algumas figuras de estilo para ornamentar as ideias, nomeadamente a da entrega incondicional do sujeito lírico à amada, ora, «(...) Eu, que sou a tua sombra,/ Alguma vez te fugi?», ou o jogo semântico com as palavras «morro» e «ver», manuseando-as ao serviço do domínio da sintaxe e usando-as na seguinte trova: «Tanto faz não como sim.../ Eu, que morro por te ver,/ Tenho tais saudades tuas,/ Que morro por te não ver.».

A secção “Momentos”, mesmo centrada fora da temática da família tradicional, mostra singelos pormenores de intimidade semelhante à familiar e que o poeta resolve partilhar. Dedicada a uma quadra a uma colega, um outro poema, intitulado “Epitáfio”, a um homem que morreu e era engraçado, escreve pequenas composições sobre mulheres, duas delas são quadras dedicadas a uma determinada Adelaide, e no pequeno poema “Natalício” subverte o ditado “não há bela sem senão” quando regista: «És formosa sem senão». Trata-se, esta secção, de um conjunto de retratos de que o contista deita mão para aguçar a curiosidade do leitor.

Noutra secção intitulada “Vária” têm morada versos sobre o amor, a família e a dor, a poesia ou a honestidade.

Em “O Mar e a Lua” é feita uma analogia do amor em relação com a natureza e a mulher-mar. Por sua vez, no poema “Mãe Velha” o poeta discorre sobre a dor da perda. Destacam-se, no entanto, dois poemas de índole familiar, onde num deles, justamente “A meu filho João Maria”, mostra a sua preocupação com o filho, advogado, no exercício do direito, desejando que ele seja honesto – trata-se, sem dúvida, de uma notável atitude de intervenção cívica da parte do cronista que aqui está implícito. E é precisamente este cronista-poeta que surge logo de seguida em “Num Álbum”, quando de forma acutilante tece considerações relativamente à qualidade da literatura, nomeadamente da poesia, colocando-se ao lado do realismo poético de Alberto Caeiro, pois «Lírios, rosas, violetas/ São enfeites da mentira/ Dos que se dizem poetas.». Por fim, o poema “Dístico” joga com relações de contrários, num jogo de palavras que lembra o Livro dos Provérbios à entrada do *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, onde lemos que «Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara».

Quase a fechar o livro surge o poema “A uma olaia em flor”, que é uma árvore ornamental da família das leguminosas, cultivada em Portugal, e também conhecida por árvore-da-judeia. Centrado na observação da natureza e no amor do poeta por ela, incluindo-a nas causas e nas consequências dos fenómenos que afectam o ser humano, portanto, nitidamente panteísta, o autor serve-se da anáfora «Não há jardim (...) / Não há anil,/ Não há lilás/ Nem violeta...»,

repetindo com toda a propriedade os advérbios de negação, assim realçando a oiaia e negando tudo o que não se equipara a ela, continuando depois com a afirmação «Eu amo...», que transmite a ideia de certeza, apesar de não lhe falar, até que a conjunção adversativa «Mas» introduz a contradição da fala silenciosa da oiaia.

O volume termina com a parte a que foi dado o título “Recordação”. Nela consta um poema de Gil Vaz, pseudónimo do poeta Camilo Guedes, nado e falecido na Régua, com o título “Instantâneos VI” e que, sendo exterior, define J.A.C. com palavras-chave logo no início da primeira quadra, considerando-o «cuidadoso» e «metódico» e declarando a medicina como uma arte divina. Toda a segunda quadra define o seu primeiro percurso na escrita, começando pela poesia cultivada com «mimo e aprumo», seguindo-se a prosa que vem da medicina e a medicina que vem da prosa, «mudando de rumo». Na terceira estrofe é enaltecido o escritor brilhante no seu «lavor literário (...) e brio de lapidário». Finalmente, é avivado o carácter vernáculo da escrita de João de Araújo Correia.

Em suma e a fechar, em João de Araújo Correia a primeira arte divina que lhe foi administrada desde sempre foi a da poesia e da prosa. Mais tarde, submeteu-se à imposição da profissão de médico. Foi, na verdade, também um médico da sua língua materna: a Língua Portuguesa que tanto estimou.

*Lira Familiar* é uma obra publicada numa fase já bastante avançada da obra de J.A.C., mas que permite depreender os temas que mais o motivaram desde o início e que, assim, a torna única tanto pela oportunidade da publicação como pela sensibilidade que encerra, além de aventar a inclinação para uma certa palavra poética que o autor acabou por depositar na sua prosa.

António José Borges

## Bibliografia

- Correia, João de Araújo, *Lira Familiar*, Peso da Régua, Editora Imprensa do Douro, 1976.
- Correia, João de Araújo, *Contos Bárbaros*, Régua, Imprensa do Douro, 1939.
- Correia, João de Araújo, *Contos Durienses*, Régua, Imprensa do Douro, 1941.
- Correia, João de Araújo, *Por amor da nossa Fala*, Régua, Imprensa do Douro — Editora, 1952.
- Correia, João de Araújo, *Sem Método — Notas Sertanejas*, (Prefácio do Dr. Vergílio Correia), Peso da Régua, 1938.
- Borges, António José, Gouveia, Sofia, Santana, Maria Olinda Rodrigues, “A linguagem do Douro em duas *Douro Estudos & Documentos*, 19, Vol. III, Porto, GEHVID — Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto (Faculdade de Letras do Porto), 2005, pp. 279-293.
- Borges, António José, “*Pátria Pequena* e o carácter Universal na escrita de João de Araújo Correia”, *Revista Geia*, Peso da Régua, Tertúlia de João de Araújo Correia, 2009, pp. 48-58.
- Chorão, João Bigotte, Braga-Amaral, José, *Viajar com... João de Araújo Correia*, Vila Nova de Gaia, Edições Caixotim e Delegação Regional da Cultura do Norte, 2005.
- Reis, Rogério, *Trás-os-Montes (Problemas Regionais)*, Vol. I, Régua, Imprensa do Douro, 1968.
- Do Ocidente — Revista Portuguesa*, Lisboa, Fevereiro de 1939.
- Jornal de estudos, artes e letras “Artes & Artes”*, nº 3, Lisboa, Setembro de 1997.
- Revista de Letras e Artes “Silex”*, Lisboa, 1980.

## João, curador das gentes, curador das letras

No tempo em que os capilares do Douro eram caminhos rudes calçados a granito e terra dura, a desaguardem em aldeolas de gente calcinada por chicotadas de sol e neve, o Dr. João entrava nelas como o único santo que cumpria promessas. Maleta na mão e sorriso bonacheirão, acudia aos que já nem as rezas valiam, nem as mezinhas do bruxedo eram capazes de enganar. Estranha, a profissão de um médico de província, obrigado a aplicar clínica longe do conforto dum consultório alcatifado e sem a reverência da gente rica, a queixar-se de uma dor de fígado que sobrou da comezaina da ceia anterior. Ali, nos ermos dos lugarejos, tratava dos pobres e miseráveis, onde a dor mais profunda que sentiam era a de ter nascido com a alma encastrada às penedias, como se o nascimento fosse uma condenação. Vinho a mais, comida a menos, sopa e broa seca dias a fio, e as gastrites a inflamarem estômagos, cirroses a cobrarem-se do álcool, pulmões furados de tuberculose, reumatismos a roerem os ossos, infecções a contabilizarem infantes, pneumonias de encher cemitérios.

No Inverno da desgraça, o Dr. João era o sol. Podia ter ido para lá longe, deixar-se enfeitiçar pela grande cidade, ministrar onde a sua sabedoria de médico, mais do que a sua misericórdia de João Semana, pudesse ser reconhecida e bem paga. Mas não. Do Douro que o vira nascer não conseguia apartar-se.

Entretanto, a mesma mão direita que apalpava os ventres sumidos dos serranos, à noite, empunhava a caneta para verter em folhas de almaço os pedaços de vida com que nos deslumbrou. E lá ia mais um conto, uma passagem, uma crónica. Restos que sobravam de um fim de dia a ver males, e que lhe ficavam retidos na memória culta de quem se sentia no mundo como um curador. Curador das dores das gentes e curador das letras. A literatura arrancada a ferros como um filho que nasce de parto difícil.

Uma vez por outra, lá saía um poema: misterioso como o horizonte das serras, sensível como o arado que sulcava a vida e a morte, escoreito como um diagnóstico certo.

Criticava as obras com muitas páginas, porque achava que não era preciso muito papel para se dizer tudo o que se devia. Mas também porque a sua própria vida era feita de pedaços de vida alheia. Por isso, condensava — talvez já contagiado por aquele espírito ancestral dos aldeões que aconselha à economia. Apesar disto, deixou-nos trinta e oito livros, outros tantos retalhos do mundo que sentia e que, somados, perfazem o universo infinito das galáxias do seu talento.

A doença atacou-o andava ele no 3º ano de Medicina, encarcerando-o num quarto, prisão que lhe roubou seis anos de ensino que, contudo, viria a recuperar logo que a sentença foi cumprida. Ingrata a sorte de um médico que teve no próprio corpo o laboratório onde aprendeu o sofrimento dos outros. Mas nem nesse lapso de inacção deu o tempo por perdido, porque ele é o maior bem que temos, o único que não se recupera, e, dentro das quatro paredes da sua cela

— onde uma janela aberta sobre a montanha lhe recordava todos os dias que a vida continuava à sua espera — verteu em resmas de papel a prosa com que se eternizou. Parecia que o destino — esse mistério que ninguém sabe donde vem, para onde vai ou sequer se existe — lhe tinha feito o favor de o isolar para que o seu espírito de artista das letras pudesse despontar de vez!

João era tão agarrado ao seu Douro, que poucas vezes arriscou ultrapassar-lhe as fronteiras. Não reza a história as viagens que fez, mas o Douro lembra-se de o ter visto em cada canto seu.

Um dia, outro mestre serrano nascido numa aldeia inóspita das serras beirãs, um tal Aquilino de Sernancelhe que foi, talvez, o maior prosador que este país conheceu, disse de João que ele era o “mestre de nós todos”. Saída a frase de um qualquer, poderia ser um louvor de circunstância, uma reverência da política correcta, uma palmada nas costas no momento exacto do oportunismo, um favor que se paga com o preço barato de um elogio. Mas vindo de quem veio, a observação seria a expressão de uma emoção que sempre sente quem se mete na dura lavra das letras com o sentido de deixar obra arada onde germinem exemplos de futuro. O avanço do tempo, as ruas e atalhos por onde seguiu a literatura depois dele, confirmaram-lhe a mestria.

E assim viveu, curando de dia os males das gente e tratando das letras nos fins de tarde e noites dentro.

João de Araújo Correia nasceu no primeiro dia de 1899, e, exactamente no último dia de 1985, o calendário rigoroso e implacável da sua vida, levou-o de cá.

Deixou à gente pobre a memória de um médico generoso e incansável, e deixou às Letras portuguesas uma obra ímpar. Deixou cá tudo o que um grande homem e um grande artista, tem que deixar.

Só levou com ele o Douro, como profetizou:

“... Este pedaço de viril beleza,  
Este painel de rica natureza  
Irá comigo para o Além.  
Sempre lhe quis e sempre o defendi,  
Fui eu até que um dia o descobri  
Não o posso deixar a mais ninguém.”

*Francisco Gouveia*  
Tabuaço, Dezembro de 2009

## O primeiro João de Araújo Correia

Na última reunião da Tertúlia João de Araújo Correia, o tertuliano José Braga-Amaral sugeriu que se fizessem diligências para uma nova e cuidada edição do primeiro livro do escritor — *Sem Método* —, sugestão bem acolhida. Vindo a lume no já distante ano de 1938, na Régua e a expensas do Autor, só teve nova edição em 1983, incluída no projecto, infelizmente truncado, de “Obras Completas” de João de Araújo Correia, com a chancela da Editorial Estampa de Lisboa.

Pôde ainda o autor rever essa tardia 2ª edição, com a tiragem declarada de 3200 exemplares, tiragem não vulgar para quem conhecia as pequenas edições da reguense Imprensa do Douro. A verdade porém é que se terá esgotado a edição lisboeta, como se tratasse da revelação de um escritor. É caso para repetir: diz-me quem te edita e onde, e dir-te-ei quem és.

João de Araújo Correia entrou com o pé direito na porta estreita da literatura, onde também muitos são chamados e poucos os escolhidos. O êxito comercial é uma coisa, outra, muito diferente, a qualidade literária. João de Araújo Correia não teve pressa de se ver editado e esperou pacientemente a sua hora. Não veio, por isso, a arrepender-se mais tarde de se ter precipitado, quando a sua prosa não estava ainda sazoadada. Quando chegou, já podia rever-se no que distingue um escritor — o estilo. Prosas dispersas na imprensa local foi o seu tirocinio para apurar — ou “acepilhar”, como lá diz Camilo — os seus períodos.

Prosa essa que logo se impôs pela clareza, tão chamativa na sua nudez, tão coloquial, ao aproximar a linguagem escrita da linguagem falada e o popular do erudito. Escritor da família camiliana, não fez “camilismo” imitando o mestre, seguro da sua identidade. Ele, que não era filólogo ou especialista, estudou por si a língua, lendo os clássicos e ouvindo-a na boca ingramatical do povo. Pois não é também o povo que faz a língua? Sim dirá o nosso autor em artigo assinado por pseudónimo, é o povo que faz a língua, mas quem a desfaz é a canalha. Nesta espécie ou sub-espécie cabem os plumitivos que desadoram o idioma e o maltratam.

A estreia literária de João de Araújo Correia é um livro já maduro, onde encontramos o escritor que iremos achar nos contos e nas crónicas. Uma das novidades do *Sem Método* é, além do ágil estilo, a de vir acompanhado de um prefácio de Vergílio Correia, professor universitário e historiador de arte, que, além desses títulos, podia invocar a condição de primo de João de Araújo Correia. Mas o parentesco não perturba o juízo crítico de Vergílio Correia. Mestre eminente em arqueologia, etnografia e estética — que, além da cátedra, o recomendou para cargos directivos do Museu Etnológico Português, do Museu Machado de Castro e do Museu de Arte Antiga —, Vergílio Correia aliava, ao saber, a modéstia. Modéstia que o levava a confessar o seu embaraço por, não sendo literato, apresentar um livro “de pura literatura”. Quem ler o prefácio há-de concluir que, com ser “justo”, foi igualmente verdadeiro Vergílio Correia. Aos olhos de quem não se tem por literato não escapa o que distingue logo o escritor João de Araújo Correia.

Em primeiro lugar, a sensibilidade, herdada de sua mãe, como veio a revelar numa bela página autobiográfica. Sensibilidade que lhe dita “aguarelas rápidas” e delicadas, aqui e além com um toque de ironia, e finas páginas de rasgo poético. Essa sensibilidade tem a servi-la um estilo transparente e pessoal, tão feliz a captar um quadro doméstico ou intimista e um quadro aberto à paisagem duriense, com o rio caudaloso e os socalcos vinhateiros, altares pagãos erguidos ao deus Baco. Ao lado de retratos de gente de nomeada, pelo menos na região, retratos de tipos populares, surpreendidos no seu pitoresco ou no seu patético.

Há trechos que Vergílio Correia assinala como merecedores de antologia. Como aquele que tem a numeração romana XXXVI e assinala “o contraste entre o viticultor duriense e o serrano das vindimas”, cada qual com uma grandeza que se diria sobre-humana. Esse trecho e esse contraste evocam-nos o Garrett das *Viagens*, lá onde fala do campino na lide do touro e do marinheiro na faina do mar. Qual o mais corajoso? Um defronta o animal bravo, o outro expõe-se à fúria dos elementos, num duelo como que cósmico. Entre o viticultor do Douro e o serrano que vem vindimar, qual o mais forte? Um e outro são credores de admiração e respeito, porque ganham duramente o pão com o suor do rosto.

Estas “Notas Sertanejas”, como singelamente as intitula o Autor, são — o próprio título o sugere — escritos breves, que, por sua mesma brevidade — às vezes meia página —, exigem um grande poder de síntese. A prosa de João de Araújo Correia não se derrama por páginas e páginas, como se a própria serra lhe pusesse limites. Numa saborosíssima crônica de *Três Meses de Inferno* faz o elogio do livro pequeno, tão leve que não pesa na mão quando, à noite e antes de apagar a luz, lemos algumas páginas. É o livro de bolso que serve de viático em qualquer viagem. Desadora João de Araújo Correia o gigantismo e a retórica.

A sua prosa leve tem um toque impressionista ao fixar uma paisagem ou uma pessoa, como um poeta que sugere mais do que diz. Não escreve poemas em prosa o autor de *Sem Método*, mas o seu estilo tem uma graça toda poética. Num tempo agressivo, para que não pouco contribuem os escritores, João de Araújo Correia pede escusa “de não ser duro, como hoje se exige dos bons cidadãos e dos bons criminosos”.

Um prefácio como o de Vergílio Correia a *Sem Método* não é habitual na obra de João Araújo Correia, que não confiava a outrem a apresentação dos seus livros. Se algum deles era reeditado, o autor, ele próprio, escrevia um breve antelóquio, um simples bilhete até, para justificar-se ou justificar um título. Na 2ª edição de *Sem Método*, lê-se um “bilhete do autor” em que se declara que “o escritor só se não repete no primeiro livro”. “O que importa — acrescenta — é que se não plagie e si próprio na expressão do mesmo tema”. É o que faz quando retrata alguém que já aparecera em outra ou outras crônicas ou retoma um assunto em novo escrito. Como os pintores que da mesma personagem fazem vários retratos ou da mesma paisagem fazem variantes. Não é a paisagem um estado de alma?

Em antologias publicadas em vida do nosso autor, são os antologiadorees que tomam a palavra para dizer de sua justiça, seja o Guedes de Amorim dos “melhores contos de João de Araújo Correia”, seja o Fernando de Araújo Lima d’A *Lingua Portuguesa* na obra de quem lhe acudiu na *Enfermaria do Idioma*. Não faz João de Araújo Correia como Camilo, que escrevia

singulares e, não raro, notáveis prefácios a livros que saíam da sua oficina vulcânica, desvalorizando-os porque o seu tempo já passara e não era mais que um sobrevivente — alguém que já perdera o prazo de validade... Leia-se ou releia-se, para citar só dois exemplos, o prefácio à 5.<sup>a</sup> edição do *Amor de Perdição*, com a remoque à "Ideia Novíssima", ou o que antecede *Eusébio Macário*, em que proclama jocosamente ser esta uma "obra violenta, de combate, destinada a entrar pelos corações dentro e sair pelas mercearias fora".

Em Coimbra, de que não foi escolar e a que não estava preso por qualquer romantismo saudosista, João de Araújo Correia visita dois sábios, mas omite os nomes. Suspeito que um deles seria o futuro prefaciador de *Sem Método* — Vergílio Correia —, a quem dedica, em *Três Meses de Inferno*, uma comovida evocação *in memoriam*.

Tive o privilégio — seja-me permitida esta nota mais pessoal — de receber das mãos generosas do Autor um raro exemplar da edição *princeps* de *Sem Método*, quando o visitei no seu eremitério num gélido dia de Dezembro de 1969. Eu, que não sou bibliófilo nem coleccionador, senti-me premiado por esse espécime, que oportunamente revesti de encadernação para o preservar. Não começou com *Sem Método* o meu diálogo literário e humano com João de Araújo Correia. Lera, no ano anterior à minha visita, *Horas Mortas*, e fui logo conquistado por essa prosa que, graças a Deus, desconhece tanto a retórica como o mau gosto.

João Bigotte Chorão

## Um encontro para toda a vida

Há momentos e pessoas que nos marcam, às vezes demarcam, a vida para sempre, como habitantes com lugar cativo na nossa memória.

Lembro-me de ter chegado à Régua num Setembro quente de 1969, de malas feitas na bagageira do automóvel do meu cunhado, com o propósito e a expectativa de ali ir fazer o liceu, viver e criar uma vida nova que agora começava para um miúdo dos arredores do Porto, aos dez anos de idade.

A Vila da Régua era na altura tão bonita vista de longe como de perto. Espreguiçava-se pela encosta do monte abaixo até tocar as águas do rio; não tinha aqueles monstruosos "pregos de betão" espetados pelas ruas a interromper e desfigurar a paisagem, e, tinha muitas árvores, sombras lindas e jardins antigos e grandes onde sabia bem brincar e fazer amizades. Enfim, não demorou muito o namoro, a paixão e o casamento daquele miúdo com aquela vila que a partir dali assumia a sua terra nova.



Criei amigos, ocupei espaços e ganhei hábitos. Um dos hábitos realmente adquiridos foi o gosto, que mais tarde se transformaria em vício, pela leitura. Devo-o à minha irmã, ao melhor professor de Português que se pode ter — o Dr. Manuel Escalreira — e também aos amigos mais chegados dos bancos de liceu — o Fernando Alves, o Zé Guerra, o Póvoa, entre outros — e eram também estes os amigos que pelo menos uma vez por semana se juntavam para conversar, jogar à bola e ir à biblioteca Gulbenkian requisitar mais um livrinho de aventuras ou de contos. Recordo-me que era às quartas-feiras, tarde livre no liceu, que gastava a minha “semanada”; descia à rua principal, lanchava uma “bola de Berlim” com uma “Buçaco Laranja” e depois, rua adiante, a caminho da livraria da Imprensa do Douro, onde havia um banco de leitura que fazia as minhas delícias, sobretudo porque podia ler e saborear as últimas novidades das grandes bandas desenhadas — o Tintin, o Michel Vaillant, o David Crocket, os Dalton... — e tantos outros livros que estavam longe das possibilidades da nossa exígua semana.

O que me foi intrigando e até mesmo inquietando, era o facto de sempre que eu lá estava, lá para o final da tarde, entrava um senhor alto, de sobretudo comprido, de chapéu e olhar distante e austero, mas que todos, clientes e empregados, cumprimentavam em coro e respeitosamente: “Boa tarde, senhor doutor.” Seria que também eu deveria fazer o mesmo? Perguntei-me de mim para mim. Passei mesmo a entrar no coral de cumprimentos ao homem alto de chapéu e sobretudo.

Um belo dia, já lá vão quatro décadas, estava eu no inesquecível banco da livraria, absorvido pelas corridas alucinantes do Michel Vaillant, quando me apercebi da presença de um vulto, de pé e ao meu lado, observando a minha leitura! Era o Sr. Dr., que olhei surpreso quando me questionou: “O que estás a ler, rapaz?” Mostrei o álbum de banda desenhada e levei com segunda questão: “É só disso que gostas de ler?” Não, respondi, (entretanto levantei-me) também gosto da colecção dos Cinco, de Júlio Dinis e outros. “Muito bem”, respondeu-me, e continuou: “És da Régua?” Não senhor, Sr. Dr., respondi, vim do Porto para cá estudar. “Como te chamas?” — inquiriu. Chamo-me Amaral e o meu pai que nasceu em Godim era médico dos pulmões em Paredes, mas já morreu. “Então tu és filho do Dr. Costa Amaral, do sanatório de Paredes?” — Sou sim, Sr. Dr. Passou-me a mão pelo cachaço e concluiu: “Pois muito bem, então toca a estudar e a ler muito, ouviste?” E de imediato ordenou ao empregado: “Ó António, se os rapazes quiserem, deixa-os ler os *Contos Durienses*”, e voltando-se de novo para mim: “Tu também podes ler aqueles que estão ali naquela estante.” Obrigado, Sr. Dr., retorqui.

Senti-me lisonjeado, até mesmo importante com a conversa com o Sr. Dr., e, depois de ele sair, o Sr. António explicou-me que era a pessoa mais importante da livraria — “O Zé Manel sabe com quem esteve a falar? Com o Sr. Dr. João Correia, o patrão, é o médico mais respeitado da Régua e das terras aqui à volta. E é escritor de livros de contos e escreve nos jornais. Está a ver aquela prateleira ali? Aqueles livros são todos dele, se quiser pode ir lá e escolher um, mas tem este aqui que saiu em edição nova há pouco tempo.”

Peguei nos *Contos Durienses* com a sensação de ter entre mãos um tesouro, sentindo-me um privilegiado que conhecia e tinha estado a falar com aquele escritor!

Semana a semana, conto a conto, apaixonei-me por aquele livro, pelos seus outros livros

de contos, por aquelas histórias e por aquela forma de as contar. Quem pode esquecer “Os cinco escudos de Pepe” ou “O rei dos cavadores” ou ainda “O Pouca-Roupa”? Para além de outros contos de outros livros, como “O Miguel”, “Como se faz uma estrela” ou “O ceguinho e o demónio”.

A minha vontade era levar o livro para casa, ter em casa aquele que para mim passava a ser o melhor escritor de todos, o único que eu conhecia e que até falava comigo. Tinha ganho um ídolo e uma paixão; uma vontade incontornável de ler os seus livros e uma vontade inconfessável de um dia poder escrever um livro de histórias assim. Parecia que o Sr. Dr. as tinha visto mesmo em algum lado! (Hoje diria que era o médico a entrar para dentro da comédia humana, das almas dos doentes, e a eternizar essa sua vivência com uma pureza quase fotográfica).

O meu convívio com João de Araújo Correia ao longo dos anos foi sempre marcado por uma natural distância que o respeito impunha, mas de enorme intimidade no diálogo espiritual que os seus livros trazem dentro de si. Li-o todo, releio-o ainda hoje, dediquei-lhe uma boa parte da minha vida intelectual e literária e continuo a dedicar-me a esse sacerdócio de ler, analisar e divulgar “o mestre de nós todos”, que também me ensinou a amar a leitura, mas a respeitar o homem de carne e osso, acima de tudo.

Com tudo o que sobre João de Araújo Correia escrevi — livros, ensaios, crónicas — não teria sido difícil deixar aqui uma recensão literária de elaborado recorte sobre este nosso “Apóstolo Duriense”, porém, e porque me são recorrentes estas imagens do nosso primeiro encontro, tendo-as já contado em inúmeras oportunidades, pareceu-me ser este o lugar certo para deixar plasmadas e eternizadas as palavras que relatam esse encontro para a vida com este mestre da literatura portuguesa do século XX — o Sr. Dr. da livraria do António.

*José Braga-Amaral*

## Lembrança de João de Araújo Correia

Como de Papini disse Jorge Luís Borges, sempre me moveu a felicidade de ler, não uma urgência de exames, e foi assim que me aproximei da obra de João de Araújo Correia.

Devo ter-me encontrado com o autor de Contos Bárbaros duas vezes. Poderia ter havido uma terceira quando quis fazer-lhe a surpresa de uma visita numa tarde de Domingo de Outono, em que a viagem ao Douro vingou do meu sedentarismo, e fui procurá-lo no seu eremitério onde se refugiava às delícias de certas convivências lorpas com que nós, os cidadãos, satisfazemos a

nossa fome de sibaritas. Mas nesse dia, uma das pouquíssimas exceções nos domingos de toda a roda do ano, como depois me disse, tinha saído para ir visitar uns familiares. Desses dois encontros ficaram-se umas saudades que raros paralelos terão nos quarenta anos que já levo de editor.

Da admiração que sentia e sinto pela sua obra dei conta em palavras que anos depois vim a ler também em Aquilino, quando escrevi, por altura da sua morte, ao seu filho que dele tinha o nome e a paixão de contar histórias, que a nossa pátria e muito principalmente a língua portuguesa que nos ensinara a falar a todos, estavam de luto.

Encantado também pelas páginas camilianas que sugeri fossem reunidas em livro, o que veio a acontecer com *Uma Sombra Picada das Bexigas*, tentei convencer João de Araújo Correia a escrever a biografia de Camilo que verdadeiramente ainda não existe, pois Alberto Pimentel e Ricardo Jorge ficaram-se pelo carreamento de materiais importantíssimos, e Aquilino falhou a que poderia — e deveria, com um pouco mais de humildade e menos pressa — ter sido o grande monumento camiliano, e que apesar de tudo talvez vingue ser lida se corrigida pelo admirável e paciente Sousa Costa. Não me deu ouvidos, para grande desgosto meu e perda para todos os camilianistas.

Um dia quis João de Araújo Correia meter o meu nome num delicioso prefácio de obra sua publicada por mim. Disse-lhe então que não era menos vaidoso do que os meus irmãos (alguns um tanto bastardos, mas isso era outro conto...) na lide de mandar imprimir livros, mas que talvez fosse um pouco mais cioso do meu incógnito, e pedia-lhe com o coração nas mãos que me fizesse desaparecer o nome do referido prefácio. Isso é que estaria certo com a religião de orgulho em que milito e que é, em última análise, a minha maneira de ser vaidoso. Concedeu, mas pagou-se com juro, escrevendo sobre o pobre aprendiz de editor a mais bela e generosa página que este teve ou terá nesta ou noutra encarnação.

Detenho-me aqui, nestas pequenas recordações, e junto-lhes a de uma visita que João de Araújo Correia me fez no hospital, onde convalescia de uma operação grave, sendo assim um dos dois ou três autores, não mais, que quiseram dizer desse modo que se lembravam do editor também nos dias maus. E sei, sei no mais fundo do meu ser, que se um dia voltar a passar nos seus Montes Pintados o ouvirei mais uma vez, e com a sua voz chegarão até mim os sons da sua tão amada e materna língua portuguesa.

*José da Cruz Santos*

In "Panorama", suplemento do jornal *Miradouro*, n.º 1440 de 6 de Fevereiro de 2004

## Cidadania e memória nas crónicas de João de Araújo Correia

Além de contista, João de Araújo Correia foi um admirável cronista. Confessa, algures, que foi criado no culto do género a que chamam crónica; que por ele subiu ou desceu a “outra espécie de devoções ou devaneios de espírito” e conclui: “o meu fraco pela cronicazinha original, reflexo de personalidade clara, ficou-me para sempre”. Num inquérito literário conceitua assim a crónica: “É a conversa do escritor com o leitor comum. É acto de reflexão em obra de afogadilho [o jornal]”. As suas crónicas são redigidas numa linguagem simples, concisa, coloquial e, não raras vezes, irónica.

Queremos salientar aqui dois tipos de crónicas: as da cidadania e as da memória. Naquelas disserta sobre o presente e participa na construção da vida em comunidade: ora aconselha, avisa e esclarece, ora critica, alerta consciências e apela à reflexão. Ele está atento à realidade circundante; faz a “leitura” dos factos e tem apurado senso crítico. Mas, o que é a “crítica” para o nosso cronista? Ele mesmo responde: “Criticar é apreciar, é distinguir, na coisa criticada, os valores negativos e positivos. É examinar com equidade para salvar, se for possível, o examinando. Não é dizer mal de tudo e ver mal em tudo. É ser isento na análise para classificar sem preconceito. Boa crítica é trabalho sério, digno de prémio. Não é ofensa digna de pontapés”. Na cruzada da sua intervenção cívica, João de Araújo Correia elegeu inúmeras preocupações, tais como: o ressurgimento das Termas do Moledo; a defesa intransigente da Casa do Douro (*“Se vierem a destruí-la não sei o que possa acontecer ao Alto Douro”*); a conservação dos lugares pitorescos; a delapidação do património monumental e artístico; a falta de urbanidade e de educação; o combate aos preconceitos, ao espírito mesquinho e provinciano; a defesa da língua portuguesa; os perigos do trânsito; os ruídos; a poluição; o sumiço da fauna e da flora; a alteração desenfreada da natureza e a modificação arbitrária da paisagem. Também chamou a atenção para o Turismo. Sugeriu a criação dum posto de turismo (*numa época em que este estava na “primeira infância”*); alvitrou a reconstituição da estação arqueológica da Fonte do Milho (em Canelas do Douro) e a posterior exploração turística; incentivou o turismo das vinhas coloridas no Outono: uma segunda vindima; opinou a reutilização do barco rabelo em excursões; lembrou os certames da “Parada Agrícola” para atrair turistas; insistiu na adaptação de antigas Casas e Solares ao acolhimento de hóspedes, antecipando o turismo de habitação.

Nas crónicas da memória, João de Araújo Correia tem a sensibilidade de registar a passagem do tempo na região do Douro. Gravou o presente a pensar no futuro. Tem a clara percepção do desaparecimento, a curto e a médio prazo, dos objectos e actos da vida colectiva. Por isso, sente-se na obrigação de tudo apontar, perspectivando a afirmação da identidade local

e a utilidade das suas notas à história regional. Ele próprio afirma: “Cumprer a quem escreve ser filho da sua terra e ir deitando ao papel memórias do seu tempo” e não enjeita que o tratem por memorialista. As crónicas memoriais revelam a outra faceta do cidadão, desta vez, empenhado na preservação do património cultural. Damos alguns exemplos: os reguenses acordavam com o pregão das leiteiras de Sedielos, de Loureiro, de Valdigem ou de Vilarinho; o antigo carneiro duriense, comprado na Régua, passava por vitela; a vaca e a vitela de Vila Real, tinham tanta fama como o toucinho-do-céu e os pastéis folhados; a lista dos pontos ou rápidos do rio Douro; a extinção da pesca do sável, da enguia e da lampreia; o carro de bois, o barco rabelo e as barcas de passagem; as tradições; as falas do povo, os provérbios, a medicina popular, o teatro e as comédias; os utensílios do granjeio da vinha e do fabrico do vinho, as fainas e as profissões. Realçamos, finalmente, o modo como João Araújo Correia pugnou pela criação do Museu do Douro, na Régua. A crónica de 1936 publicada no “Jornal da Régua” e transcrita no “Sem Método”, é uma espécie de declaração de princípios do pretendido museu da memória cultural duriense. Foram obstinados os seus alvites ao Instituto do Vinho do Porto para que executasse as obras no Edifício que lhe era destinado e empreendesse a subsequente instalação. O actual Museu de território é o epílogo duma ambição regional em que o “cronista do Douro” foi pioneiro e notável protagonista.

M. J. Martins de Freitas

Peso da Régua, 31 de Janeiro de 2010

## A palavra fecundante

Há lugares-comuns que parecem deixar de o ser quando aplicados em determinados contextos. Assim, se nos referirmos a João de Araújo Correia, as qualificações de «prosador admirável» e de «contista exemplar» deixam de ser generalidades vagas para se tornarem apreciações correctas de uma justa avaliação.

O autor de *Contos Bárbaros* e de *Contos Durienses*, nascido em Canelas do Douro, junto à Régua, em 1899, quando o século XX ia chegar, pode ser considerado, sob vários ângulos, um clássico da prosa portuguesa contemporânea. E isso porque cresceu, viveu e escreveu ao longo deste século; porque as suas primeiras obras, as que acima menciono, datam do início da década de quarenta (respectivamente: 1939 e 1941), que desenvolveria mutações decisivas na concepção estética da nossa ficção; e sobretudo porque, vivendo em profundidade o exercício da Medicina

que em certos textos comunica em jeito de observação, comunicação e partilha de experiências, amiúde acompanhadas de registos descritivos, nos legou uma obra que dá conta da sua sensibilidade a esses tempos e a essas concepções, fazendo-a porém dialogar com a fidelidade que manteve a determinadas lições literárias oitocentistas, tais as de Camilo (na ruralidade representada e ironizada) e Fialho (na linguagem inovadora do impressionismo nascente). Em tal contexto, cria uma técnica apurada do conto, que lhe será particular, e através da qual emparceira com grandes cultores lusos do género, tais o António Patrício de *Serão Inquieto*, o Teixeira-Gomes de *Gente Singular*, e o Miguel Torga de *Bichos e Novos Contos da Montanha*.

Mostra além disso João de Araújo Correia um acentuado fascínio pela prática da novela, que na sua concretização discursiva pode ser entendida como um conto alongado, em enredos mais intrincados de peripécias e com o acompanhamento mais próximo da evolução psicológica dos caracteres, ou da respectiva mutação, de que é notável exemplo a narrativa «Mãos Fechadas», que encerra o seu último volume de contos, de 1974, *Tempo Revolvido*. Ao invés deste tipo de texto, de maior fôlego narrativo, o autor expande também a sua criatividade em volumes de crónicas (*Manta de Farrapos*, na continuidade das anteriores «notas sertanejas» de *Sem Método*), nas quais se compraz em aceitar o surto ocasional da escrita, de matéria pensada mas à qual faculta um agenciamento livre. Paralelamente, a interferência da experiência clínica nos seus escritos (numa série que em volume se inicia com *Água do Tedo*), e, muito em particular, a sedução que manifesta pela reflexão literária no aspecto mais propriamente linguístico (logo no primeiro texto publicado: *Linguagem Médica Popular Usada no Alto Douro*), marca-lhe o conjunto da obra, que inclui várias recolhas empíricas da fala popular local, além de escritos de sabor mais estritamente regional, como o *Bosquejo hidrológico do concelho do Peso da Régua*.

Terra, experiência e língua são muito provavelmente as três componentes fundamentais de uma formação «in fieri», que se nos transmite ao atentarmos no conjunto da obra, quer nos registos e nas reflexões, quer na parte de arte composicional. Sensível à passagem do tempo, não exactamente como desgaste, mas de preferência como mutação e até renovação, a verdade é que regista as perdas do passado mas sem as lamentar, antes exprimindo a nostalgia de quem repara que a substituição das coisas e fenómenos nem sempre lhes respeita a ontologia, alterando-os substancialmente e desviando-os de uma identificação de tipo conservador. É reveladora a epígrafe que o escritor constrói, em *Tempo Revolvido*, a partir da imagem do trabalho da terra, insistindo na renovação e na criatividade:

«Se compararmos o tempo, em cada hora, com um pedaço de terra que o arado revolve para novos frutos, compreenderemos o título deste livro.»

E significativa ainda por vir na página seguinte à que exhibe a dedicatória «para os meus netos». Não se trata, pois, de um tempo «revoluto», em que seja sublinhado o que passou, mas de uma duração experimentada e «revolvida», que confere ao que se viveu a dimensão fecundante da potencialidade futura.

Muitas das suas imagens literárias mais impressionantes, respeitantes à fala regional e à expressão da doença e do mal-estar, são colhidas na vivência do quotidiano profissional como médico, e como homem muito sensível aos factos e efeitos da linguagem, registando tudo isso em discursos de notas soltas, de apontamentos ocasionais e de breve ou desprezível sistematização. Haveria que fazer uma leitura atenta desse seu conjunto de escritos, que incluem títulos sugestivos como *Por Amor da Nossa Fala — Notas sobre pronúncia*, de 1952, e *Enfermaria do Idioma*, de 1971, com especial destaque para o volume póstumo em separado de «O Médico», *Linguagem da Minha Terra. Analogias com o Castelhana e o Galego*, conjunto de crónicas organizado por José Maria Rodrigues de Carvalho, com apontamentos referentes à expressão sintáctica e lexical, assim como a curiosidades da pronúncia da região duriense. Não será pois por acaso que, na prosa de João de Araújo Correia, nos impressiona a utilização da língua portuguesa como material dúctil e flexível, que permite captar os cambiantes mais subtis de fenómenos físicos cósmicos e humanos, recônditos ou em devir, tanto como manifestações sentimentais e intelectuais que são insinuadas nas suas personagens, muito mais que representadas ou descritas. Assim nos é possível situar a sua escrita, sobretudo a da ficção, numa área estética próxima da escrita impressionista, que durante a sua juventude caracterizou aliás a maioria das Letras Europeias, sem por isso a separar da atenção ao ambiente sócio-cultural (como em Zola) que os anos quarenta vão reconhecer e, de um outro modo, procurar significar.

A palavra e o homem, enquanto realidades indissociáveis na expressão da individualidade, são porventura os termos decisivos da sua poética do conto e da novela, ancoradas num terceiro termo, que é o da radicação na terra, ao jeito de um Aquilino e de um Torga, com esse particular cuidado na atenção à «região» que a certos propósitos do séc. XX não coube valorizar, mas que, a par, também, de um Nemésio ficcionista, na prosa do autor da Régua se pode apropriadamente designar como a voz da terra, na medida em que essa terra, pela sua própria mutação, é a face mais imediatamente visível da transmutação dos tempos. David Mourão-Ferreira considerava-o «voluntariamente confinado num regionalismo de excelente quilate» (*Portugal, A Terra e o Homem*, II volume, 1ª série, Fundação C. Gulbenkian, Lisboa, 10 de Junho, 1979), e é inegável que a fala da terra, nessa sua componente de fundamental emanção humana, domina títulos e modos de expressão na sua obra, em frequência muito significativa.

O conto é decerto o género em que melhor podemos reconhecer a marca estética de João de Araújo Correia, e talvez porque, na sua brevidade (e contos seus há que não excedem as três páginas impressas, em mancha aberta), eles correspondem a uma espécie de fala coloquial humana, literariamente transferida, no seu trabalho literário, para uma fala composicional do escritor, por sua vez amiúde organizada sobre as falas das personagens. Daí também a sua técnica contística, baseada no registo do episódico, que se alia com coerência a modos de inserção da estética impressionista na circunstância efectiva de uma realidade transmitida em intensa vibração humana. Mas o conjunto, mais reduzido embora, das suas novelas, merece atenção especial pela urdidura de desfechos inesperados das intrigas, pela implicação da subjectividade narrativa, muito a par dos tipos efabulativos de um Miguéis, por exemplo, e pela

elegância distanciada que se incute na enunciação, que por vezes emparelha com certos modos ficcionais postos em voga na obra de Teixeira-Gomes.

O que mais surpreende, e prende, o leitor de João de Araújo Correia, está nessa relação cuidada, e querida, entre o indivíduo e a sua linguagem, que ultrapassa a filiação de classe, a postura social e a caracterização psicológica para se tornar num fundamento territorial e mesmo corpóreo de radicação e actuação, formando um todo com a personagem que o carácter tonaliza, e vai por sua vez desenvolver, por si só ou predominantemente, em várias das suas narrativas, muito do essencial da sua composição de ficção. Ao invés, mas de acordo com o mesmo tipo de interesse pela linguagem como fundamento do indivíduo, e até da comunidade, o escritor deixou-nos uma série de pequenas crónicas, no já citado voluminho *Linguagem da Minha Terra. Analogias com o Castelhana e o Galego*, que têm como títulos temáticos as próprias palavras («Arriba», «Manear-se», «Álvoro», «Fazer as vezes», «Tetaranetos», «Comida», «Celhudos», etc.), considerando mesmo, na respectiva introdução: «Creio que se perdeu em mim um filólogo de meia estirpe», uma vez que começa por observar, em relação a si próprio: «Fui sempre muito dado a escutar o modo de dizer de pessoas que conversem comigo ou surpreenda a conversar, umas com as outras, numa sala ou no meio da rua. Tanto em Portugal como lá fora, tive sempre acordado o bicho do ouvido para apreciar o vocabulário e demais partes da linguagem oral.» E acrescenta:

«A linguagem de Canelas foi típica, de impecável sintaxe e particular vocabulário.

Letrados e iletrados falavam, por assim dizer, de modo semelhante. Usavam língua comum. E, tão bela, tão perfeita, que até um brasileiro culto, de visita à família, se benzeu de pasmo.

— Isto, sim... A língua portuguesa deve ser assim... Que maravilhosa construção de frase! Todo brasileiro se quiser aprender Português, deve passar por aqui.

Tento hoje lembrar o idioma da minha terra. Não quero que se perca de todo por influência de rádio, televisão e jornais — quase todos mal escritos.»

(Adivinha-se o que pensariam hoje João de Araújo Correia e o amigo brasileiro das uniformizações e pluriformações lexicais a que pode abrir caminho o famigerado Acordo Ortográfico...)

Mas com muita frequência encontramos, na boca das suas personagens de ficção (e em certo discurso indirecto livre que para elas remete), o traço lexical peculiar, a construção sintáctica errónea e a pronúncia adulterada, que nos são comunicados, não apenas como marcas da fala popular e regional mas como sinais de coloquialismo que por vezes emparelham com o delineamento dos caracteres.

*Tempo Revolvido* apresenta dois textos (mas não são os únicos!) em que tal modo de composição é sensível: «O menino de olhos azuis» e «O relógio do general». No primeiro, que



narra o encontro da simplória camponesa Maria com um príncipe, segundo ela conta, acontecido quando guardava a rês no monte, na sequência do que dá à luz um menino de olhos azuis, as personagens comentam: «o homem era *alimão*», diz um, e «uma mulher esperta» atalha: «vós o que *soídes* é brutos. Não *vísteis* como ele abriu os olhos desde que nasceu? Não é serem azuis. É que deitam um lume como uma estrela»; e perante as palavras do «tio *Cristobo*», o alfaiate, que ali vaticina mistério, pedem-lhe que se explique: «Ande lá *pra diente* com o que tem no sentido» (sublinhados meus). No segundo desses contos, «O relógio do general», as personagens exibem similar grau de candura e credence, mas desta vez aliadas a sentimentos pretensiosos de esperteza saloia, num grupo de finórios empenhados em sacar proveito da menor espertallice dos restantes, ao exercerem uma descarada corrupção nos cargos políticos que desempenham. Trata-se de uma reunião da Câmara, em casa do respectivo Presidente, que «tinha enriquecido, a partir do nada, como negociante de vinhos generosos» (repare-se no sóbrio mas explícito jogo de antíteses, faceto mas corrosivo) e alaga também «generosamente» os vereadores com garrafas do seu «vinho fino» antes do debate. Deveriam dar resposta à «lista dos credores. Coitados!» que «pediam, de mãos postas, o pagamento de pequenas dívidas, minúsculos fornecimentos» feitos à Câmara Municipal. O relato é dado de um ponto de vista exterior, por um jovem a quem o pai, «meio entorpecido pelo reumatismo», pede que o vá representar na reunião. E verifica-se que os contemplados nos pedidos são *os da cor* (sublinhados do texto), e, «meio atonados com o vinho fino», os presentes concordam, ouvindo por fim a queixa do Presidente de que lhe haviam roubado «em serviço» um relógio de ouro precioso, o qual sugere à assembleia que aprovelem o respectivo reembolso. «Encosta-se a uma *berba!*, berrou o mais estúpido e o mais alto dos circunstantes»; e «o vice-presidente, que usava, no lábio cor de rosa, um bigodinho preto, murmurou: eu *anóio*» (sublinhados do texto), sendo que o relógio, sabe-se mais tarde, «nunca tinha saído do bolso do presidente». Sátira mordaz e humor conjugam-se, aqui, como no conto anterior se aliavam a ternura bem-humorada com o aparentemente inexplicável das situações; e, num caso como no outro, a palavra fecunda a significação do texto, que ultrapassa a lição moral descarnada para transmitir a pulsação da relação terra-homem, que a linguagem magnificamente comunica.

A voz da terra regista-se, na obra de João de Araújo Correia, e descreve-se a sua prolação como canto da manifestação humana no percurso dos seus vários caminhos: incertos, difíceis, reprováveis, tantas vezes imcompreensíveis e tantas outras surpreendentes de entrega ao ideal, de pasmo ou alienação. Essa voz, atentamente ouvida e reproduzida pelo escritor, numa sintaxe que em simultâneo procede à figuração e à sugestão, fecunda a sua escrita como semente temática e estilística que frutifica, tanto como fecunda a leitura, de todos nós, em conhecimento dessa terra, desse homem, e sobretudo em possibilidade de conhecimento do poder que tem a Literatura.

Maria Alzira Seixo

# João de Araújo Correia, o grande cronista do Douro

## Nota Prévia

João de Araújo Correia é o grande cronista do Douro.

Esta afirmação é feita tendo em conta duas perspectivas: a primeira, porque o Autor é natural de Canelas do Douro, concelho de Peso da Régua, onde nasceu em 1 de Janeiro de 1899, e a segunda, pelo facto de o rio Douro e a região que o circunda serem a fonte de inspiração primordial para os textos que escreveu. Não se trata apenas de *um* cronista do Douro entre outros que escreveram sobre este tema, mas de *o* grande cronista do Douro, na medida em que é o autor que mais se destaca, no âmbito da crónica, a tratar temas durienses.

A propósito da influência que o Douro e região envolvente exercem na actividade de escritor de João de Araújo Correia, vale a pena recordar a frase de abertura da sua obra *Folhas de Xisto*, por ser bem sugestiva da importância que nela assumem: "Parece-me que foi sobre folhas de xisto, lâminas de alvenaria da minha região, que escrevi estes contos." (Correia: 1968:7). Embora a citação apenas diga respeito ao livro *Folhas de Xisto*, é importante que se diga que toda a sua restante produção escrita foi influenciada pelas gentes e paisagens da região onde nasceu. Ao ser questionado sobre "Que laços o prendem ao Douro?", respondeu: "Os laços do nascimento, os inefáveis vínculos da infância, a solidariedade com os homens que nele moirejam, isto é, padecem." (Correia 1972: 179). E, face à pergunta: "Que influência tem o Douro exercido na sua obra?", deu como resposta: "A influência que todo objecto exerce num espelho. Mais profunda, porque, no meu caso, o espelho é o coração de um homem." (Correia 1972: 179). Como afirmou numa entrevista dada à RTP, é da região em que vive, que vai extrair o barro com que trabalha (Correia 1972: 196), mas não deixa de esclarecer que, embora o homem seja sempre o mesmo no tempo e no espaço, a sua obra é universal (Correia 1972: 197).

Ainda que João de Araújo Correia seja um dos grandes contistas portugueses (e desta vertente já nos ocupámos brevemente em obra anterior, num capítulo sobre "O Conto na Literatura Portuguesa" (Monteiro 2004: 39-107), no presente trabalho apenas iremos incidir a nossa atenção nas crónicas que escreveu.

É ainda pertinente realçar que, por impossibilidade de, neste artigo, abranger todas as crónicas que tratam assuntos relativos ao Douro e à região duriense (como por exemplo, problemas relacionados com a vinha e o vinho, a modernização da agricultura, a imprensa, os usos e costumes, o desaparecimento de espécies animais, de plantas autóctones, de utensílios agrícolas, a faina do vinho, questões de gastronomia, etc., etc.) somente iremos referir algumas crónicas em que se fala do rio Douro e de aspectos que com ele muito directamente se relacionam.

## 1. A crónica e as crónicas de João de Araújo Correia

A crónica (vocábulo derivado do latim *chronica*, que por sua vez deriva do grego *khronos*) é um tipo de texto que conhecemos há muitos séculos. Era uma narrativa de factos históricos, seguindo a ordem temporal em que ocorreram. Narrava sobretudo vidas e feitos de reis, de figuras importantes do ponto de vista histórico e acontecimentos político-militares relevantes.

Com Fernão Lopes, no séc. XIV-XV, surge uma nova forma de fazer crónica, na medida em que se realça o elemento colectivo no relato dos feitos reais. Este cronista, que foi incumbido pelo rei D. Duarte de pôr em crónica os feitos dos reis da 1ª dinastia, acabou por ocupar um lugar de relevo entre os cronistas gerais do Reino, pelo valor das suas narrativas, cheias de visualismo e reveladoras de um artista sensível e atento aos problemas sociais.

Na sua obra, apesar de toda a preocupação de rigor e verdade histórica, Fernão Lopes, nos quadros cheios de realismo que nos legou, chama a atenção para os eventos narrados e comove-se com muitos deles, deixando transparecer a sua subjectividade. Nos seus relatos, mesmo pretendendo-os objectivos e impessoais, deixa-nos entrever, em determinados momentos, o seu entusiasmo, nomeadamente na *Crónica de D. João I*, resultante de uma interpretação pessoal dos mesmos, o que abre caminho para a maneira de escrever crónica nos tempos modernos.

No séc. XIX, fruto do desenvolvimento da imprensa periódica e de opinião, surge a crónica, no sentido moderno. No jornalismo à francesa, que prevalecia na Europa, até ao aparecimento da imprensa popular na *Belle Époque* os jornais não eram feitos por jornalistas a tempo inteiro. Havia colaboradores e essa actividade era uma forma intermédia de atingirem uma carreira na literatura ou na política. A competência dos jornalistas era literária, “feita de talento polémico e de pirotecnia retórica” (Neveu 2005: 20). Era um jornalismo com vocação para a literatura.

Havia jornais do séc. XIX como *La Presse de Girardin* ou *Le Petit Journal de Millaud*, que utilizavam como chamariz a novela escrita por autores consagrados (Balzac, Victor Hugo, Eugène Sue, etc.). No modelo de jornalismo francês com vocação para a literatura e muito diferente do anglo-americano:

“a qualidade profissional fundamenta-se na mestria e brio do estilo e na capacidade de defender uma linha editorial. Os conteúdos redactoriais, valorizando as críticas, os pequenos artigos e as crónicas, traduzem a importância do comentário, de um metadiscorso sobre a actualidade que privilegia a expressão de opiniões, transforma o acontecimento em pretexto para exercícios de estilo brilhantes e desenvoltos.” (Neveu 2005: 18-21).

O modelo de jornalismo francês é muito diferente do modelo anglo-americano, surgido na Grã-Bretanha e, principalmente, nos Estados Unidos. É este que está na “origem das práticas jornalísticas que constituem hoje em dia a norma de referência da profissão” (Neveu 2005:16). O modelo de jornalismo anglo-americano, entre outras características, apresenta as seguintes: é mais objectivo na transmissão dos factos, dá um grande relevo à recolha da informação

(*news-gathering*), tem uma relação importante com o terreno, em busca da notícia, que pretende objectiva e sem quaisquer comentários de ordem pessoal. Em 1880, na redacção do *Chicago Tribune*, estava afixado o seguinte anúncio: «Quem? O quê? Como? Quando? Onde?» (Neveu 2005: 17). É devido a este modelo de jornalismo que surge, no séc. XIX, a reportagem e a entrevista. Com este género de preocupações, o jornalismo anglo-americano desvaloriza o “estilo pomposo”, privilegiando uma escrita sóbria e descritiva. (Neveu 2005: 16-18), sem comentários e expressão de opiniões.

A crónica jornalística foi sobressaindo gradualmente no jornal, já que no início constituía apenas uma pequena secção de abertura que se centrava em notícias e rumores do quotidiano. Contudo, a pouco e pouco, foi adquirindo um lugar dentro do periódico, versando e especializando-se em assuntos como arte, literatura, política, etc, contando com a colaboração de escritores e homens de letras. Jornalismo e Literatura andavam, assim de mãos dadas.

Actualmente, o autor das crónicas, partindo de factos da actualidade, reflecte sobre eles, dá a sua opinião, e pode mesmo dar largas à sua imaginação, servindo-se de recursos estilísticos, conferindo-lhes uma dimensão estética, o que nos faz evocar o modelo de jornalismo francês. Por esse facto é possível a sua publicação em livro, portanto fora do contexto jornalístico, uma vez que diferem da notícia, embora tenham por base um tema da actualidade.

A crónica é diferente da notícia e da reportagem porque, ainda que seja divulgada num jornal ou numa revista, o seu objectivo não é directamente informar o destinatário, mas antes levá-lo a reflectir sobre o assunto em questão. Assim, é um tipo de texto em que a visão do autor e a sua subjectividade estão presentes. O discurso utilizado oscila por vezes entre o oral e o escrito, entre uma narração mais objectiva dos factos e a efabulação, entre o jornalismo e a literatura.

João de Araújo Correia não compreende “número de jornal sem crónica”, e, segundo palavras suas, “por mais bela que seja uma gazeta, se lhe faltar a crónica, será uma linda corça a que falte uma orelha” (Correia 1972: 202). Como escreve em *Palavras Fora da Boca*:

“Crónica é a visita cordial do escritor à redacção do jornal. É a conversa do escritor com o leitor comum. É acto de reflexão em obra de afogadilho. Poderá produzir-se em vinte e quatro horas um infólio perfeito?” (Correia 1972: 202).

E, logo a seguir, salienta o valor da crónica inclusive para pôr um dique à “perdição da língua portuguesa”:

“Hoje, que a língua portuguesa vai por água abaixo, é crível que a crónica, se for exemplar, sirva de dique à perdição da língua. Pode ser modelo de bom gosto na arte de escrever, posto à disposição de quem não pode procurar, fora do jornal, outros modelos.” (Correia 1972: 202-203).

Para João de Araújo Correia “a crónica poderá competir com o conto em formosura. Mas,

não é conto... Poderá recorrer à fantasia como recurso de raciocínio, mas, terá como lema a realidade." (Correia 1972: 203). Assim, o Autor, que está atento aos eventos do quotidiano, não tem necessidade urgente de os registar de imediato, como sucede com a notícia, que perde a actualidade se tal não suceder. A opção pela crónica permite a João de Araújo Correia a possibilidade de um distanciamento propiciador da reflexão, e a consequente expressão de um ponto de vista pessoal, tornando-se, muitas vezes, uma forma de "conversa do escritor com o leitor comum", como já foi referido.

João de Araújo Correia recorre à crónica para se aproximar do leitor, o interpelar e o levar a reflectir sobre os problemas ou assuntos abordados no texto e, se possível também, exercer influência sobre o seu comportamento. As suas crónicas têm, pois, uma finalidade informativa, lúdica e didáctica, e são reveladoras da preocupação de intervenção cívica do seu autor.

Ao ser questionado por Urbano Tavares Rodrigues sobre se se sente "mais ligado, como cronista, à tradição de Camilo ou à de Ramalho Ortigão" (Correia 1972: 190), João de Araújo Correia reconheceu a influência camiliana na sua formação mental, no seu modo de reagir perante a vida, e o modo de pôr em arte as suas reacções. Todavia, diz que, na crónica, se surpreende a escrever com uma farpa de Ramalho. E conclui: "O que por aí se perde por incúria ou deixou de se adquirir por abulia obriga-me a farpear" (Correia 1972: 190).

As crónicas de João de Araújo Correia estão escritas numa linguagem simples, sóbria, acessível a todos os leitores, ele que foi um escritor preocupado com a Língua portuguesa, que sempre defendeu contra os maus falantes e os que a deturpam por ignorância e por pretensiosismo. Exemplo desta preocupação é a sua obra *Enfermaria do Idioma* sobre a qual já anteriormente publicámos um trabalho (Monteiro 1999: 23-34).

João de Araújo Correia, observando a realidade que o rodeia e os factos que ocorrem no seu dia-a-dia, regista-os nas suas crónicas de modo a preservar a memória cultural da região duriense, com as suas paisagens, as suas gentes, as figuras e realidades que merecem destaque e sobre as quais quer que os leitores reflectam. A sua preocupação é fazer com que, no futuro, essas paisagens, gentes, figuras, realidades e factos, sejam conhecidos e por isso escreve sobre eles, para os lembrar ou dar a conhecer aos seus contemporâneos, até porque algumas dessas realidades já desapareceram ou estão em vias de desaparecer e por isso é necessário preservá-las, antes que caiam no esquecimento por causa da voragem do tempo e o desinteresse dos que as deveriam perpetuar.

É desses aspectos que iremos ocupar-nos a seguir. Todavia, como já dissemos atrás, apenas iremos incidir a atenção nas crónicas em que se fala do rio Douro e de aspectos que com ele se relacionam muito directamente.

## **2. O rio Douro em crónicas de João de Araújo Correia**

João de Araújo Correia foi um cronista do seu tempo, atento ao que se passava à sua volta e que utilizou a crónica como modo de exprimir o seu pensamento e forma de sentir perante o que via, procurando com os seus textos alertar os seus contemporâneos e levá-los a agir em conformidade com as sugestões, alertas e conselhos nelas dados. Escrever crónicas foi uma

das atitudes de intervenção cívica e social que adoptou, procurando com elas exercer um efeito pedagógico e pragmático sobre os leitores.

Começamos pela crónica "*Enquanto é tempo*", datada de 13-8-66 (Correia 1999: 400-402), na qual o Autor revela a sua preocupação em preservar a memória do Douro dos anos sessenta do séc. XX, enquanto a sua fisionomia não é modificada pelas barragens.

A forma como inicia a crónica, com um tom imperativo e apelativo junto do leitor, é reveladora da necessidade urgente de deixar aos vindouros imagens do Douro que vão desaparecer e que nunca mais poderão ser vistas:

"Filme-se o Douro, tal como é, enquanto é tempo... Quando as barragens lhe tiverem modificado a fisionomia, substituindo-lhe o leito angustiado por desmedidos lagos, que vão de monte a monte, diga-se adeus, para sempre, ao Douro trágico, o dos rápidos ou galeiras, em que naufragavam, com facilidade, os toscos barcos rabelos carregados de vinho fino — o néctar que viria a ser *Vinho do Porto* se conseguisse chegar a salvamento." (Correia 1999: 400).

Ao falar dos rápidos ou galeiras em que, facilmente, naufragavam os barcos rabelos carregados de vinho fino, João de Araújo Correia, ao mesmo tempo que preserva a paisagem duriense, contribui também para a memória cultural e a história do vinho do Porto e das condições difíceis de navegação no Douro, no qual hoje os viajantes passeiam calmamente, em cruzeiros turísticos, subindo e descendo o rio. Este facto só foi possível graças às obras para regularizar o seu leito e o tornar navegável e graças também à eclusagem. Através das eclusas, os barcos sobem e descem o rio em locais onde há desníveis, permitindo a navegação e evitando os perigos existentes em determinados locais do percurso.

É desse Douro difícil, "trágico, o dos rápidos ou galeiras" em que se perdiam vidas e haveres que João de Araújo Correia fala em "*Pontos do rio Douro*" (Correia 1999: 422-424), com data de 15-5-71. Nesta crónica, preocupado com as modificações que o Douro vai sofrer, "perdendo a natureza para ser um artifício", manifesta a urgência de, na sua perspectiva, recordar "os seus tópicos, as singularidades que o tornaram único durante séculos ou milénios". É, com esse objectivo, que vai registar para os vindouros os "chamados *pontos do Rio Douro*". E o que são esses "pontos"? São os "gargalos estreitos, declives em que se concentram e apertam as águas da corrente, fervendo e refervendo" e que "foram perigosos no tempo da navegação primitiva" (Correia 1999: 422).

Como afirma João de Araújo Correia:

"Quem quiser conhecer os pontos do rio Douro, (...) tratará de os visitar com a maior urgência. Não espere que desapareçam debaixo da água das albufeiras, lagos em que o rio se vai desfazer, devido às represas — geradoras de electricidade." (Correia 1999: 422).

O Autor aproveita ainda para remeter o leitor para a lista dos pontos do rio Douro fornecida, no séc. XIX, pelo Padre Pedro Augusto Ferreira, abade de Miragaia, que era natural

da Penajóia e que foi colaborador e continuador da obra iniciada por Pinho Leal *Portugal Antigo e Moderno: Dicionário Geográfico, Estatístico, Chorográfico, Heráldico, Archeológico, Histórico, Biográfico & Etymológico de Todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal e Grande Número de Aldeias*, em 12 volumes (publicados em Lisboa entre 1873 e 1890). Os "pontos" mais conhecidos são o Saltinho, o Cachão da Valeira, a Caxuxa, o Cadão, o Ponto de Bula, entre outros.

João de Araújo Correia fala ainda da existência de quadras populares relacionadas com esses "gargalos estreitos, declives em que se concentram e apertam as águas da corrente" e regista uma delas, alusiva a Ripança, a fazer-nos lembrar as cantigas de amigo trovadorescas, nas quais a donzela manifestava a sua preocupação pelo amado que tardava em chegar: "Já tenho os olhos cansados / De tanto olhar pra Ripança / Para ver se vejo vir / Quem tem tamanha tardança." (Correia 1999: 423).

Consciente de que o Douro vai mudar de aspecto, João de Araújo Correia tem a preocupação de guardar, através da escrita, as imagens do rio anterior às barragens e que gostaria de ver transmitidas à posteridade num filme. E vai mesmo mais longe: queixa-se com alguma amargura de que a sua ideia não seja aproveitada, tal como não o foi a do filme que gostaria de ver realizado sobre o Barão de Forrester e as suas viagens Douro acima e abaixo, antes de parecer afogado no cachão da Valeira.

A atitude de João de Araújo Correia em utilizar a escrita como forma de preservar o que sabe que se vai perder lembra-nos Alexandre Herculano que, num texto introdutório a *O Monge de Cister*, critica a degradação dos monumentos em Portugal, devido à irresponsabilidade dos seus contemporâneos e escreve:

Se eu fosse rico, iria comprar a capelinha, iria comprar o pardieiro onde houvesse a ombreira gótica: os homens do progresso vender-me-iam isso tudo (...). Depois, eu (...) tomaria a meu cargo essas pobres ruínas, ampará-las-ia como um filho, livrá-las-ia dos olhos dos que hoje tudo podem e tudo ousam, e (...) só aos poetas, aos que ainda crêem na arte e em Deus revelaria a existência do meu tesouro escondido. (Herculano 1977:5)

Na mesma introdução, constatando as suas fracas possibilidades económicas para concretizar a sua vontade, e questionando-se sobre o que fazer, revela a preocupação de, através da escrita, guardar o que sabe que vai desaparecer sem chegar aos vindouros:

Mas eu que não sou abastado, que posso fazer? Ajuntar uma assinatura desconhecida ao protesto lavrado pelos homens de entendimento e virtude contra a barbaria do século (...).

Foi uma dessas meditações artísticas que gerou o pensamento deste livro, o transmitir aos vindouros alguns fragmentos do passado. (Herculano 1977:6)

E, na parte final desse texto introdutório, acrescenta:

"É o que resta a quem é pobre. Não pode tirar os monumentos das garras dos

políticos; mas tem liberdade plena de reconstruir em imaginação e povoar aqueles que já não existem” (Herculano 1977:6).

João de Araújo Correia, tal como outros escritores, também perpetua a realidade do Douro através da escrita (Monteiro 2002: 9-21).

Uma das realidades que aborda é a da submersão de terrenos pelas albufeiras, que é focada pelo cronista do Douro em “Sem cama nem mesa” (Correia 1999: 450-451). Nesta crónica, de Outubro de 1971, fala das Caldas do Moledo, que foram “meio submersas pela albufeira do Carrapatelo e que ainda “esperam receber do prejuízo, que não é pequeno, a devida indemnização”. Nesta mesma crónica, manifesta a necessidade de construção de um novo balneário que suceda “às inundações das piscinas, às célebres piscinas das Caldas do Moledo, ao Banho 30 do Rio e à Bica do Rio”, um complexo que vai recordando, debaixo de água, o tempo em que foi rico e benéfico”. Queixa-se ainda da falta de alojamento adequado para abrigar os que vão ao Moledo.

A atenção de João de Araújo Correia ao que se passa à sua volta, e que se torna necessário não deixar morrer, revela-se também na crónica “Barcos rabelos” (Correia 1999: 476-477), na qual dá sugestões para a manutenção destes barcos no Douro, de modo a não os deixar desaparecer. Em Abril de 1959, o Autor constata que “ver hoje um barco rabelo é raro”. Primeiro foi o comboio e em seguida a camioneta, que “mataram o barco rabelo”. E a sua mágoa é expressa de forma muito subjectiva e poética logo a seguir, ao recorrer a uma metáfora e personificação do barco alma branca e triste e a uma comparação com uma alma penada que regressa para cumprir o seu destino:

“Se algum ainda aparece, de vela ao vento, subindo o rio, em atitude heróica, tem o seu quê de alma penada. Alma branca, alma de gaivota, mas alma triste como a que regressa para cumprir o seu último fado.” (Correia 1999: 476).

No sentido de evitar esse desaparecimento dos rabelos, o Autor apresenta uma solução, para que sejam recordados não apenas no brasão de uma vila, ou numa fotografia artística ou ainda num bilhete-postal de Boas-Festas. E a solução é, recorrendo à metáfora do operário cansado, dar-lhe um trabalho mais leve, “um serviço brando”:

“O barco rabelo, operário cansado, necessita porventura de aposentação. Mas, aposentação não quer dizer inactividade. Invente-se, para o barco rabelo, nos seus dias velhos, um serviço brando. Seja, por exemplo, um transporte de frutas e flores, um carregamento de vinho de alta estirpe, uma excursão turística, um passeio de estudo, a presença numa festa educativa ou equivalente concurso.” (Correia 1999: 476).

Estas são algumas sugestões, entre outras, que serviriam para evitar o desaparecimento do barco rabelo, “factor indispensável à beleza do Douro”. Nesta mesma crónica encontramos uma referência ao Barão de Forrester, o escocês Joseph James Forrester, que em 1861, numa viagem de barco no Douro, pereceu no Cachão da Valeira.



João de Araújo Correia fala, em várias crónicas, deste vulto da história do Douro, uma pessoa pela qual nutre admiração, quer pela sua actividade comercial, quer pelos mapas que fez da região, quer ainda pelo barco que mandou construir, onde se deslocava e recebia os amigos.

Na já referida crónica “Barcos rabelos”, escrita em 1959, incita os contemporâneos a recordar a figura do Barão e descreve o seu barco:

“Invoque-se a memória do Barão de Forrester, que tinha para seu uso, no rio Douro, a flor dos barcos rabelos. Pelo que se lê, em folhas da época, era um sólido barco, bem apetrechado, cómodo e luxuoso, mas, sem quebra da linha geral castiça. Coqueiro, apegada e espadela estavam no seu lugar.” (Correia 1999: 477).

Em Setembro de 1960, na crónica “Carros de bois” (Correia 1999: 482), a propósito da morte do carro de bois provocada pela “caminheta”, João de Araújo Correia lamenta que lhe aconteça o mesmo que ao barco rabelo:

“Tempo virá em que suceda ao carro de bois, *ex-libris* do nosso terreno firme, o que vai sucedendo ao barco rabelo, *ex-libris* do nosso rio. Um e outro se encontrarão apenas em algum museu ou bilhete-postal ilustrado. Até lá, fazemos votos por que o bom agricultor se condoa do moribundo e o ampare como companheiro de luta com o solo bravo. Se a pá e o ferro desmontaram o Douro, com os caminhos do Douro só o carro de bois se atreveu. É um veterano da nossa epopeia.” (Correia: 1999: 482).

Em 10-7-1971, na crónica “Metamorfoses do Rio” (Correia 1975: 65-68), incluída na obra *Nuvens Singulares*, o Autor insiste no desaparecimento do barco rabelo “grosseiro lenho, transformado em ave gloriosa quando acendia a vela, para lutar de topo com a apressada corrente” (Correia 1975: 65) e, “com o barco rabelo, desaparecem também as barcas de passagem” ou “se não morrem de todo, substituem os remos pelo ruidoso motor de gasolina” (Correia 1975: 65). Nesta mesma crónica, retomando a ideia de Alexandre Herculano que apresentámos anteriormente, João de Araújo Correia refere:

“Se não houver aí um poeta, com alma de barqueiro, (...) para recolher os velhos lenhos num panteão condigno, diga-se adeus à velha poesia do (...) rio Douro. Se ninguém se apressar a recolhê-los, só poderão encontrar-se em algum livro se os livros ainda existirem.” (Correia 1975: 68).

Ainda na mesma crónica “Metamorfoses do Rio”, Araújo Correia fala das modificações da paisagem e das tradições, com o espraiamento do caudal, causado pelas represas, geradoras de electricidade.

Em 22-2-69, em “O Pórtico da Régua” (Correia 1974: 21-24), na obra *Pó Levantado*, o grande cronista do Douro a propósito da necessidade de “ressurreição das Caldas do Moledo”, deixa uma mensagem aos seus contemporâneos durienses, no sentido de se tornarem dignos do Douro:

“Esconjuremos com defumadoiros o marasmo duriense colectivo. Na vinha, somos uns heróis. Fora da vinha, não somos nada. Defumemo-nos todos com alecrim para sermos dignos do Douro que aí vem, com tanta revolução hidráulica e territorial.” (Correia 1994: 24).

Muitas outras crónicas poderíamos referir, tendo apenas deixado aqui uma amostra das que falam do rio Douro e uma amostra também do muito que se poderá escrever sobre este autor que, devido à imortalidade da sua obra, contribui de forma inequívoca para a preservação da memória cultural do rio Douro e da região envolvente.

### 3. Conclusão

Em conclusão, podemos dizer que as crónicas de João de Araújo Correia, textos pequenos, simples e interventivos, evidenciam a preocupação do Autor em corrigir o que lhe parece que não está bem ou que deseja ver feito e mantido, revelando um autor atento ao que o rodeia e preocupado em interagir socialmente.

Tal como sucede com a crónica jornalística, a maior parte das crónicas de João de Araújo Correia parte de factos reais, do quotidiano, que, depois de trabalhados pelo autor, deixam transparecer a sua subjectividade e leitura pessoal desses eventos. E, ainda como sucede com a crónica, em que muitas vezes, como dissemos anteriormente, o autor pode dar largas à sua imaginação, servindo-se de recursos estilísticos, João de Araújo Correia, nas suas crónicas, utiliza inúmeras vezes diversos recursos estilísticos, sobretudo metáforas, comparações, personificações e exuberância de adjectivação sugestiva, com os quais pretende ser mais persuasivo e que conferem maior beleza aos seus textos, que facilmente captam a atenção do leitor. A atenção deste é também convocada através de um discurso incisivo, apelativo, sobretudo devido ao uso de formas verbais nos modos Imperativo e Conjuntivo com intenção imperativa. O leitor é ainda atraído para o texto pelas diversas interrogações retóricas, pelo uso de interjeições e frases exclamativas que traduzem, com clareza, a alegria, estupefacção, indignação, revolta ou outros sentimentos do Autor, consoante o assunto que está a tratar.

Assim, as crónicas de João de Araújo Correia, para além do seu valor como documento do Douro e da região duriense, têm, em muitos casos, um valor estético e literário, daí a sua publicação em livro e daí também o interesse que continuam a ter entre os leitores.

Por tudo o que ficou dito, resta-nos voltar à ideia da qual partimos e dizer que João de Araújo Correia é o grande cronista do Douro.

*Maria da Assunção Morais Monteiro*

## Bibliografia

- CORREIA, João de Araújo (1968): *Folhas de Xisto*, 2ª edição, Lisboa, Portugália Editora.
- \_\_\_\_\_ (1972): *Palavras Fora da Boca*, Régua, Imprensa do Douro Editora.
- \_\_\_\_\_ (1974): *Pó Levantado*, Régua, Imprensa do Douro Editora.
- \_\_\_\_\_ (1975): *Nuvens Singulares*, Régua, Imprensa do Douro Editora.
- \_\_\_\_\_ (1999): *O Mestre de Todos Nós Antologia de João de Araújo Correia* organizada por José Braga-Amaral, Porto, Campo das Letras.
- HERCULANO, Alexandre (1977): *O Monasticon*, Tomo II, *O Monge de Cister ou a Época de D. João I*, Tomo I, Amadora, Livraria Bertrand.
- MONTEIRO, Maria da Assunção Morais (1999): «João de Araújo Correia e a “Enfermaria” da Língua Portuguesa», in *Terra Feita Voz — Revista do Circulo Cultural Miguel Torga*, n.º 3, 1999, pp. 23-34.
- \_\_\_\_\_ (2002): “O Douro imortalizado pelos escritores”, in *ALTO DOURO VINHATEIRO PATRIMÓNIO MUNDIAL*, nº 1, pp. 9-21.
- \_\_\_\_\_ (2004): *O Conto no Diário de Miguel Torga*, 2ª edição, Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- \_\_\_\_\_ (2005): «A Literatura, memória cultural do património vitivinícola do Douro», in *Douro Estudos & Documentos*, 19, *Actas do 2º Encontro Internacional História da Vinha e do Vinho no Vale do Douro*, vol. III, Porto, GEHVID, pp. 171-186.
- NEVEU, Érik (2005): *Sociologia do Jornalismo*, Porto, Porto Editora.

## A Régua vista por João de Araújo Correia, cronista

*Não basta abrir a janela  
Para ver os campos e o rio.  
Não é bastante não ser cego  
Para ver as árvores e as flores.*

Alberto Caeiro

“Podem muito as raízes!”, escreveu Miguel Torga sobre a atracção irresistível sobre ele exercida pela sua aldeia natal. O mesmo poderia ter dito João de Araújo Correia sobre a Régua, concelho do seu nascimento.

Retirando cerca de nove anos de ausência imposta por imperativos académicos, ficam quase oito décadas de vida intensamente vivida ao ritmo da corrente do rio, de olhos postos nos mágicos vinhedos, nesse “belo país do vinho e do suor”, como chamou ao Douro António Cabral. Como cidadão interventivo, como médico de matriz dinisiana, como colaborador da imprensa local, como escritor.

Numa sintética autobiografia apresentada na contracapa da segunda edição de *Três Meses de Inferno*, fala da sua vocação literária e da bagagem cultural armazenada ao longo de anos, nomeadamente durante um repouso físico causado por doença curada em Canelas “sem inacção mental”. Escreve nesse texto: “Quando me formei, era um homem de razoável cultura e muita reflexão própria de quem foi doente meia dúzia de anos.” Acrescenta que a prossecução dos estudos e as responsabilidades de chefe de família lhe interromperam a “lide literária” retomada em 1938 com a publicação do seu primeiro livro — *Sem Método*. Sobre ele escreve: “Livro de breves notas, foi elogiado por grandes homens como grande revelação de homem votado à produção literária.”

Consultada a bibliografia do autor facilmente se deduz constituir a região nativa a sua principal fonte de inspiração e o cenário privilegiado da sua produção ficcional. Embora atraído pelos estudos camilianos e pelas questões relacionadas com o correcto uso do nosso idioma, é na crónica e sobretudo no conto que melhor se revelam as qualidades literárias daquele que foi considerado, por Aquilino Ribeiro, “Mestre de Nós Todos”.

Pode dizer-se que o autor de *Contos Bárbaros* pegou de estaca na Régua. Dos miradouros, das janelas da sua residência, da zona ribeirinha, os seus olhos captaram, qual objectiva fotográfica, uma realidade feita de contrastes entre o belo e o feio, o antigo e o novo, a ancestralidade identitária e a modernidade estereotipada, o espiritualismo e o materialismo.

Araújo Correia viajou pouco para o exterior. Privilegiou as “viagens na sua terra”, na sua “pátria pequena”. É essa que lhe interessa, que o preocupa. Ela lhe basta para se extasiar perante o belo natural, pelos seus “montes pintados”. São os seus desmandos urbanísticos, as suas agressões ambientais, as suas marcas de desvirtuações paisagísticas e etnográficas que magoam a sensibilidade do aparo da sua pena.

De tudo isto faz matéria das suas crónicas. Concisas e incisivas. Lúcidas e racionais. Estéticas e pedagógicas. Desassombradas e oportunas. Fala das suas gentes, individualidades ilustres e humildes trabalhadores rurais. Enaltece as boas iniciativas e condena as más. Aponta virtudes e defeitos. Não cultiva uma crítica destrutiva porque aponta sugestões alternativas. Com bom senso e com bom gosto. Com autoridade cívica e ética. Em nome da Terra Mater que ama de amor não cego.

A pluralidade, diversidade e quantidade de crónicas escritas e posteriormente compiladas em sete colectâneas obrigam-nos a proceder a uma selecção temática. Optámos por referenciar e citar algumas em que o autor aponta, na sua vila, aspectos negativos remediáveis com tomadas de posição dos responsáveis autárquicos e dos próprios habitantes que redundariam em benefício de uma terra fadada para ser o palco de inconfundível e inebriante espectáculo natural.

Comecemos pela flora. No capítulo XXXIX da sua obra de estreia, *Sem Método*, João de Araújo Correia fala de árvores de porte que compara a “mulheres sadias, bem especadas nas suas colunas” e a “plácidas virgens saciadas de sol”. Inveja-lhes a saúde, contemplando-as, como apaixonado galante, da sua janela. E lamenta que sejam tão poucas:

*Penso que a Régua seria feliz se possuísse e amasse mil árvores assim. À sua sombra viriam acolher-se as almas doloridas. Seriam, na escaldada terra duriense, oásis procurado por caravanas sequiosas.*

*Sem árvores, qualquer povoado é repulsivo. A Régua é linda. Em dias soalheiros, vista de longe, do alto desses montes que a circundam, à beira da água, faiscante de jóias, é princesa. Mas... princesa calva! Princesa sem bosques onde corram gamos, sem espessuras onde gemam rolas, sem alfombras que sepultem o ruído dos passos, não é princesa real. É princesa do sabão ou do petróleo.*

Sendo as altas temperaturas estivais um flagelo infringido aos habitantes da agora cidade, a profusão de espécies arbóreas servir-lhes-ia de antídoto, já que as suas sombras refrescantes poderiam amenizá-las.

*A Régua precisa duma grande mata. A presença de enormes manchas verdes dulcificar-lhe-ia a rudeza nativa, atrairia hóspedes espirituais. Sem árvores, é inhóspita como um deserto. Os próprios naturais enriquecidos a abandonam...*

"Árvores" é título de crónica datada de Outubro de 1956. Invocando o exemplo de Aveiro que "desde que resolveu civilizar-se, resolveu arborizar-se", reivindica para a sua terra "árvores como as de Sintra e do Buçaco" ou mesmo como as do bosque da Senhora dos Remédios, em Lamego, que vivam "à lei da natureza", espreguiçando os seus longos e robustos braços em todas as direcções, sem constrangimentos de etiqueta. "Dentro da vila, por influência do nome Régua, só se admitem árvores regulares (...) desenhadas num papel ou esculpidas em cimento armado".

Data de 1975 a publicação de *Nuvens Singulares* e aí encontramos mais uma nota sobre a indiferença patenteada perante a preservação das árvores, denunciadora de falta de sensibilidade e de sentido estético.

Nessa colectânea, em "Amor às Árvores", socorre-se o escritor do exemplo de Teixeira de Pascoaes evocado pela sua irmã predilecta, Glória, no livro *Olhando para Trás Vejo Pascoaes*. Nele acompanha o percurso humano, académico, profissional e literário do poeta e desvenda sobre ele interessantes e desconhecidas particularidades. Uma delas diz respeito à sua ligação à terra e ao seu carinho pelas árvores que tratava com desvelo de médico, quando doentes. Foi o que aconteceu com um lódão. Escreve Araújo Correia:

*O lódão, que viu nascer o poeta, enfeitiçou-o no berço. Ia morrer quando o enfeitiçado resolveu acudir-lhe, libertando-o da iminente agonia. Curou-o como cirurgião entendido em rejuvenescimentos. Árvore morta, por assim dizer, fez o milagre de a ressuscitar. Porquê? Porque lhe tinha amor. Que sentimento há que possa concorrer com o amor em obras de milagre? Nenhum. Pascoaes salvou o lódão porque lhe tinha amor. Queria-lhe, da raiz aos ramos, como se o lódão fizesse parte do seu eu poético. (...)*

*Se todos fôssemos poetas, com versos ou sem versos, outro galo cantaria às árvores decrepitas ou condenadas à morte sem decrepitude. Mas, por cada poeta que as defende, há um milhão de brutos que lhes encurtam a vida. Só sossegam quando lhes vêem o corpo estendido à beira de uma estrada. Gostam de as ver nuas, sem lençol piedoso ou folha que lhe acene quando entram no carro funerário.*

Não saindo do reino vegetal, ouçamos os lamentos críticos de um escritor agradecido a uma natureza esbanjadora de ofertas ornamentais como as flores cuja variedade, policromia, frescura, viço, aroma, as torna rainhas efêmeras e frágeis do reino terrestre.

Socorremo-nos, para documentar este item, de dois textos escritos com mais de vinte anos de distância. Esta recorrência, como outras reveladas na sua colaboração na imprensa local, revela-nos a faceta do homem sedento de belezas naturais que rivalizam, na região, com a imponência de um rio e a força sedutora de socalcos traçados por mãos geométricas. Voltemos, primeiro, a *Sem Método*. No seu capítulo LIII, após ter afirmado, peremptoriamente, “A Régua não gosta de flores”, regista o seu desaparecimento de quintais e varandins, elegendo a rosa como a ausência, para si, mais confrangedora. Deixou de vê-las “no vértice dos decotes”, realçando a sensualidade de peitos femininos. Considera-as “símbolo esplêndido e melancólico do Belo efêmero” e lamenta que as que ornamentam a sua secretária ou a sua mesa de jantar venham “de longe às gabelas, às braçadas — colheita de braços condoidos da minha sede de sonho, braços distantes e altos como nuvens que enviam água a um deserto”. E termina: “Quisera que os jardins da Régua cantassem — como diria o poeta. À mingua de escolas, jardins — távulas redondas duma eucaristia de beleza”.

Ao lermos “Rosas de Maio” (1959) deparamos com uma situação equívoca. Araújo Correia reconhece a falta de vocação jardineira dos reguenses, mas afirma: “A Régua é terra de flores”, conduzindo o leitor a conclusão precipitada. Pensará ele terem sido respeitados os seus lamentos e, como tal, transformada a atitude dos seus conterrâneos. Mas não. Logo a seguir aduz um factor elucidativo:

*Não porque as cultive, mas porque a natureza lhas dá de mão beijada. Sempre que caia no seu húmus germina: se for estaca, pega. Que mais quer? A Régua é terra de flores, especialmente rosas. Na bacia da Régua, cada roseira compete com a videira, tem o vigor de uma cepa. Se este, em Outubro, enche o regaço de bagos, aquela, em Maio, cobre-se de flores, como noiva.*

*As nossas rosas, espontaneamente criadas, têm causado seu espanto a estrangeiros cultos, provenientes de países rosicultores. Gabam-lhes a exuberância, o viço, a formosura, a cor e o perfume.*

Se fosse possível hierarquizar as paixões naturais/regionais de João de Araújo Correia, cremos ocupar o rio Douro o seu topo. Ele foi e é motivo de orgulho de quantos tiveram e têm

o privilégio de o contemplar diariamente, primeiro no seu trote enraivecido, depois na sua majestade disciplinada e calma. Antes, povoado de barcos rabelos, ronceiros carregadores de “sol engarrafado”, hoje, rivalizando com Renos e Danúbios, embalador de barcos de cruzeiro pejados de turistas de olhos gulosos.

O escritor conheceu os dois. Assistiu à transformação do velho no novo através da construção de barragens domesticadoras, a ditar a expulsão das poéticas e primitivas embarcações e dos seus valentes arrais, heróis na luta contra o elemento água em cachões-armadilhas espalhados ao longo do seu curso.

Amou o seu rio. Cantou-o em prosa poética na sua ficção e nas suas crónicas. Não foi um poeta do Douro, como Miguel Torga ou António Cabral. Preferiu o velho. Personificou-o, chamando-lhe “um velho amigo, um trabalhador incansável”, a ele que o viu nascer e o “abandonou de um dia para o outro”. E escreve, em 25 de Maio de 1973, no texto introdutório do livro de dez contos e uma novela sugestivamente intitulado *Rio Morto*:

*Quero referir-me a um rio arcaico, milenário, que me contava uma história cheia de pavores e doçuras, quando me via sentado, num banco de pinho, ao fundo do meu quintal. Esse rio morreu, deixou de ser rio para ser um lago artificial imenso, parado ou pasmado a meus pés, como cadáver que a morte dilatasse.*

*O dinheiro dos homens, para se multiplicar, a troco de dar luz e energia ao mundo, pega no meu rio, que era bravo e impetuoso como um toiro, e amansa-o em lago. Fez dele um boi no pasto ou uma choca no fim de uma toirada. (...)*

*Hoje, lago empanturrado, mais rico que um porco, já não tem força e até se envergonha de pegar no maço e no cinzel. Deixá-lo, que o progresso manda...*

Pela afinidade temática e pela aproximação de sentimentos expressos, não resistimos a transcrever a seguinte entrada do *Diário XIII*, de Miguel Torga:

*Quinta do Vale de Malhadas, Freixo de Numão, 8 de Dezembro de 1979 — O Doiro magro e viril, que ainda não há muito descí de barco rabelo e de credo na boca, a saltar de sorvedouro em sorvedouro, ei-lo agora entoirido, manso, paralítico, passeado numa lancha a vapor, sem sobressaltos de qualquer ordem. Os homens são assim. Passam a vida a destruir levemente os cachões onde experimentavam a valentia e os veleiros em que os venciam, e espanejam-se depois como patos marrecos nas águas podres da desilusão.*

Saudades teve-as, também, Araújo Correia dos barcos rabelos, assim caracterizados por Ramalho Ortigão:

*Nas águas do rio, reflectindo-se nelas como num espelho, passa devagar um barco rabelo esguio, da cor da madeira por pintar, um poço dourado pela luz; à popa, imóvel, em pé sobre a apogada em forma de quiosque quadrado e de tecto chato, o timoneiro empunha*

*a longa espadela que serve de leme à embarcação, enquanto à proa, junto do abrigo da chilreira pontiaguda, quatro remadores, as pás recolhidas, os braços cruzados, se deixam ir ao som da água.*

Farpas I

Neles viajou o Mestre. Em “Pontos do rio Douro”, crónica de 15 de Maio de 1971, recorda uma inesquecível jornada e rende a sua homenagem a um arrais, mais tarde recordado por seu filho, Camilo de Araújo Correia:

*Quando, há muitos anos, descí da Régua ao Porto, a bordo de um rabelo, reparei nos pontos mais agudos. Não me saem do toutiço. Vejo-me em Ripança e na Figueira Velha. Mas, onde principalmente me vejo, é no Cadão — ponto dos pontos. Ai, se o arrais não fosse o Passarada, teria eu perecido. Não é assim que se diz, em vez de morrido quando acontece morte de água? Eu teria perecido no Cadão, rápido, tumultuoso, se o arrais não fosse o Passarada. Com dois dedos na espadela, milímetro a milímetro, salvou o barco.*

O Mestre de Nós Todos

Em Abril de 1959 o cronista escreve “Barcos Rabelos”, texto incluído em *Pátria Pequena*, edição de 1977 e, em 1999, ano do centenário do seu nascimento, na Antologia atrás citada, com prefácio de João Bigotte Chorão e organização de José Braga-Amaral. Constitui ele, em síntese, uma manifestação de felicidade sentida pelo espectador estupefacto de um quadro de tempos idos — o surgimento de barcos “de vela desfraldada, arfando, à direita da cena, como cisnes cansados”. Após ter identificado os assassinos dos barcos do Douro — o comboio e a camioneta — o narrador reconhece necessitarem essas embarcações de “aposentação”, adiantando sugestões do seu aproveitamento em tarefas de menor fôlego, de modo a mantê-los activamente presentes:

*Invente-se para o barco rabelo, nos seus dias velhos, um serviço brando. Seja, por exemplo, um transporte de fruta e flores, um carregamento de vinho de alta estirpe, uma excursão turística, um passeio de estudo, a presença numa festa educativa ou equivalente concurso. (...) Perdoem-se estas quimeras a quem ama a sua terra e vê no barco rabelo factor indispensável à beleza do rio Douro.*

Como afirma o autor em análise em “Metamorfoses do Rio”, crónica de Julho de 1971 incluída em *Nuvens Singulares*, o desaparecimento do rabelo acarretou um outro, o das barcas de passagem, embora estas últimas tenham tentado sobreviver graças à substituição dos remos por motor a gasolina.

Ciente de que a tecnologia é inconciliável com a poesia, escreve:



*A barca da Régua substituiu um dia destes o aparelho de pinho, as pesadas pás e a longa vara, pelo ruidoso motor de gasolina. Muito bem... se o motor facilita o trabalho braçal do barqueiro na travessia do rio, agora longa, viva o motor... Mas, a poesia da barca, movida a pulso, com o rio baixo ou com o rio alto, morreu. Afogou-se no pego sem ninguém se aperceber de semelhante morte. Ninguém chorou pela defunta. Ninguém lhe rezou por alma um padre-nosso. Morte assim é a mais triste das mortes.*

Quem ama a Régua e, para além disso, é colaborador assíduo da imprensa local, tem uma missão a cumprir. Cabe-lhe ser um denunciador lúcido e esclarecido do que nela pode ser corrigido a bem do seu embelezamento e das suas condições de vida. As suas achegas, sendo registos escritos, garantem uma perenidade e assumem um peso bem diferente das críticas trocadas à mesa do café.

É nesta convicção que incluímos neste artigo algumas notas discordantes da harmonia da vila/cidade, captadas pelo poder de observação e pelo sentido crítico de um cronista, com a mais valia da literariedade de que se revestem

Araújo Correia exerce uma crítica construtiva. Tal acontece, por exemplo, no que ao urbanismo diz respeito. Atentados à harmonia urbana são denunciados em 1959, data da crónica "Urbanização" inserta em *Pátria Pequena*. Casas abandonadas, ruínas cadavéricas patenteadas aos olhos de habitantes e visitantes, formam espectáculo confrangedor, surgindo como espectros de um passado sem presente. Desfeiam uma terra que, como o próprio reconhece, poucos atractivos oferece em si mesma. Vale-lhe a beleza ribeirinha e a paisagem circundante a justificarem a sua designação de "princesa do Douro".

*A Régua, donde quer que se aviste, é uma jóia. Mas o que lhe dá realce é o estojo, isto é, a concha em que assenta, a bacia da Régua, com as suas montanhas, as suas colinas e o seu rio. Tocada de perto, sem escrínio à vista, desfaz-se-lhe o encanto. É uma jóia de chumbo, ou, quando muito, de plaqué.*

No texto citado o autor refere casos concretos de "casinhas velhas, pedindo à misericórdia humana o favor de as demolir" e cuja reconstrução travada (situação não inédita) por um rígido e insensato plano de urbanização que "tolera o pardieiro, tolerará o espaço, mas não tolera a casa". É simples a sugestão avançada:

*Pede-se à nossa Câmara Municipal que reveja o plano de urbanização e, se realmente é péssimo, cuide de o revogar. Será a doce maneira de evitar à nossa vila fealdades eternas.*

Em Julho de 1972 ressurgiu o tema em "O culto da fealdade", crónica seleccionada para a Antologia referida. Falando das novas construções, escreve:

*Numa dobra da colina, como que nasceu, de um dia para o outro, uma série de casas*

*para abrigo de quem não cabe na vila. Mas que casas! Dizem que são bonitas e cómodas por dentro. Por fora, são um horror. Não há fealdade com que se comparem. O arquitecto que cultiva a fealdade, caprichou em as fazer tão feias, que metem medo. Quando se avistam, do alto ou do fundo da colina, são uma espécie de Parcas incumbidas de afugentar o mundo. Todas cor de terra, como quem diz cor de retrato mal pintado, uniram-se ombro a ombro para ter mais força.*

Outro dos problemas abordados pelo ilustre duriense é o da falta de higiene, sinónimo de ausência de civismo e de desrespeito por quem atravessa as ruas em azáfama quotidiana ou em deambulação preguiçosa. Ainda em *Pátria Pequena* se encontra a crónica "Higiene" onde são registadas anomalias como a falta de água e de saneamento básico ao serviço do bem comum:

*A Régua não tem água que baste para a sua limpeza. Se os ricos e os remediados, têm água encanada em casa, os pobres não a têm. Precisam de sair à rua, de caneco à cabeça, para a procurar nos fontanários públicos. (...) Quanto a esgotos, só os ricos e os remediados se gozam de semelhante luxo.*

*Se ao menos a Régua tivesse vassoiras... Mas, nem isso... Os varredores municipais não chegam a meia missa higiénica.*

*O que vale à Régua, para a sua limpeza, são as águas pluviais. Abençoadas sejam, que fazem à Régua uma barrela em dias de barrela, isto é, quando chove.*

*Também acode à Régua o frio de Inverno, antídoto do mau cheiro. Mas quando aperta o calor, Deus nos acuda! Não há água-de-colónia bastante para uma narina.*

Terminamos o nosso artigo com a abordagem de temática inerente, por razões óbvias, ao Douro — o turismo. J. A. C. escreve, em Setembro de 1961, a crónica "Turismo Duriense" em que, invocando primeiro a Suíça que "fez do turismo o seu S. Miguel" e depois o Algarve que "inventou o atum, o figo e a alfarroba", além das amendoeiras floridas em Janeiro, se revolta com a falta de infra-estruturas turísticas no Douro:

*A Régua, capital do Douro, não tem uma repartição que oriente o viajante no assombroso país vinhateiro. Parece impossível, mas não tem. Passa por aí o forasteiro ilustrado, pergunta pelo Turismo e ouve esta resposta: num há.*

Um pouco atrás lê-se o seguinte:

*Nós, durienses, depois de inventarmos o melhor vinho do mundo, que nem sempre vendemos, caímos numa sonolência que faz dó. Faltou-nos o caco para o invento supremo, que são, pelo Outono, as vinhas coloridas. Faltou-nos a voz para apregoar: vinde ver! Vinde ver!*

Intitula-se "Excursões" o texto jornalístico de Maio de 1957. Volvidos mais de cinquenta

anos a sua actualidade mantém-se, *grosso modo*. Idêntica é a atitude dos turistas de hoje que da cidade quase só conhecem o cais onde embarcam em cruzeiros em demanda da paisagem idílica do Douro Vinhateiro que sabem ser Património da Humanidade. E se levam os tradicionais rebuçados para o caminho é porque as mulheres de branco, divididas entre a estação de caminho de ferro e a zona ribeirinha lhos fazem chegar mesmo à subida para os luxuosos barcos. Entretanto, enquanto esperam a partida, e se querem levar alguns *souvenirs*, há-os para todos os gostos mesmo ali à mão de comprar...

Vamos ao texto:

*Apenas o mês de Maio abre os olhos, demandam a Régua, vindos do sul e do poente, os excursionistas. Demandam-na como ponto de passagem para outras localidades. Na Régua, infelizmente, não param. Cruzam a vila como aviões, que não enxergam por aqui eirado em que aterrem.*

*Como a Régua não é um lugarejo, embora atrasada em questão de urbanismo, seria justo que as excursões fizessem alto na Régua. Aqui se deveriam demorar o tempo indispensável para saberem que a nossa terra, embora pequena, é a capital do Douro — a mais importante região vinícola de Portugal. Que nessa região se produz o vinho do Porto. (...)*

*As excursões passam na Régua como gato por brasas. Quando mais não fosse, deveriam apear-se na Casa do Douro, serem aí mimoseadas com um cálice de Porto a cada viajante e, como recordação, o resumo do Douro numa brochura ilustrada.*

*Pátria Pequena*

De *Viajar com...* João de Araújo Correia, edição da Delegação Regional da Cultura do Norte e da autoria de João Bigotte Chorão e de José Braga-Amaral, retiramos a síntese deste nosso trabalho:

*Lendo atentamente os seus livros de crónicas, sobretudo a sua "Pátria Pequena", forma carinhosa de João de Araújo Correia tratar a sua Régua e o seu concelho, percebem-se locais e espaços por onde o homem e o médico passaram, que o escritor retratou, eternizando momentos e devoções, muitas vezes protestos e chamadas de atenção. Foi atento e útil à sociedade em que viveu.*

*M. Hercília Agarez*

## Como conheci o Dr. João de Araújo Correia

Este texto não é mais do que um simples testemunho que demonstra bem o carácter e o modo de estar, daquele que, para lá do clínico, era o cidadão atento e preocupado que o conduzia ao escritor resignado à sua sorte, obrigando-o, como dizia, a roubar, à família e ao descanso, o tempo de que necessitava para se entregar, de corpo e alma, à paixão pelas letras e à escrita, que utilizou como ninguém, rigoroso nas palavras que redigia, com aparente e natural facilidade, sintético, sem qualquer pretensiosismo de rebuscadas figuras de estilo.

Um dia, em conversa com o seu filho, Camilo de Araújo Correia, com quem tive o privilégio de conviver ao longo de muitos e saudosos anos, ao contar-lhe a história que relatarei à frente, este, me sugeriu que, quando fosse oportuno, a passasse a papel.

Chegou o momento de homenagear o pai, cumprindo a promessa então feita ao filho, pleno de uma saudade imensa, feliz por os ter conhecido e pela oportunidade de recriar, no palco, o ilustre escritor, na peça “À conversa com João de Araújo Correia”.

Chegado ao Peso da Régua, em Abril de 1976, com o designio de criar um laboratório de análises clínicas, juntou-se me, em Maio, a mulher e a filha, nascida, nesse mês, em Aveiro.

Em Agosto, esta, com apenas três meses de vida, apresentava-se febril e com sinais de possível infecção pulmonar. Procurei, lesto, um médico que fizesse clínica privada. Os saudosos Dr. Figueiredo e Dr. Egidio Viana Pinto, por coincidência, não estavam na Régua. Perguntei se não haveria mais algum. Alguém me indicou o Dr. João Correia que consultava em Medreiros. Sabia lá eu onde era Medreiros! Seguindo as instruções que me deram, lá fui até à sua residência onde tinha o consultório.

Chegado ali, toquei a campainha da porta e fiquei à espera da empregada que, prontamente, a veio abrir. Expliquei-lhe ao que ia. Mandou-nos entrar, a mim e à minha jovem mulher, e pediu-nos para aguardarmos pelo ilustre clínico. Assim fizemos. Passados poucos minutos, uma garbosa e imponente figura de médico, em que, por debaixo da impecável bata branca, sobressaía um enorme laço vermelho, pelo menos a mim pareceu-me enorme, que não esperava encontrar ali, naquela época do ano, e que, para lá da surpresa, despertou a minha maior curiosidade.

Esta aumentou quando, depois de explicados os sintomas, o médico foi buscar uma pequena toalha de linho, que colocou no peito e nas costas da jovem criança para a auscultar. Explicou, enquanto a examinava, que a razão porque o fazia era para não importunar a doente com o frio metálico do estetoscópio.

Feito o diagnóstico, sossegou a nossa preocupação, medicou-a e, olhando-nos com curiosidade, questionou-nos:

- Vocês não são da Régua. Não me lembro de vos ver. E tenho boa memória.
- Não, senhor doutor. Na realidade nascemos em Angola, mais precisamente em Luanda,

e por via de uma “descolonização exemplar” viemos parar à Régua, a convite de um amigo, para fundarmos um laboratório de análises clínicas que já está a funcionar, desde Junho, na Rua dos Camilos.

Depois, desabafei tudo o que me ia na alma. Da revolução dos cravos, do embuste, em que o antigo regime nos fez acreditar, da portugalidade africana, da falta de brio, honestidade e desinteresse dos novos dirigentes políticos, que não respeitaram, nem obrigaram a respeitar, internacionalmente, os acordos que garantiam a segurança das nossas vidas e bens e que, abandonados à nossa sorte, não quisemos ficar à espera que alguém resolvesse a nossa situação, razão porque estávamos a viver na, então, Vila do Peso da Régua.

Pacientemente ouviu-nos, ou melhor, ouviu-me, já que, a minha mulher se tinha resignado aos imponderáveis da vida. Tudo havíamos perdido e estávamos a tentar retomar a vida de novo. A revolta da perda, da repartição da família ao longo do País, praticamente confinado ao continente europeu, os mortos abandonados na longínqua terra que tanto amávamos, de tudo falámos, entre a revolta e a saudade. De vez em quando, questionava-nos para perceber pormenores e ia-nos perscrutando com o olhar, como quem nos queria ler a alma. Com a atenção e a curiosidade de quem se preocupava com aqueles desconhecidos, ali sentados à sua frente, partilhando sentimentos dolorosamente sentidos.

Desconhecia se, aquele médico, era de esquerda ou de direita, quais as suas opções políticas ou religiosas, ou o que pensaria da descolonização. Também pouco me importava. Eu pensava como pensava e a minha revolta era grande. Já mais calmo, e para podermos regressar a casa, perguntei:

— Quanto lhe devo senhor doutor?

Olhou-nos de alto a baixo, fez uma pequena festa à criança que, sossegada, dormia ao colo da mãe, com voz pausada, em tom baixo e grave, respondeu-me:

— Não é nada. Primeiro, porque não levo dinheiro a oficiais do mesmo ofício, segundo, fica por conta da dívida que, todos nós, temos para convosco.

Agradecemos as suas palavras e o seu gesto, pedimos desculpa pelo tempo tomado e pelo nosso desabafo. Levou-nos até à porta, despedindo-se com um aperto de mão.

Descemos a rua mais tranquilos, mais em paz connosco e com Portugal. Não fazíamos a mínima ideia que, aquele simpático médico era um dos seus melhores escritores e uma das figuras maiores nascidas no Douro.

Quando encarnei a personagem do Dr. João Correia, na comemoração do seu centenário, fi-lo com a gratidão que lhe devia e honrado com as lágrimas que vi nas faces dos seus familiares mais próximos.

*Mário Mendes*

## Evocação saudosa do extinto amigo Dr. João de Araújo Correia – ilustre médico e escritor

Se a Província de Trás-os-Montes e Alto Douro é carente em recursos naturais — e não só —, o mesmo já não pode dizer-se em relação ao campo das Letras e Artes e das Ciências, em que se distinguiram muitos dos seus filhos.

Cingindo-nos agora ao domínio das Letras, salientaremos alguns dos mais destacados descendentes, que não se deixaram ofuscar pela atracção da cidade, mantendo-se fiéis às suas raízes, como que atraídos por um magnetismo subterrâneo.

Quem não recorda o saudosismo de Trindade Coelho em *Os Meus Amores*? A frieza do jurista quebra-se ao evocar a paisagem humana e terrosa do Mogadouro e cercanias. Mesmo da boémia de *In Illo Tempore*, ressumbram, aqui e além, reflexos da ambiência nativa.

E há também os obreiros da pena que, inseridos nos grandes meios urbanos, sentem a necessidade de vir, periodicamente, beber a seiva das origens. É o caso, por exemplo, de Miguel Torga, segundo ele próprio confessa numa das páginas brilhantes do seu *Diário*<sup>1</sup>.

Contudo a nossa veneração inclina-se, preferencialmente, para aqueles que desprezaram a sedução dos grandes burgos e não arredaram pé do solo que os viu nascer, tal como fez o Abade de Baçal — criatura simples que cingiu no mesmo abraço fraterno homens e natureza. E tal como fez também outra personagem, não menos famosa, já desaparecida do mundo dos vivos. Estamos a referir-nos a João de Araújo Correia, sobre o qual nos permitiremos tecer algumas considerações, para, singelamente, assinalar a sua Memória, como Escritor e como Médico.

\* \* \* \* \*

Submisso às limitações e carências do torrão natal, o múnus de clínico de Araújo Correia fá-lo-ia calcorrear distâncias, a pé ou montando um cavalo, sempre que uma vida humana o reclamava. E a sua função não o levava, apenas, a pôr bálsamo nas chagas do corpo, mas também nas do espírito, não raro mais carenciadas de terapêutica que as primeiras, E, quantas vezes, o papel das receitas embrulhava a importância necessária para a compra de remédios e até de alimentos!

Surpreende-nos que haja brotado tão eminente Escritor do Médico que se doou, de alma e coração, aos seus enfermos. Mas o nosso espanto logo decresce ao recordar que o mesmo nasceu num meio camiliano — mercê da influência do pai, que nutria pelo autor de *Memórias*

---

<sup>(1)</sup> *Diário XI*, 1ª edição, pág.21

do *Cárcere* uma grande admiração —, podendo considerar-se, assim como Aquilino, um dos mais lídimos neo-camilianistas dos últimos tempos.

E o próprio Escritor nos elucida também:

«Teve de se cumprir a minha sina — originada em factores ancestrais que mal alcanço. Apenas sei que meu pai, com estudos oficiais rudimentares, lia e escrevia primorosamente. De minha mãe, delicado espírito, devo ter herdado uma boa dose de sensibilidade.

Bastarão estes dados para interpretar a minha alma de artista? Sei que nasci escritor em casa de lavoura à beira de uma fonte, na antiga vila de Canelas do Douro»<sup>2</sup>.

Descoberta a sua vocação para as Letras, influenciada, como vimos, pela prosa camiliana, o Escritor em causa cedo viria a acusar um estilo muito pessoal e correcto. O seu primeiro livro, *Sem Método*, surgido em 1938, recebeu os aplausos de insignes literatos da época, E, a partir daí, não mais seria contida a verve do Autor, não obstante o seu árduo labor de médico rural, que o obrigava «a saltar da cama a horas mortas — horas paradas em que o galo canta e a raposa se atreve com as capoeiras»<sup>3</sup>, visto que, «de dia, só escreve receitas»<sup>4</sup>.

E a magia da sua pena teceu uma vasta obra, que inclui o conto, a novela, a crónica e a conferência. Os protagonistas dos seus livros de ficção (*Contos Bárbaros*, *Terra Ingrata*, *Caminho de Consortes*, *Montes Pintados*, *Rio Morto*, etc.) — ramo este em que mais se notabilizou — incarnam um povo laborioso e sofredor, que excede o campo restrito da sua região, e se transmuda em personagens universais, uma vez que os seus anseios, dores e lutas são semelhantes aos de outros seres humanos do Globo.

Há ainda a referir que a grandeza da sua carreira literária lhe mereceu, em 1969, o Prémio Nacional de Novelística — sem que a ele tivesse concorrido —, o que significa a consagração do mérito do Homem que dedicou a sua vida inteira ao engrandecimento da Língua e da Literatura Portuguesas.

Ao saborearmos a obra de João de Araújo Correia, deparamos com excelentes painéis de uma composição airosa, mas profunda no seu sentido. Porém, o que mais nos deleita é a limpidez da sua prosa, que nunca se deixou contaminar pelo “calão” de diversos matizes que “assaltou” o nosso idioma, nem cedeu a correntes vanguardistas ou pretensas modas literárias.

Com a morte do grande Escritor, julgamos ter desaparecido o último abencerragem da vernaculidade portuguesa. Mas o fruto do seu talento ficou convertido numa obra imensa, que urge saborear, para nos desintoxicarmos da falsa literatura, que os escaparates de certas livrarias ainda nos servem, por vezes.

Nuno Nozelos

---

(2) Dados autobiográficos extraídos da contracapa de um dos volumes, publicados, das Obras Completas do Autor.

(3) e (4) Excertos da nota prefacial do livro *Horas Mortas*, 1ª edição, pág.7.

# Índice

Palavras prévias .....	5
<i>Cartas de João de Araújo Correia</i> , A.M. Pires Cabral .....	7
<i>Recordando a Manta de Farrapos</i> , Alexandre Parafita .....	12
<i>A Crítica Pedagógica de João de Araújo Correia no Conto “Dois Anos de Viúva”</i> , Altino Moreira Cardoso .....	13
<i>João de Araújo Correia, a água da Eternidade</i> , António Fortuna .....	34
<i>Memória e Referência na Prosa e na Poesia de João de Araújo Correia</i> , António José Borges .....	35
<i>João, curador das gentes, curador das letras</i> , Francisco Gouveia .....	43
<i>O primeiro João de Araújo Correia</i> , João Bigotte Chorão .....	45
<i>Um encontro para toda a vida</i> , José Braga-Amaral .....	47
<i>Lembrança de João de Araújo Correia</i> , José da Cruz Santos .....	49
<i>Cidadania e memória nas crónicas de João de Araújo Correia</i> , M. J. Martins de Freitas	51
<i>A palavra fecundante</i> , Maria Alzira Seixo .....	52
<i>João de Araújo Correia, o grande cronista do Douro</i> , Maria da Assunção Morais Monteiro .....	57
<i>A Régua vista por João de Araújo Correia, cronista</i> , M. Hercília Agarez .....	66
<i>Como conheci o Dr. João de Araújo Correia</i> , Mário Mendes .....	75
<i>Evocação saudosa do extinto amigo Dr. João de Araújo Correia — ilustre médico e escritor</i> , Nuno Nozelos .....	77





ISBN: 978-972-9462-73-3

0 0 0 3 2 0 1 0